

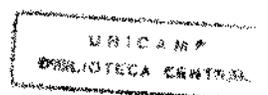
Fernanda Duayer Picardi

LINGUAGEM E ESQUIZOFRENIA: NA FRONTEIRA DO SENTIDO

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Nina Virgínia Leite

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1997



6749016

| | |
|--------------|-----------------|
| UNIDADE | BC |
| N.º CONTAGEM | |
| | unicamp |
| | P58L |
| V | |
| T | 29922 |
| F | 28/97 |
| C | [] [] [] [] |
| PREÇO | R\$ 11,00 |
| DATA | 30/09/97 |
| N.º CPD | |

CM-00097268-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P58L Picardi, Fernanda Duayer
Linguagem e esquizofrenia na fronteira do
sentido / Fernanda Duayer Picardi. - - Campi-
nas, SP : Is.n. 1, 1997.

Orientador: Nina Virgínia Leite
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem.

1. Psicanálise. 2. Esquizofrenia. 3. Lin-
guagem I. Leite, Nina Virgínia. II. Univer-
sidade Estadual de Campinas. Instituto de Es-
tudos da Linguagem. III. Título.

Nina Virginia Leite

Profª Drª Nina Virginia Leite — Orientadora

Maria Fausta C. P. de Castro

Profª Drª Maria Fausta C. P. de Castro

Kanavillil Rajagopalan

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por Fernanda Duayer

Ricardi

e aprovada pela Comissão Julgadora em

04/02/98.

Prof. Dra. Nina Virginia Leite

E o que é um autêntico louco?

É um homem que preferiu ficar louco, no sentido socialmente aceito, em vez de trair uma determinada idéia superior de honra humana.

Assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se porque se recusavam a ser seus cúmplices em algumas imensas sujeiras.

Pois o louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis.

(Antonin Artaud)

DEDICATÓRIA

Para Ronaldo.

AGRADECIMENTOS

À prof^a. Nina, pelas orientações valiosas, sem as quais este trabalho não teria sido possível, e pelo incentivo e confiança quando tudo ainda era somente um espanto intenso;

À prof^a. Fausta e ao Prof. Raja, pelas sugestões e críticas fundamentais no aprimoramento deste trabalho;

A Clarice, a Liana, a Silene e a toda a equipe do Hospital Cândido Ferreira, por terem facilitado meu contato com LC;

A LC, pela disponibilidade e paciência em “conversar” comigo;

A meus pais, pela força e compreensão de sempre;

A meus filhos, Hanna, Fernando e ao que está por vir, pelo sentido acrescentado a tudo que faço.

RESUMO

Nesta dissertação persigo dois objetivos fundamentais: o primeiro é sustentar, a partir da teoria psicanalítica lacaniana, a existência de uma diferença estrutural entre a linguagem na estruturação esquizofrênica e a linguagem na estruturação neurótica (ou como querem alguns “normal”). Diferença esta que torna problemática a constatação — a partir dos mesmos instrumentos teóricos utilizados para perscrutar a linguagem “normal” — de deficiências na linguagem na esquizofrenia.

O segundo objetivo é o de buscar compreender, a partir da análise de um *corpus* específico, o que torna a linguagem na esquizofrenia reconhecível como tal. Em outras palavras, interessa-me compreender o que permite a alguém (psiquiatra, lingüista, etc.) reconhecer uma determinada produção linguística como “esquizofrênica”.

SUMMARY

This text pursues two main goals: the first one is to support, from the point of view of Lacanian psychoanalytical theory, the structural difference between language in schizophrenia and language in neurosis. The assumption of this difference leads to an unusual theoretical position: linguistics is no longer authorized to take language in schizophrenia as a defective variant of the so-called 'normal' language.

The second goal is to understand what makes language in schizophrenia, language in schizophrenia. The point here is to understand what in putative schizophrenics' language allows people (specially scientists) to a schizophrenia diagnosis.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------|
| Introdução | 2 |
| Fundamentos teórico e objetivo | 4 |
| A constituição do sujeito na linguagem e a articulação do problema | 6 |
| Metodologia | 14 |
| Capítulo 1 — A transformação da diferença em deficiência: a esquizofrenia no discurso psiquiátrico | 16 |
| A esquizofrenia na Lingüística | 21 |
| Em busca do ponto de ruptura: a esquizofrenia na pragmática | 29 |
| Capítulo 2 — Da metáfora ausente ao sentido perdido | 39 |
| O “estranho” na linguagem na esquizofrenia | 61 |
| Capítulo 3 — A significação na fala na esquizofrenia: inteligibilidade e efeitos de sentido | 68 |
| A ausência da textualidade: a fronteira do sentido | 79 |
| Uma questão insistente | 84 |
| Conclusão | 89 |
| Bibliografia | 91 |
| Apêndice | i-xxi |

Introdução

Longe de ser a loucura um fato contingente das fragilidades humanas, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta na sua essência. Longe de ser para a liberdade 'um insulto', ela é sua mais fiel companheira, ela segue seu movimento como uma sombra. E o ser do homem, não somente não poderia ser compreendido sem a loucura, mas ele não seria o ser do homem se não trouxesse nele a loucura como limite de sua liberdade.

(Jacques Lacan)

É preciso, nesta introdução, recuperar trajetos, caminhos e descaminhos. A questão da linguagem da "loucura" colocou-se para mim num momento em que meu trabalho com a linguagem reclamava minha inclusão. Até então, a linguística tradicional, operando a *forclusão* do sujeito (ponto sem dimensão, nem desejo, nem inconsciente) e do equívoco (aquilo que torna a língua capaz de poesia), se me apresentava como única possibilidade. A insatisfação, entretanto, era grande. Minha experiência com a linguagem poética apontava-me uma dimensão da linguagem que escapava (ou seria convenientemente recalçada?) à Linguística. No limite de uma experiência quase física¹

¹ Algumas pessoas que leram esta introdução indagaram-me sobre o que eu queria dizer com "uma experiência física da linguagem". As minhas tentativas de explicação, entretanto, nunca ultrapassaram um impressionismo, que embora tenha provocado efeitos, acredito, nunca esclareceu totalmente *o que eu queria dizer* com isso. Talvez esta *impressão* mereça uma outra tese. Por enquanto ficam as palavras de Artaud, que me parecem traduzir na forma e no conteúdo a natureza dessa experiência física da linguagem: "Fazer a metafísica da linguagem articulada é fazer com que a linguagem exprima aquilo que ela não exprime habitualmente: é servir-se dela de um modo novo, excepcional e inusitado, é restituir-lhe suas **possibilidades**

com a linguagem, eu me perguntava se haveria outras formas de relacionamento com esta. Seria possível para o sujeito estabelecer uma relação mais erotizada com a linguagem? Uma relação em que operasse uma outra ordem diferente daquela da linguagem comum em que uma sintaxe lógica e linear e manipulada por um eu estável e unificado numa "personalidade" (re)produziam uma significação também estável e, muitas vezes, esvaziada pela imperatividade de fazer sentidos? Foi movida por estas questões e, certamente, por outras que eu não saberia dizer, que decidi atravessar o muro que separa a "razão" da "loucura". Mais especificamente, o muro do hospital psiquiátrico Cândido Ferreira. Com um gravador em punho e ainda sem saber exatamente como proceder, aterrissei no HD, onde, durante seis meses, mantive contato sistemático com os pacientes diagnosticados como esquizofrênicos. Dessa história, da qual há muito a dizer, não tratarei agora.

O interesse pela "linguagem" da loucura surgiu, assim, de um desejo de compreender os limites da minha própria linguagem, do meu próprio ser enquanto ser de/na linguagem, *falasser*. Estas questões desembocavam, portanto, na problemática mesma da constituição do sujeito da/na linguagem...

A Análise do discurso (AD) enquanto teoria não subjetiva da subjetividade surgiu, num primeiro momento, como lugar privilegiado para se tratar das questões relativas ao *sujeito* e ao *sentido*. Questões estas excluídas ou pressupostamente já resolvidas na

de abalar fisicamente; é dividi-la e reparti-la ativamente no espaço; é tomar as entonações de uma maneira concreta absoluta e devolver-lhes seu **poder de ferir** e de realmente manifestar alguma coisa; é voltar-se contra a linguagem e suas origens baixamente utilitárias, suas origens de fera encurralada, puramente alimentares; é, enfim, considerar a linguagem sob forma de **Encantação**." (*Escritos de Antonin Artaud*, 1986:70-grifos nossos)

Linguística tradicional (em que o sujeito inexistente) e na Teoria da Enunciação (em que o sujeito adquire o estatuto de fonte da linguagem, de seu dizer). Na AD o sujeito deixa de ser concebido como sujeito ideal, como centro de uma individualidade e passa a ser efeito, efeito de linguagem, o que permite a ruptura com a ideologia da transparência (linguagem como representação do pensamento). Entretanto, a AD (teoria que tem por objeto o discurso enquanto instância em que se constitui o sujeito, lugar onde o indivíduo é interpelado em sujeito, produzindo uma ilusão de subjetividade) seria suficiente para dar conta de uma linguagem que nem se sabe linguagem, de um sujeito que nem se sabe sujeito? Ou seja, seria legítimo chamar o "discurso esquizofrênico" de discurso? É o "sujeito esquizofrênico" de sujeito? Seria possível encontrar na "linguagem esquizofrênica" algo que se assemelhasse a um efeito-sujeito? O que seria afinal uma "subjetividade esquizofrênica"? Buscar respostas para estas questões implicava ir mais fundo, ao além ou ao aquém discursivo, ao momento mesmo de constituição do sujeito na linguagem. A descoberta da psicanálise não tardou a acontecer...

Fundamentos teóricos e objetivo

A psicanálise lacaniana ocupará neste trabalho uma posição fundamental, não só como teoria que diz da constituição do sujeito como materialidade significante, mas como uma ética a regular o desejo do linguísta, pois como nos lembra Milner:

...a linguística não é como a lógica: o real em que ela se sustenta não é suturado, ele é percorrido de falhas - que se fazem notar do lugar mesmo da ciência. (1987:8)

Desejo este, desde sempre presente na linguística, de que a língua, ou o real da língua, seja da ordem do calculável, do Um, do regular.

...o tipo de escrita que a linguística se propõe não pode ser cumprida se o não todo conserva o menor direito à existência. Resta, pois, nada saber, ignorar tudo o que vem da alíngua. (Idem:27)

Alíngua, na definição de Milner, é “aquilo pelo qual, de um único e mesmo movimento, existe língua (ou seres qualificáveis de falantes, o que dá no mesmo) e existe inconsciente.” (Idem:17-18) O desconhecimento das implicações trazidas pelo fato de haver *alíngua* tem sido a condição da existência da linguística tal como a conhecemos, ou seja, uma teoria cujo objeto tem o estatuto de representável, de regular:

...a língua (...) suporta o não-todo da alíngua, mas, para que este se faça objeto da ciência, é preciso que ele seja apreendido como uma completude: a língua é a rede pela qual a alíngua falta, mas em si mesma a rede não deve comportar nenhuma falta. (...) Para chegar aí, a linguística deve propriamente ignorar a falta e sustentar: 1) que da alíngua, ela não tem nada a saber e 2) que a rede de impossível que a marca é consistente e completa. (Idem:26)

A linguagem da esquizofrenia, ao fazer implodir toda a previsibilidade da língua constituída e do discurso nos coloca diante deste real da (a)língua numa posição periclitante. Frente a um sentido que não podemos recuperar, restam-nos dois caminhos: ou “esquecemos” que o que opera aí é uma outra instância, a saber, a do real, e procedemos por comparação com a linguagem dita “normal”, enredados em sua consistência e totalidade imaginárias, o que certamente resultará na constatação de uma

deficiência imanente à "linguagem do esquizofrênico"; ou reconhecemos a diferença estrutural e, com isso, deslocamos nosso olhar da organização própria da língua constituída² para uma organização de outra ordem, a da primazia do significante.

O primeiro caminho tem sido o privilegiado na maior parte dos trabalhos da área de linguística que tratam da questão da "linguagem esquizofrênica". Partindo de uma concepção de linguagem como transparência, representação do pensamento, instrumento de comunicação, tem-se chegado facilmente à conclusão de que o esquizofrênico usa mal o "instrumento" da linguagem, legitimando, por esta via, a estigmatização da diferença. Neste trabalho pretendo analisar algumas destas produções com o objetivo de compreender de que "desconhecimentos" deriva a atribuição de um estatuto deficitário à "linguagem" dos esquizofrênicos. Atribuição esta que determina a cumplicidade de certas teorias da linguagem com o discurso de controle sobre os sentidos, representado pela psiquiatria e pela psicologia.

A constituição do sujeito na linguagem e a articulação do problema

Acredito que a comparação entre a estrutura psicótica e a estrutura neurótica, ao trazer luz para a compreensão da problemática da constituição do sujeito, poderá apontar uma via de acesso ao funcionamento da linguagem na psicose.³ Para tal tomarei como

² Quando dizemos língua constituída estamos nos referindo à língua constituída imaginariamente como transparente, regular, estratificada, calculável.

³ É importante ressaltar que linguagem na psicose não é sinônimo de linguagem na esquizofrenia. A psicose compreende duas manifestações principais: a esquizofrenia e a paranóia, que diferem radicalmente no que diz respeito ao funcionamento linguístico. A paranóia se caracterizaria por uma dimensão egóica do

norte a teoria psicanalítica lacaniana, naquilo que ela revela da relação entre linguagem, inconsciente, sujeito e significante.

Na psicanálise lacaniana a linguagem é a condição mesma do humano, isto é, sem o acesso à ordem simbólica a criança (*infans*) não adquire sua individualidade. É necessária a intermediação operada pelo simbólico entre o homem e o mundo para que ele possa se auto referenciar, saindo da indistinção da natureza. Trata-se, portanto, da renúncia ao imediato e da entrada na mediação, ou seja, no domínio do simbólico. A linguagem é, nesta perspectiva, a condição da tomada de consciência de si como entidade distinta do mundo e do outro. Entretanto, paga-se um preço pela humanização: se, como diz Lacan, *a palavra é a morte da coisa*, sendo necessário que a coisa se perca para ser representada, da mesma forma o sujeito, para se nomear em seu discurso ou para ser nomeado pela palavra do outro, se perde na sua realidade ou sua verdade. Trata-se do paradoxo do ser humano: é preciso perder para ganhar, é preciso sujeitar-se a uma ordem exterior a si, sujeição esta que ele precisa “esquecer” para poder ser. A condição do sujeito está implicada pois numa ilusão constitutiva, num desconhecimento de sua sujeição ao Outro⁴, ao significante, à linguagem. O ser humano esquece-se de que é uma exterioridade em relação a si mesmo, ou que, como disse Rimbaud da alto da sua lucidez

imaginário, uma consistência do *eu*, o que resulta na perseguição pelo paranoico de um sentido absoluto, único. A esquizofrenia, ao contrário, caracteriza-se por um imaginário quase sem *eu*, o que produzirá, veremos oportunamente, efeitos bastante diversos sobre o funcionamento linguístico.

⁴ Estaremos usando a noção de Outro neste trabalho em suas duas acepções, a nosso ver complementares: como representante da dimensão do exterior em relação ao próprio corpo, ou seja como representante da realidade exógena em relação à endogeneidade do corpo; e, como diz Lacan, “lugar do tesouro do significante, o que não quer dizer do código, pois não se trata de conservar aí a correspondência unívoca de um signo a alguma coisa, mas que o significante se constitui apenas por uma reunião sincrônica e enumerável, em que cada um se sustenta apenas pelo princípio de sua oposição a cada um dos outros.” LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: ———. Escritos. Perspectiva, 1992:288.

de poeta, *Je est un autre*. O eu nasce do esquecimento daquilo que o determina: desconhecimento de sua própria origem enquanto ser ainda não dividido pela linguagem. Esse desconhecimento portanto é constitutivo da subjetividade. A entrada na linguagem marca ainda o aparecimento do recalque primário, que ao promover a divisão entre o psiquismo mais íntimo e o sujeito consciente, engendra o inconsciente. O inconsciente, portanto, é conseqüência do próprio fato de haver linguagem, da divisão do sujeito quando de sua entrada no domínio do simbólico.

No homem, a relação entre organismo e realidade exige e implica o surgimento de uma instância linguística construída — o *ego*. E essa instância é marcada pela dialética das identificações que organiza o imaginário humano em dois estágios: 1) primário — neste estágio há ainda uma confusão entre o eu e o outro. Não há propriamente uma identificação e sim uma submissão ao desejo materno. A mãe é o outro e o Outro⁵. O sujeito ainda é apenas objeto fálico ou objeto imaginário do desejo do outro, não tem nome próprio⁶, ou seja, um substituto simbólico de si; 2) secundário — a identificação secundária realiza-se no advento da linguagem. É, portanto, necessário que o sujeito liberte-se dessa relação imaginária primeira e aceda ao simbólico, à linguagem que o engendrará como sujeito. O outro agora é não mais a mãe, o segundo, mas o pai, o terceiro, a linguagem, a lei, o interdito.

⁵ Ver nota 4.

⁶ O nome próprio, em psicanálise, possui um significado muito importante, pois é através da nomeação que se dá a inserção do sujeito na cadeia significante, seu lugar no desejo dos pais, na família, na sociedade, antes mesmo do seu nascimento. A nomeação é, portanto, a “primeira condição a toda possibilidade para o sujeito poder, por sua vez, aí [na cadeia significante] se inserir, a fim de se reconhecer outra coisa que não apenas um simples acidente biológico.” (Aulagnier, P. Observações sobre a estrutura psicótica. Em: Aulagnier et al. 1979:14).

A criança, assumindo a lei do pai, passa do registro do ser (ser o falus onipotente) para o registro do ter (ter um desejo limitado, legislável e enunciável) e se engaja na procura de objetos cada vez mais afastados do objeto inicial de seu desejo. (...) O desejo de ser o falus que falta à mãe, o desejo de união com a mãe é recalçado e em seu lugar vem um substituto: aquele que o nomeia e ao mesmo tempo o transforma: isto é, o símbolo. (Lemaire, 1989: 133)

É o primado do simbólico sobre o real e o imaginário. Não há escolha: ou o sujeito submete-se ao simbólico ou soçobra na doença (como é o caso, veremos adiante, da psicose). O sujeito aliena-se à linguagem, ao significante, tornando-se efeito de linguagem. Aquilo que um significante representa para outro significante:

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si próprio, ele traz em si o verme da causa que o escinde. Pois sua causa, é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e ele não poderia representar nada senão para um outro significante: a que desde então se reduz o sujeito que escuta. (Lacan, 1978:319-20)

Assim, o sujeito na linguagem estará sempre já morto, ou seja, representado, presente como uma ausência. Entretanto não há saídas, já que não existe sujeito fora da linguagem. Com o remanejamento identificatório provocado pela entrada no simbólico, o desejo ganha causalidade interna. A falta para ser, criada pela imposição da Lei, implica a eternização do desejo que, de significante em significante, se desloca metonimicamente, na demanda, isto é, nas formas socialmente avalizadas do desejo humano. Mas, como afirma Lacan (*apud* Lemaire 1989: 222), “se o Outro é o lugar de desdobramento da palavra — a outra cena —, é necessário colocar que o desejo do homem é o desejo do Outro”. Assim, a impossível coincidência entre desejo e demanda condena o desejo do homem a errar metonimicamente pelos desfiladeiros do significante.

O sujeito faz no discurso a prova de sua falta para poder ser, pois aí ele e seu desejo são apenas representados. Entretanto, se o acesso ao simbólico concede ao sujeito uma individualidade, a impossível coincidência entre o eu sujeito da enunciação e o eu sujeito do enunciado lança a dialética de suas alienações. O sujeito se fixa em seus enunciados, em seus papéis sociais que edificam pouco a pouco o *ego*, lugar das identificações imaginárias do sujeito. O *ego*, contudo, é uma instância necessária pois sem ela ficaria impossível a formação de uma primeira superfície — a discursiva. Se só existissem singularidades, não haveria possibilidade de comunicação, de elo social. O indivíduo, assim, tendo saído da relação dual, responde ao seu nome próprio com a sua *forma-sujeito*⁷ como agente de práticas sociais, adquirindo existência histórica. Mas, se a determinação histórica existe para o sujeito e o caracteriza enquanto "sujeito do esquecimento" (Pêcheux, 1988) — assujeitado a uma ordem (formações discursivas e ideológicas) que desconhece, possibilitando-lhe a ilusão da transparência e unidade — ela é subordinada a uma outra ordem: a da linguagem, em que desaparece o sujeito que fala. Seu lugar é o vazio ou os intervalos, as falhas do próprio dizer, entre o eu falo e o eu sou. Inelutavelmente preso nas malhas do sistema simbólico pela rede dos significantes a ele preexistente e que o condiciona antes mesmo de sua existência, o sujeito se divide na própria linguagem em sujeito do discurso (efeito-sujeito⁸) e sujeito do desejo

⁷ A expressão forma-sujeito é introduzida por Althusser L. (1985: 93) "Todo indivíduo humano, quer dizer social, não pode ser agente de uma prática se ele não assumir a 'forma-sujeito'." Pêcheux utiliza frequentemente esta expressão em seus trabalhos de Análise de Discurso, para indicar o sujeito afetado pela ideologia. É neste sentido que a expressão está sendo empregada neste trabalho.

⁸ O termo *efeito-sujeito* está sendo empregado neste trabalho conforme a acepção a ele emprestada por Leite (1994), isto é, "indicando a ilusão necessária implicada na configuração imaginária de uma unidade egôica." (p.27). Neste sentido o efeito-sujeito relaciona-se ao "sujeito interpelado pela ideologia" de Pêcheux, ou seja, "o efeito ideológico 'sujeito', pelo qual a subjetividade aparece como fonte, origem, ponto de partida ou ponto de aplicação." (Pêcheux 1988: 131)

inconsciente (sujeito-efeito⁹). No discurso cotidiano o que comparece é o efeito-sujeito (unidade egóica imaginária). Há momentos, entretanto, em que o sujeito-efeito da linguagem emerge: os chistes, os sonhos, os lapsos, a arte. Nestes momentos esse esquecimento constitutivo se apaga, se neutraliza e o sujeito surge de uma fenda na linguagem, momento de tensão entre sentido e não-sentido. Dessa forma poderíamos imaginar que a “fala esquizofrênica”, com seus sentidos inacessíveis, imprevisíveis, possuísse a mesma natureza das formações do inconsciente, ou seja, seríamos levados a pensar que estaríamos diante de um *sujeito-efeito*, de uma subjetividade radical. Entretanto, esta seria uma conclusão apressada, pois a noção de *sujeito-efeito* aplica-se à estrutura neurótica, a um sujeito que simbolizou o Nome-do-Pai, que recalcou. Lacan distingue a estrutura neurótica, caracterizada pelo recalçamento (*die Verdrängung*) e pela denegação (*Die Verneinung*) da estrutura psicótica, caracterizada pela forclusão (*Die Verwerfung*). O psicótico seria, então, aquele que não simbolizou, que foracluiu a metáfora paterna. Aquele que não foi nomeado, que não se distinguiu como eu, permanecendo, portanto, numa relação dual, imaginária com o mundo. O psicótico não se submeteu da mesma forma que o neurótico ao simbólico e, por conseguinte, não disporia de uma subjetividade e de um significante dela, confundindo-se com a própria coisa e com o outro.

⁹ Novamente estamos utilizando a noção de sujeito-efeito conforme a empregada por Leite (1994): “O outro plano a se considerar deve referir-se ao fato do sujeito possível da lei [efeito-sujeito] ser marcado irremediavelmente pela inexistência do objeto, o que determina que se considere a sua divisão, a qual resulta da estrutura da linguagem. Neste caso estamos, portanto, necessariamente nos referindo ao sujeito-efeito da linguagem. Este é o plano em que se pode considerar o sujeito do desejo inconsciente... O sujeito do desejo é definido na sua dependência para com o significante e nisto lhe falta identidade, à qual o sujeito possível da lei oferece uma resposta sob a forma da ilusão de uma unidade projetada na imagem do outro, referenciada a um Ideal de Eu.” (p. 27)

Previamente a qualquer simbolização - essa anterioridade não é cronológica, mas lógica - há uma etapa, as psicoses o demonstram, em que é possível que uma parte da simbolização não se faça. Essa etapa primeira precede toda dialética neurótica que está ligada ao fato de que a neurose é uma palavra que se articula, na medida em que o recalçado e o retorno do recalçado são uma só e mesma coisa. Assim pode acontecer que alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalçado, mas rejeitado. Não está demonstrado. Não é tampouco uma hipótese. É uma articulação do problema. (Lacan, 1988:97)¹⁰

Como reflexo do símbolo rejeitado, do significante recusado, a forclusão constitui uma espécie de estrutura própria, original, no interior da qual organiza-se uma nova estrutura de fala. A fala articulada sob o processo de forclusão põe em xeque o paradoxo constitutivo do sujeito em que o eu é um outro. O *estranhamento*¹¹ em relação à fala do esquizofrênico parece ter origem no fato de que ele não tem que respeitar as construções imaginárias e o jogo do esquecimento que sustentam a dialética discursiva. Nessas falas parece não haver um eu que busque na identificação imaginária a criação de uma superfície discursiva, que lhe confira a ilusão de autonomia. Sua fala parece destruir todo um projeto do ego, em que a dissimulação é um pressuposto. Assim a fala do esquizofrênico nos flagra na nossa ilusão da busca da transparência, de uma coerência e clareza interlocutiva, desenvolvendo em seu lugar uma fala em que o significante parece

¹⁰ A colocação de Lacan nos dá a medida das indefinições e dificuldades no que diz respeito à compreensão da psicose. A este respeito vale citar Calligaris (1989:23): "(...) não há universal da psicose. Dizer que o universal da psicose seria a forclusão do nome-do-pai, não é fundar um universal da psicose, mas constituir o conjunto negativo da neurose e da perversão (psicose é o que não é ...). Isso não nos diz o que é psicose." Esta colocação é importante porque nos previne contra o risco de se fazer da noção de forclusão uma positividade, aquilo mesmo que definiria a psicose, quando na verdade trata-se de um universal negativo. Não estamos com isso diminuindo a importância da formulação de tal noção, ela nos será extremamente útil e operativa neste trabalho.

¹¹ Estamos mobilizando este termo na sua acepção freudiana (*Unheimlich*). O alcance psicanalítico deste termo será analisado no capítulo 2.

ter sido privatizado, fundando um referencial particular, um significado inacessível, pois não se têm as chaves.

Tendo aberto este parêntese que não é mais do que uma tentativa de resumir, ainda que de forma grosseira ou incompleta, alguns pontos da problemática da constituição do sujeito na linguagem segundo a perspectiva lacaniana, passo à minha questão: o que torna a linguagem dita “esquizofrênica” reconhecível como tal?

Esta questão, bastante genérica, se desdobra em outras mais específicas: Quais seriam os critérios que permitem a alguém (médico, psiquiatra, lingüista) identificar uma determinada fala como “esquizofrênica”? Onde se localizaria(m) o(s) ponto(s) de ruptura entre a linguagem dita esquizofrênica e a “normal”? Qual(is) seria(m) a(s) concepção(ões) ideológica(s) subjacente(s) que sustenta(m) o discurso psiquiátrico e lingüístico sobre a esquizofrenia?

São estas as principais questões que movem esta dissertação e para as quais buscarei respostas no decorrer deste trabalho.

No primeiro capítulo problematizo a designação “linguagem esquizofrênica” forjada na psiquiatria e analiso o papel preponderante da linguagem como principal critério diagnóstico da esquizofrenia. Problematizo também as noções de sujeito psicológico e de indivíduo, advindas da psicologia e sustentadas por uma concepção de linguagem como “transparência” e representação do pensamento. Investigo, por fim, a partir da análise de alguns textos lingüísticos que tratam da questão da linguagem na

esquizofrenia, de que forma certas produções linguísticas acabam por compactuar com o discurso psiquiátrico de transformação da diferença em deficiência.

No segundo capítulo investigo o funcionamento dos processos metafórico e metonímico na linguagem na esquizofrenia. Problematizo, a partir da análise de dados obtidos em entrevista com um indivíduo diagnosticado como esquizofrênico, a afirmação de Lacan de que na linguagem psicótica não haveria metaforização. Investigo ainda, com base no texto “O Estranho” de Freud, a natureza do estranhamento produzido pela fala na esquizofrenia sobre mim.

No terceiro capítulo busco, a partir da distinção entre o inteligível, o interpretável e o compreensível, uma via de compreensão do papel do outro (aquele que escuta) na atribuição de sentidos para a linguagem na esquizofrenia. Relaciono, por fim, a “incompreensibilidade” das produções lingüísticas na esquizofrenia à sua não inscrição na ordem do repetível (interdiscurso), o que possibilitaria, como acontece no discurso produzido na estruturação neurótica, a construção de um sistema estável de referências, capaz de instaurar um espaço discursivo comum que permita a cumplicidade entre os interlocutores.

Metodologia

Não há, na verdade, muito a dizer sobre a questão da metodologia neste trabalho. Não adotei, para a obtenção de dados, nenhuma técnica, nenhum modelo teórico,

nenhum questionário ou inventário temático. Procurei, durante os seis meses em que acompanhei dois pacientes do Hospital Cândido Ferreira, viver a inclusão, vivenciando o dia-a-dia dos pacientes. Assim, passei a freqüentar suas diversas atividades cotidianas: grupos de verbalização, de medicação, oficinas de arte, atividades específicas, além de conversas no pátio do hospital com LC, 29, um paciente semi-interno com diagnóstico de esquizofrenia. Estas “conversas”, gravadas, constituem o *corpus* deste trabalho. Meu objetivo era aproximar-me dos pacientes de forma a conseguir estabelecer um “diálogo sincero”, em que a assimetria razão/loucura fosse atenuada. Entretanto, seriam as relações de exclusão, de coerção anuladas apenas pelo desejo de superá-las? Apesar das boas intenções, percebo, ao reescutar essas “conversas”, que não consegui me livrar do papel de representante da razão. Minha fala é, muitas vezes, a fala de um eu identificado com o científico/lingüístico, marcada por um certo cuidado em não entrar — sob o risco de perder-me — no *nonsense* da loucura. Por outro lado, à medida que eu me expunha à fala do outro, ela me afetava colocando-me em contato com uma fala erotizada, enigmática, obrigando-me a ultrapassar o conforto que o identificatório proporciona e ir de encontro ao próprio dilema do “sujeito”. Assim, neste trabalho, o “sujeito esquizofrênico” não será tomado como objeto diante de um pesquisador neutro, mas constituirá o outro dentro de uma estrutura da qual o interlocutor/pesquisador faz parte.

CAPÍTULO 1

A transformação da diferença em deficiência: a esquizofrenia no discurso psiquiátrico

Neste capítulo buscarei, a partir da análise de textos produzidos por lingüistas que tratam da questão da “linguagem esquizofrênica”, compreender de que forma certas teorias da linguagem acabam por compactuar com o discurso psiquiátrico de transformação da diferença em deficiência. Antes, porém, de apresentar os textos, fazem-se necessárias algumas colocações a respeito da designação “linguagem esquizofrênica”.

Entre as características que levam alguém a ser identificado como “esquizofrênico” a mais óbvia parece ser o inusitado de sua linguagem. Assim, o diagnóstico de esquizofrenia se funda principalmente, e por absoluta dúvida no que diz respeito às suas causas, na própria fala do paciente.¹² A fim de conferir um estatuto de cientificidade ao diagnóstico de “esquizofrenia”, a psiquiatria foi buscar na psicologia e nas teorias da linguagem noções e conceitos que lhe conferissem autoridade. Amparada nas noções de sujeito psicológico (sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte do sentido), de indivíduo (aquele que possui pleno controle sobre si mesmo e sobre seu dizer) e de linguagem como transparência (evidência de sentido produzida por um sujeito

¹² Não pretendemos aqui recuperar a trajetória da Psiquiatria de Bleuler ao “moderno” DMS (Diagnostic Statistic Manual), marcada pela rotulação e segregação da diferença. Este caminho já foi consistentemente percorrido por Mariluci em sua tese de doutoramento defendida em 1995, à qual o leitor é referido. Retomarei, entretanto, alguns pontos, que, acredito, merecem ser reforçados.

monolítico, homogêneo), a Psiquiatria forjou a designação “linguagem esquizofrênica”, a fim de aprisionar em um rótulo aquilo que lhe escapava.

As abordagens psiquiátricas tradicionais da “linguagem esquizofrênica” atribuem a esta linguagem um caráter patológico. O distúrbio linguístico seria, nesta perspectiva, reflexo de um “distúrbio do pensamento”, de um *deficit* cognitivo. Em outras palavras, o problema estaria no “sujeito” e a linguagem, como instrumento transparente de expressão de conteúdos psíquicos, apenas reproduziria num discurso caótico e sem sentido, as deficiências de uma “mente desorganizada”, “esquizofrênica”. Isto fica bastante claro na lista (reproduzida a seguir) de “desordens de pensamento, linguagem e comunicação” apresentada por Andreasen (1979, Archives of General Psychiatry) e citada por Wróbel (1990:6), que caracterizariam a “linguagem esquizofrênica”:

| | |
|---|---|
| <i>1. Poverty of speech (poverty of thought)</i> | <i>Restriction in amount of spontaneous speech</i> |
| <i>2. Poverty of content of speech (poverty of conveys thought, empty speech)</i> | <i>Speech is adequate in length, but little information</i> |
| <i>3. Pressure of speech</i> | <i>Increase in amount of spontaneous speech</i> |
| <i>4. Distractible speech</i> | <i>Repeatedly stopping during speech in response to nearby stimulus</i> |
| <i>5. Tangentiality</i> | <i>Replying to a question in a oblique, irrelevant manner</i> |
| <i>6. Derailment (loose association, flight of ideas)</i> | <i>Spontaneous speech in which ideas slip off track onto another that is nearby related</i> |
| <i>7. Incoherence (word salad, schizophasia)</i> | <i>Incomprehensible speech</i> |
| <i>8. Illogicality</i> | <i>Conclusions reached that do not follow logically</i> |
| <i>9. Clanging</i> | <i>Sounds rather than meanings govern word choice</i> |
| <i>10. Neologisms</i> | <i>New word formation</i> |
| <i>11. Word approximations (paraphasia, metonym)</i> | <i>Old words used in new, unconventional manner</i> |
| <i>12. Circumstantiality</i> | <i>Speech which is indirect and longwinded in reaching its goal</i> |
| <i>13. Loss of goal</i> | <i>Failure to follow a chain of thought to its conclusion</i> |
| <i>14. Perseveration</i> | <i>Persistent repetition of words, ideas or subjects</i> |
| <i>15. Echolalia</i> | <i>Echoing of interviewer's words</i> |
| <i>16. Blocking</i> | <i>Interruption of a train of speech</i> |
| <i>17. Stilted speech</i> | <i>Excessively formal and pompous speech</i> |
| <i>18. Self-reference</i> | <i>Continual return to talking about oneself</i> |

Esta lista de “problemas” observados na fala de pacientes diagnosticados como esquizofrênicos resume significativamente a atitude classificatória da Psiquiatria, ou seja, a tentativa de aprisionar em rótulos explicativos/descritivos aquilo que resiste às tentativas de explicação baseadas em causas orgânicas. Como as causas não são encontradas, a linguagem em sua suposta transparência será a principal “prova” da existência de uma patologia. Assim, a linguagem dita “normal” funciona na psiquiatria como um modelo ideal a partir do qual são identificados os “desvios” ou “deficiências” da linguagem dita “esquizofrênica”. A presumida pobreza ou deficiência do “discurso esquizofrênico” não se deve ao exame das condições concretas de sua produção psíquica, mas a categorias teóricas subsidiadas por regras de controle e relações sociais concretas, em que a **normalidade é um critério estatístico**. A atribuição de um estatuto deficitário à linguagem na esquizofrenia, e por consequência ao “sujeito esquizofrênico”, fica patente no uso de prefixos negativos. Ao contrário da linguagem “normal”, a linguagem esquizofrênica é “incoerente”, “incompreensível”, “ilógica”, “indireta”, “não convencional” (*unconventional*). Termos como ‘restrição’ (*restriction*), ‘pobreza’ (*poverty*), ‘perda’ (*loss*), ‘bloqueio’ (*blocking*) e ‘falha’ (*failure*) reforçam ainda mais a idéia de um *deficit*. A “deficiência” desta “linguagem”, entretanto, não se resumiria àquilo que **falta**, ela compreenderia também o **excesso**, o outro lado da moeda, marcado pela “aberração”, por aquilo que sobra, que excede a “linguagem normal”, constituindo também um desvio do “padrão de normalidade”. Se na lista das deficiências figura “pobreza da fala” (*poverty of speech*) traduzida como “limitação da quantidade da fala espontânea”, encontramos nesta mesma lista “pressão da fala” (*pressure of speech*)

curiosamente explicada como “aumento da quantidade da fala espontânea”. Neste ponto ficamos um tanto desconcertados nos perguntando afinal qual seria e como mensurar a “quantidade adequada” de “fala espontânea”(?!?) que caracterizaria uma fala como “normal”. A impossibilidade de transformar aquilo que é da ordem da heterogeneidade¹³ em uma categoria homogênea faz com que noções pré-teóricas, de senso comum e muitas vezes até contraditórias, como a que acabamos de analisar, sejam empregadas para definir a “esquizofrenia”. Assim, noções nem sempre esclarecedoras como as de “incoherence, marked loosening of associations, markedly illogical thinking or marked poverty of content of speech” (*American Psychiatric Association*, citado por Schwartz 1982:580) passaram a ser usadas na Psiquiatria como critérios diagnósticos da esquizofrenia. Será diagnosticado como esquizofrênico, portanto, aquele que apresentar em sua fala algumas destas características (não necessariamente todas, uma vez que tais características são utilizadas disjuntivamente).

Schwartz aponta para o uso tautológico dessas características que constituem ao mesmo tempo os sintomas e os critérios utilizados como diagnóstico da esquizofrenia.

If disordered speech is a criterion for the schizophrenic diagnosis, then it is no surprise that diagnosed schizophrenics show incoherence, loosening of associations, and so on. (1982:580)

O esquizofrênico será, portanto, aquele cuja linguagem é desviante, incoerente, desordenada, estranha, em uma palavra, “esquizofrênica”.

¹³ Os pacientes diagnosticados como esquizofrênicos apresentam entre eles uma diversidade tão grande de sintomas que levou Bleuler (1950) a fazer referência às “esquizofrenias”, no plural.

A fim de reforçar o papel determinante da linguagem na determinação do diagnóstico na esquizofrenia, invoco Matulis:

In diagnosing schizophrenia, more than other mental disorders, language should play the most significant part because it will clearly reflect the pertinent degree of psychopathology. The schizophrenic's language will show, as nowhere else, the quality of his interpersonal relationship; the perceptual and cognitive organization of his mind; the capacity for attention and concentration; and the harmony of affect and thought. If in any interview one begins to experience the feeling of intense linguistic discomfort, the diagnosis of schizophrenia will not be too far away. (Matulis apud Wróbel 1977:9 – grifos nossos)

Este fragmento deixa claro que concepção de linguagem subjaz ao discurso psiquiátrico. Trata-se de uma perspectiva em que a linguagem é concebida como *espelho do pensamento*, como instrumento de expressão de sentidos que existiriam e poderiam ser concebidos independentemente da sua enunciação. Esta concepção de linguagem, embora subjacente, não é explicitamente assumida no discurso psiquiátrico. Na verdade, a questão da linguagem não é sequer colocada. A transparência presumida da linguagem juntamente com a noção de indivíduo (aquele que tem pleno controle sobre si mesmo e sobre os sentidos do que diz) impede a emergência de qualquer tipo de problematização. A designação “linguagem esquizofrênica”, portanto, está comprometida com uma escuta viciada: a escuta do psiquiatra que não busca compreender os sentidos inusitados que o dizer do outro possa trazer, mas a causa deste dizer “desviante”. Assim, a multiplicidade e a riqueza dessa fala são ignoradas sob o peso da escuta psiquiátrica, surda a tudo o que não se enquadre no modelo socialmente aceito de discurso. A designação “linguagem esquizofrênica” está, por fim, comprometida com um discurso que recalca a materialidade própria da linguagem, capaz de promover a equivocidade: efeitos nem sempre previsíveis de sentido.

Passarei, daqui em diante, a empregar no lugar da designação “linguagem esquizofrênica”, que traz consigo o peso histórico de um conceito psiquiátrico, a designação “linguagem na esquizofrenia”, para me referir à fala produzida em uma estrutura outra, estrutura esta a que já nos referimos genericamente como estrutura psicótica.¹⁴

A esquizofrenia na Lingüística

Como já dito anteriormente, a Psiquiatria foi buscar na Psicologia e em algumas teorias da linguagem subsídios teóricos que conferissem uma certa autoridade científica ao seu discurso. Este movimento da Psiquiatria em direção às teorias da linguagem só foi possível na medida em que uma cumplicidade se verificou. A linguagem na esquizofrenia, com sua verborragia pulsante e suas promessas de sentidos, tem fascinado e atraído a atenção de muitos lingüistas e uma vasta literatura foi produzida sobre o assunto.

A fim de retomarmos a questão enunciada no início deste capítulo e que diz respeito à cumplicidade de certas teorias da linguagem com o discurso psiquiátrico, tomaremos como principais referências os seguintes textos:

¹⁴ Os problemas relativos a esta designação genérica são inúmeros e oriundos de questões totalmente irresolvidas no interior da psicanálise, no que diz respeito à distinção entre paranóia e esquizofrenia e à própria compreensão da psicose. O próprio uso de termos da psiquiatria no interior da psicanálise indicia a dificuldade em se libertar de rótulos consagrados pelo uso. Obviamente, a troca do adjetivo “esquizofrênica” pela locução “na esquizofrenia” não nos descompromete. O rótulo permanece. E como é difícil nos livrar dele! Fica a justificativa e o desejo de, com pequenos deslocamentos como este, não reproduzir o discurso médico-psiquiátrico de que deriva este rótulo.

- BOLLER, F. (1982). A neurologist looks at "schizophasia". In: *The behavioral and Brain Sciences*, 5, 591-592.
- DASCAL, M. and FRANÇOZO, E. (1988/89). *The pragmatic turn in Psycholinguistics: problems and perspectives*. Berlin-New York: Walter de Gruyter. Vol.15
- SCHWARTZ, S. (1982). Is there a schizophrenic language? In: *The Behavioral and Brain Sciences*, 5, 579-588.
- _____. (1982). If there were such people as schizophrenics, what language would they speak? In: *The Behavioral and brain Sciences*, 5, 615- 620.
- WEINTRAUB, W. (1982). What is meant by schizophrenic speech? In: *The behavioral and brain Sciences*, 5, 613-614.

A escolha destes textos justifica-se pelo fato de apresentarem um ponto em comum: todos tomam como modelo ideal a linguagem "normal" e passam a buscar na linguagem "esquizofrênica" tudo aquilo que seja da ordem de um desvio do padrão de normalidade estabelecido.

Schwartz, no artigo de abertura, intitulado *Is there a schizophrenic language?* que dá origem a uma série de artigos-resposta publicados no mesmo periódico, apresenta uma série de trechos de conversas, os quais ele diz ter submetido à apreciação de seus colegas para que eles atribuíssem pontos numa escala que variava de 0 (normal) a 5 (esquizofrênico) pontos. O resultado foi que os dois primeiros trechos, nos quais "os falantes pulavam de um assunto para o outro e produziam associações peculiares, que soavam bem estranhas" [*The speakers jump from one subject to another, produce peculiar associations, and sound quite bizarre.*] foram considerados inequivocamente

esquizofrênicos. Os fragmentos em questão constituem, como afirma Schwartz, um excelente exemplo de como psiquiatras e leigos esperam que os esquizofrênicos falem. O terceiro trecho foi, usualmente, considerado “normal”, pois “ele não era nem estranho nem particularmente obscuro.” [*It is neither bizarre nor particularly obscure.*] A questão, contudo, é que tal trecho havia sido produzido por um paciente diagnosticado como esquizofrênico. A este respeito Schwartz comenta que “a fala esquizofrênica pode nem sempre ser esquizofrênica.” [*Schizophrenic speech, you see, may not always be schizophrenic.*] Já o quarto trecho foi considerado “moderadamente esquizofrênico”, já que embora “ele não fosse estranho, era repetitivo, frouxo e difícil de acompanhar.” [*It is not bizarre, but it is repetitive, loose, and difficult to follow.*] Este trecho havia sido produzido pelo então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon (diagnóstico desconhecido). A conclusão de Schwartz é a seguinte:

Difficult to follow speech is not limited solely to schizophrenics. Schizophrenics may say things that appear strange to listeners, but so do normal people and nonschizophrenic patients. (1982:579)

Apesar da constatação de que os indivíduos ditos “normais” também podem dizer coisas estranhas e difíceis de entender, Schwartz não abandona o propósito de buscar causas para o presumido “déficit” da linguagem na esquizofrenia.

(...) the goal of this paper is to examine the evidence that some schizophrenics have a language (competence) deficit (semantic, syntactic, or phonological), which is responsible for their strange speech. Alternative explanations for their strange verbalizations (information-processing deficits, pragmatic deficits) are also explored.” (idem:581)

Os artigos-resposta, que se seguem, no periódico, ao artigo provocação de Schwartz, apresentam diversas hipóteses explicativas para o chamado “fenômeno da linguagem esquizofrênica.” Não me deterei em cada um deles. Interessa-me apenas localizar aquilo que se apresenta como o ponto em comum: a suposição de um *déficit* lingüístico/cognitivo.

A busca por aquilo que rompe com a “normalidade” da linguagem se dá em vários “níveis”. Diferentes hipóteses foram construídas para explicar as idiossincrasias da linguagem na esquizofrenia. Hipóteses que se apóiam em duas grandes teorias: a que defende a existência de um *deficit* estritamente lingüístico (neste caso a esquizofrenia se aproximaria da afasia, chegando até mesmo a receber a designação de “esquizofasia”) e a que supõe a existência de um *deficit* cognitivo (neste caso a linguagem seria apenas o reflexo de uma disfunção mental). Em ambas as abordagens a linguagem é considerada incompreensível e, portanto, comprometida, embora por razões distintas. Na primeira perspectiva o problema se localizaria na forma, as sentenças seriam mal-formadas, truncadas, faltariam elementos coesivos; na segunda, o problema estaria centrado no conteúdo, o qual, apesar da preservação da estrutura morfossintática, seria estranho, incoerente, confuso, incompreensível. A segunda teoria reina soberana nas abordagens lingüísticas da linguagem na esquizofrenia.

Boller, por exemplo, defende a separação entre as “desordens do pensamento”, as “desordens da fala” e as “desordens de linguagem”.

Despite these problems of conceptualization and precise definition, it is useful for neurologists and neurolinguists to separate clearly disorders of speech, disorders of

language, and disorders of thought because they involve different pathogenic mechanisms, different prognoses, and different therapeutic approaches. (1982:592)

Segundo o autor, as desordens de fala seriam de origem orgânica ou psicogênica e incluiriam a gagueira, a “palilalia” e o mutismo. As desordens de linguagem seriam sinônimo de afasia e estariam relacionadas a lesões cerebrais. Já as desordens de pensamento, que também podem ser de origem orgânica ou psicogênica, incluiriam a demência, a depressão, a mania e a esquizofrenia. Em suas palavras:

The language of schizophrenic patients is often abnormal in its content and reflects the abnormal thinking that characterizes schizophrenia. It is the expression of a disorder of thought and is not a disorder of language. (Idem: ibidem)

No caso da Afasia, a presença de lesões orgânicas que possam servir de explicação para os *deficits* linguísticos é reconfortante. A impossibilidade de apontar causas orgânicas que justifiquem os “sintomas esquizofrênicos” leva à postulação de um “déficit cognitivo”. O “estranhamento” provocado pela linguagem na esquizofrenia é reduzido a uma conveniente “desordem do pensamento”, reproduzida pela “linguagem esquizofrênica”. Nesta perspectiva a linguagem é concebida como podendo existir independentemente do sujeito, uma vez que um conteúdo comprometido seria manifestado através de uma forma intacta. Isto fica bem claro na afirmação de Weintraub (1982:613) segundo a qual a “essência da fala esquizofrênica seria a transmissão de mensagens incompreensíveis em formas gramaticalmente intactas”.

Schwartz sugere que os esquizofrênicos teriam problemas no que diz respeito ao processamento de informação e na atenção seletiva, isto é, eles teriam dificuldade em selecionar um determinado estímulo visual ou auditivo no meio de outros. Assim, submetidos a testes auditivos “dicóticos” [*dichotic listening tasks*]¹⁵, os esquizofrênicos falhariam em selecionar os estímulos requisitados.

“The dichotic listening studies have been taken to indicate that slow information processing and defective filtering [recognizing a word from a list of previously presented words] are the two most important determinants of the schizophrenic’s performance.”(1982:587)

Dessa forma a explicação para esta “fala estranha” (*strange speech*) estaria localizada no “processamento de informação”, de “conteúdo”, que resultaria num *deficit* na “performance”.

Um problema que se coloca para os defensores de um *deficit* na performance do esquizofrênico causado por problemas da ordem do processamento de informações e de atenção seletiva é que nem todos os esquizofrênicos dizem coisas esquisitas (*odd things*) o tempo todo. Relatos da própria psiquiatria demonstram que alguns pacientes até o primeiro surto, que pode acontecer tardiamente, apresentam uma fala “normal”. Alguns, após um episódio de surto, nunca mais deixam de manifestar uma “fala esquizofrênica”, outros apresentam apenas ocasionalmente (em períodos de surto, normalmente) características de uma “fala esquizofrênica”.

¹⁵ Neste tipo de teste, palavras e outros estímulos sonoros diferentes são apresentados simultaneamente aos dois ouvidos do informante, ao qual é pedido que selecione parte do estímulo, ignorando o restante.

Incomodados pelo caráter frequentemente esporádico da “desordem” na fala do esquizofrênico, alguns autores propõem a existência de “lapsos na competência linguística”.

Many researches, rightly or wrongly, have still referred to schizophrenic language, apparently because of the recognized syndrome of linguistic deviation that can occur in schizophrenics. If these deviations are caused by a lapse in linguistic competence, albeit usually temporary or intermittent, then we can speak of the disruption in the language of schizophrenics, which is evidenced in disordered speech. (Chaika 1982: 594, grifos nossos).

Schizophrenics do show definite deficits in language production, occasionally in semantic aspects and more often in pragmatic and discourse aspects. (Andreasen 1982: 589, grifos nossos).

Depending on how one views the world, defects in pragmatic (or discourse) aspects of language are deficits in language (as opposed to speech) and may reflect a deficit in competence (as opposed to performance). (idem: ibidem)

O desejo de transformar aquilo que é da ordem da heterogeneidade em uma categoria relativamente homogênea e, portanto, capaz de ser apreendida pelo discurso da ciência, leva alguns estudiosos a fazerem verdadeiras ginásticas teóricas. Assim, segundo estes autores, o esquizofrênico apresentaria “problemas” na *competência* somente nos períodos de surto; no restante do tempo, o problema passaria a ser no “processamento de informação”, o que afetaria o *desempenho* linguístico.

Não é preciso um estudo profundo da teoria chomskiana para perceber a absurda inconsistência teórica de tal hipótese. Para Chomsky, a competência é o conjunto das possibilidades linguísticas inatas dadas pelo fato de se ser falante de uma determinada língua. A competência, portanto, ao contrário do desempenho, o qual é afetado por fatores como contexto situacional, memória e estado emocional do falante, é absolutamente imune a qualquer interferência de ordem empírica, enunciativa. Assim

não é possível supor que a competência dos esquizofrênicos seja afetada nos períodos de surto, voltando a funcionar normalmente num estágio posterior.

Em resumo, todas as abordagens reconhecem tratar-se de uma *fala estranha*, porque, embora reconheçamos se tratar da nossa língua, não nos reconhecemos nela. A ausência de transparência nesta fala incomoda, provoca aquele “desconforto linguístico” referido por Matulis anteriormente. Os sentidos soltos inquietam, é preciso, a qualquer custo, domá-los.

Tomados pela ilusão de uma totalidade imaginária da linguagem e pelo desejo de explicar, de representar, de encontrar regularidades, enfim, de tornar suportável o não-um da esquizofrenia e da própria linguagem verbal, alguns autores são levados a propor hipóteses irreais como a que acabamos de analisar. Certas teorias linguísticas, usadas com propriedade ou não, têm servido, ainda que contra a sua vontade, para sustentar o discurso da psiquiatria. Ao negligenciar a materialidade e o equívoco da linguagem, a linguística (tradicional) tem compactuado com o discurso de controle sobre os sentidos (supostamente transparentes, portanto, controláveis), com o discurso que rotula, segrega, marginaliza a diferença.

Contudo, o que não foi explicitado até agora é que o discurso da ciência — seja o da psiquiatria, seja o da linguística — não é um discurso neutro. Muito pelo contrário. O psiquiatra e o linguista estão, queiram ou não, assujeitados a um discurso ideológico que vem de um lugar estabelecido: o lugar de controle imaginário sobre indivíduos e sobre aquilo que é dito por eles. O louco, ao não se apresentar como um sujeito

individualizado, homogêneo, calculável, visível, em suma, passível de controle, representa uma ameaça à ordem social. Assim, psiquiatras e alguns lingüistas, colaboram, ainda que não tenham consciência disso, para garantir a circulação de discursos socioculturalmente aceitos, desautorizando tudo aquilo que não passe pelo “controle de qualidade” suposto para a normalidade: a enganosa “transparência” dos sentidos.

Em busca do ponto de ruptura: a esquizofrenia na pragmática

Na tentativa de capturar numa hipótese aquilo que escapa na linguagem na esquizofrenia os vários níveis linguísticos são vasculhados em busca “do” ponto de ruptura.

Cutting (*apud* Wróbel 1990), por exemplo, sumariza as evidências experimentais de anormalidades na “linguagem esquizofrênica”, apresentando, como se segue, os resultados de suas investigações em vários níveis linguísticos. No que diz respeito ao nível fonêmico, relata o autor, “anormalidades não foram notadas na fala esquizofrênica, mas há algumas evidências experimentais de mudança na expressão ou percepção da prosódia de fonemas”. Quanto ao nível sintático “com exceção de uma pequena minoria de pacientes crônicos ou incoerentes, pode-se dizer com segurança que a sintaxe dos esquizofrênicos está intacta”. Nível semântico: “o componente semântico da linguagem esquizofrênica não está obviamente desarranjado na grande maioria dos pacientes”. E, finalmente, se referindo ao nível pragmático: “eles [os esquizofrênicos] fracassam no entendimento do significado das palavras em contexto, não conseguem comunicar os

sentidos pretendidos aos outros, a coesão interna de sua própria fala é insuficiente, não se importam com as necessidades do ouvinte e falam de forma mais irrelevante do que propriamente incompetente.”(8/9, tradução nossa)

A incapacidade de localizar num “nível lingüístico” qualquer (fonológico, morfológico, sintático...) o desvio ou o ponto de ruptura, responsável pela *estranheza* da “fala esquizofrênica”, leva alguns autores a buscar o *problema* não mais na linguagem em si (no sistema da língua), mas no seu uso pragmático. Trata-se de uma tentativa desesperada de localizar o problema. A pragmática é evocada como o último recurso. O próprio fato de se buscar uma abordagem pragmática da esquizofrenia é significativo, pois a importância da alteridade (aquele que escuta a “fala esquizofrênica”) na determinação do “problema” na linguagem na esquizofrenia fica subtendida, ainda que não assumida, pelos autores em questão.

Buckingham (1982) sugere que se analise a “linguagem esquizofrênica” sob a perspectiva das “implicaturas conversacionais” e do “Princípio da Cooperação” postulados por H. P. Grice. A questão do autor é a de saber *se e como* os esquizofrênicos estariam infringindo as “máximas conversacionais griceanas”. O autor evoca o trabalho de Hoffman, no qual é mostrado de que forma os esquizofrênicos violam as máximas. A “máxima da quantidade” (*quantity*) — *Faça contribuição tão informativa quanto necessário e não mais do que o necessário* — seria violada pela inclusão de itens excessivos de uma mesma categoria conceitual, o que resultaria no excesso de detalhes não requeridos pelo propósito da conversação (...*inclusion of excess*

items from the same conceptual category. This would result in an overload of detail not required for the specific purpose of the conversation.) Eles infringiriam ainda a “máxima do procedimento” (*manner*) — *Seja claro, evite ambigüidades* — já que não especificariam os antecedentes dos pronomes. (*Schizophrenics fail in providing linguistic antecedents for pronouns*). O autor sugere, inicialmente, que o “problema” (a impossibilidade de extrair implicaturas da infringência das máximas pelos esquizofrênicos) seria uma questão de grau, de intensidade com que as máximas seriam violadas. “It would appear that schizophrenics are by and large flouting, but in some exacerated sense such that hearers quite often cannot draw implicatures.” (Idem:593)

Reconhecendo que os falantes normais também infringem com frequência as máximas conversacionais e, provavelmente, insatisfeito com uma explicação baseada na noção impressionista de intensidade, o autor se vê compelido a encontrar uma outra explicação para a questão. E, concluindo, pergunta retoricamente “Why, then, are schizophrenics flouting in extreme?”, para em seguida responder, de forma categórica, algo que já estava respondido antes mesmo da formulação da questão:

Most researchers, including Schwartz, have ruled out thought disorders, language problems, aberrant word associations, and lower intellectual functioning. I would also suggest we ruled out word-finding deficits. (Idem:ibidem)

Para o autor as violações das máximas seriam simplesmente o resultado de um problema atencional (incapacidade de concentração), o que resultaria numa fala lacunar. “The extreme flouting by schizophrenics (...) quite often leaves too many bridges for hearers to span.” (Idem:594)

O problema que parecia ter sofrido um deslocamento com a evocação da pragmática para explicá-lo, retorna assim para seu lugar de origem: o *indivíduo*, ou melhor, o *não-indivíduo* esquizofrênico, o qual *usa mal o "instrumento da linguagem"*.

Outros autores também foram buscar no Princípio da Cooperação de Grice, explicações para os "problemas de linguagem na esquizofrenia". Dascal, Wachowitz, Zavarín and Singer (*apud* Dascal & Françaço 1988/89), por exemplo, "descobriram" em seus estudos experimentais que a fala dos esquizofrênicos se caracteriza pelo "baixo grau de compromisso com suas enunciações" (*low degree of commitment displayed by them vis-a-vis their utterances*). Os autores propõem que "as falhas na fala esquizofrênica" sejam descritas da seguinte forma:

i) non-allegiance to the Gricean Cooperative Principle; or (ii) limited commitment to the propositional content of the utterance; or lastly (iii) reduced commitment to the nature of the speech act performed. (citado por Dascal and Françaço 1988:16)

Dascal and Françaço (1988) reveêm esta hipótese em *The pragmatic turn in psycholinguistics*, relacionando a "peculiaridade da linguagem psicótica" a um "baixo nível de energia mental no esquizofrênico".

The hypothesis is that the schizophrenic's verbal garbage is the result of the patient's low capacity to control his mental operations. It seems that schizophrenics do not have the resources for careful and precise linguistic construction. Their language is full of approximations of precise words: the patient will substitute phrases rather than try to find a precise word because the former demands less from his psychic economy. In our terms, it seems that once thought-work (to coin a 'freudian' term) is somehow defective - i.e. operates at a low levels of energy - then the linguistic context of thought is not properly dealt with, and intrudes in the formation of thought. (Idem:19)

A hipótese dos autores, portanto, é a de que o “baixo nível de energia mental” (*low level energy hypothesis*) apresentado pelos esquizofrênicos provocaria uma perturbação nas operações mentais, já que o “contexto linguístico do pensamento” influenciaria a própria formação do pensamento. Isto explicaria as “associações bizarras” baseadas em propriedades “materiais” da linguagem. Embora considerem que a linguagem seja um fator constitutivo do pensamento e não simplesmente um espelho deste, Dascal e Françaço reforçam a suposição tradicional de que os esquizofrênicos apresentariam “distúrbios de pensamento”. Assim, o arsenal teórico da Pragmática que representaria, por si só, um avanço, por implicar a existência de uma não univocidade de sentidos naquilo que é dito, é mobilizado apenas para ser em seguida rejeitado: o problema não está localizado na relação entre falantes e nem mesmo na linguagem do esquizofrênico, o que salvaria a integridade do “indivíduo”, mas em sua mente, irremediavelmente defeituosa. A fim de ilustrar a “hipótese do baixo nível de energia mental” e de propor sua interpretação em termos psicopragmáticos, os autores apresentam o seguinte exemplo, produzido por um paciente esquizofrênico em resposta ao pedido para que ele “comentasse” (*commenting*) a palavra *contentment*:

Well, uh, contentment, having a book perhaps, perhaps having a subject, perhaps you have a chapter of reading, but when you come to the word 'men' you wonder whether you should be content with men in your life and then you get to the letter 't' and you wonder if you should be content having tea by yourself or be content with having it with a group or so forth” (Lorenz, citado por Dascal and Françaço 1988)

É interessante, antes de mais nada, tentar recuperar o caminho de algumas associações nesta fala. Em primeiro lugar, a palavra *contentment*, que em português

significa “contentamento”, “satisfação”, foi segmentada em três partes: *content*, *men* e *t*. *Content* em inglês pode significar tanto “contente” como “conteúdo”, “assunto” (*subject*). Assim, livro (*having a book*) estaria relacionado a este outro sentido de *content*, “conteúdo”. Conteúdo do livro, assunto do qual o livro ou o capítulo (*chapter of reading*) trata. A segunda palavra obtida por segmentação é *men*, “homens” em inglês (*you wonder whether you should be content with men in your life*). *Men* (homens) é combinada, desta vez, com *content* (no sentido de contente, satisfeito). E, finalmente, a letra ‘t’, cujo som em inglês é idêntico ao da palavra *tea* (chá) ganha este sentido na frase, em que todos os elementos obtidos por segmentação são combinados (*you wonder if you should be content having tea by yourself or be content with having it with a group [of men] or so forth*). Os próprios autores constataam que “foi somente através da habilidade de “encontrar”, em primeiro lugar, uma representação gráfica (uma letra) no interior de uma palavra e relacioná-la com uma sequência sonora, e então “encontrar” uma entrada lexical, cuja representação fonológica assemelhe-se a sequência sonora, que ele foi capaz de demonstrar o que é estar contente.” (1988:20, tradução nossa). Nesta definição o equívoco sempre presente na materialidade da linguagem é desvelado e sua transparência opacificada. Trata-se de uma elaboração linguística complexa, em que os diversos elementos significantes são analisados, segmentados, associados por relações de sentido e/ou de homofonia. Deixando de lado a questão de uma suposta intencionalidade ou consciência do “sujeito” ao propor estas articulações, o fato é que a complexidade desta definição torna complicada a atribuição de um “*deficit cognitivo*” ou de um “baixo

nível de energia mental”, ou qualquer outro rótulo que se queira inventar para classificar a diferença. A este respeito é preciso prestar ouvidos ao que Lacan tem a nos dizer:

Como de costume, é sempre o significado que colocamos no primeiro plano de nossa análise, porque é seguramente o que há de mais sedutor, e é o que, a primeira vista, parece ser a dimensão própria da investigação simbólica da psicanálise. Mas ao desconhecer o papel mediador primordial do significante, ao desconhecer que é o significante que é na realidade o elemento guia, não só desequilibramos a compreensão original dos fenômenos neuróticos, a própria interpretação dos sonhos, mas nos tornamos absolutamente incapazes de compreender o que se passa nas psicoses. (1988:251)

Assim, uma análise que desconsidere a materialidade própria da linguagem e a primazia do significante estará condenada a encontrar na linguagem na esquizofrenia, pela impossibilidade de uma identificação imaginária que se daria a partir da ilusão da transparência dos sentidos, sempre previsíveis, apenas deficiências. A riqueza e a multiplicidade da linguagem e das produções ditas “esquizofrênicas” são, entretanto, por menos que a vida social queira aceitá-las, um fato. Contudo, para sua apreensão são necessários outros instrumentos, distintos daqueles que foram escutar o psicótico desde o seu isolamento asilar e social. É necessária uma outra escuta, em que a deficiência não seja um rótulo atribuído aprioristicamente a toda diferença.

Dessa forma, a Pragmática, que a princípio vislumbrava a possibilidade de oferecer à abordagem da linguagem na esquizofrenia um tratamento diferenciado, apenas serviu para ratificar aquilo que já estava suposto, antes mesmo que os autores a ela recorressem. A relação entre os falantes, suas crenças, suas histórias, o próprio contexto em que se dão as trocas discursivas, tão caros à Pragmática, foram ignorados nestas abordagens. Se não se entende o que o esquizofrênico fala, é porque ele não respeita as máximas

conversacionais, porque **ele** não se compromete com o que diz, porque **ele** é doente e sua deficiência mental se reflete em sua fala. A suposição socialmente aceita de uma deficiência no esquizofrênico impede que o outro dito “normal” seja colocado em questão. A incapacidade de compreender a fala na esquizofrenia não é, nesta perspectiva, um problema de quem ouve, mas única e exclusivamente daquele que fala. E é por acreditar nisto que todos os textos que apresentamos analisam somente a fala do “louco”: é preciso buscar nela os déficits que não nos permitem entendê-la. Uma concepção de linguagem como instrumento transparente de representação do pensamento sustenta, como já afirmamos, a suposição da deficiência nesta fala.

Do ponto de vista psicanalítico, contudo, um problema mais essencial se coloca. Se, como, vimos defendendo, neurose e psicose constituem de fato estruturas distintas e, de certa forma, incomensuráveis, não faz sentido utilizar conceitos e categorias, criadas para tentar dar conta da linguagem neurótica ou, como querem alguns, “normal”, para analisar a linguagem na esquizofrenia, pois o resultado será, inevitavelmente, a constatação de déficits nesta linguagem.

Nesta perspectiva, é irrelevante dizer que os esquizofrênicos não respeitam o Princípio da Cooperação ou desprezam as “máximas conversacionais”, pois o que está vedado, por uma questão de constituição estrutural¹⁶ dos “sujeitos”, é o próprio compartilhamento de sentidos. E é por sustentar a existência de estruturas diferentes que a psicanálise tem, a meu ver, uma importante contribuição a dar no que diz respeito à

¹⁶ Esta questão será retomada no capítulo 2.

abordagem da linguagem na esquizofrenia. Assim, ao nos deslocar de nossa confortável posição de mestres da linguagem e dos sentidos, a psicanálise nos coloca diante de nossa própria ilusão constitutiva. Somos forçados a relativizar tudo aquilo que aprendemos a ver como a única possibilidade de ser e estar no mundo e na linguagem. Reconhecer a existência de outras estruturas existenciais é reconhecer que as produções nas esquizofrenias são tão legítimas quanto aquelas ditas normais. Tal reconhecimento, sem dúvidas, traz muita resistência. “Ora, se eu não entendo é porque ele é louco!” Atribuir ao outro toda a culpa por nos excluir do seu mundo é o caminho mais fácil e a solução conseqüentemente a mais covarde: da lobotomia aos choques elétricos, do isolamento asilar à marginalização social, longo tem sido o caminho da intolerância.

Entretanto, o que é preciso que fique claro, de tudo o que foi dito neste capítulo, é que algumas teorias lingüísticas foram aqui invocadas, não com o intuito de demonstrar, dentro de seu próprio campo teórico, que elas não funcionam. Os autores são, na maior parte das vezes, coerentes com os pressupostos da teoria que assumem. Na verdade parece não haver saída para a Lingüística tal como se encontra constituída. Sua preocupação em buscar aquilo que seja da ordem do regular, do normatizável, preocupação enfim da própria ciência, não lhe permite certas relativizações. Tais teorias foram evocadas, entretanto, com o intuito de, questionando-as, apontar para uma outra via de análise da questão, uma via apontada pela psicanálise, a qual, acredito, produz efeitos desestruturadores nos alicerces mesmos da Lingüística tradicional. E, se neste trabalho, que se quer pertencente ao domínio da Lingüística, tomei a psicanálise como norte é porque acredito que ela tem, como já disse, algo a contribuir no que diz respeito a

um melhor entendimento da questão da **linguagem** na esquizofrenia. Esse algo a contribuir — que torna pertinente a introdução da teoria psicanalítica no interior de uma dissertação em Lingüística — sustenta-se no fato mesmo de que a linguagem é tocada pelo inconsciente ou seja, pelo fato de haver o real da língua: a alíngua. Assim, a Lingüística, apesar de suas pretensões racionalistas, terá sempre de se haver com a falta, já que seu objeto, a linguagem, comporta o não-todo da alíngua. Como já dito anteriormente, a psicanálise constitui não só uma teoria que diz da constituição do sujeito como materialidade significante, mas também uma ética que regula o desejo do lingüista, desejo de que seu objeto seja da ordem do calculável, do representável em sua totalidade, do regular. Assim, assumir as dificuldades colocadas pelo fato de haver “alíngua” é, antes de tudo, uma questão ética.

CAPÍTULO 2

Da metáfora ausente ao sentido perdido

*Gravata de urubn não tem cor.
Fincando na sombra um prego ermo ele nasce
Lucar em cima de casa enxota cachorro.
Em perna de mosca salobra as águas cristalizam
Besouros não ocupam asas para andar sobre fezes
Poeta é um ente que lambe as palavras depois alucina.
No osso da fala dos loucos há lirios.*

(Mamuel de Barros - Seis ou treze coisas que aprendi sozinho)

Neste capítulo pretendemos investigar o funcionamento dos processos metafórico e metonímico na linguagem na esquizofrenia. Esta idéia surgiu da leitura do capítulo sobre metáfora e metonímia do Seminário III (As psicoses). Ao comentar o texto escrito pelo psicótico Schreber (analisado por Freud), Lacan afirma: “Algo me surpreendeu — mesmo quando as frases podem ter um sentido, nunca se encontra nada que se pareça a uma metáfora.” (1988:248)

Esta questão levantada por Lacan e que diz respeito ao funcionamento da linguagem numa estrutura psicótica, por um lado parece abrir caminho para uma melhor compreensão da “linguagem psicótica” e, por outro lado, nos suscita uma série de indagações. A primeira delas diz respeito à própria noção de metáfora que, como diz o autor, “não é a coisa no mundo das mais fáceis de falar.” (p. 248). Embora Lacan tenha partido das noções de metáfora e metonímia, conforme propostas por Jakobson (dois

eixos fundamentais na produção de significados), tais noções assumem na psicanálise uma significação peculiar. Em “A instância da letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud” (1966), Lacan relaciona os processos freudianos de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*), que constituem as leis do inconsciente, à metáfora e à metonímia, respectivamente. Estas leis são análogas às que produzem sentido na linguagem através da combinação (*palavra a palavra*) e da substituição (*uma palavra por outra*). Os processos metonímico e metafórico produzem efeitos de sentido a partir da contigüidade contextual dos elementos da cadeia significante horizontal e das substituições no eixo vertical.

Através de exemplos da linguagem poética, Lacan nos mostra a radicalidade da primazia do significante sobre o significado, ou seja, o fato de não existir um significado prévio, somente significado resultante. Isto significa dizer que o significado é sempre relativo às conexões e ligações no interior do sistema, não havendo, pois, nenhum significado fixamente ligado a um significante. Segundo Lacan o significado se dá num “só depois”, em função das relações posicionais, naquilo que ele chamou “ponto de estofó”:

A função diacrônica desse estofó deve encontrar-se (point de capiton) na frase, na medida em que ela não cinge sua significação senão com seu último termo, cada termo antecipando na construção dos outros, e inversamente selando seu sentido por seu efeito retroativo. (1992b:288)

Vejamos, a fim de buscar uma melhor compreensão, cada uma das fórmulas propostas por Lacan para ilustrar estes dois processos:

Fórmula da Metonímia

$$F (S...S') S \cong S (-) s$$

ou seja, a estrutura metonímica, indicando que é a conexão do significante com o significante, que permite a elisão pela qual o significante instala a carência do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de remessa da significação para investi-la com o desejo visando essa carência que ele suporta. O signo - colocado entre () manifestando aqui a permanência da barra -, que no algoritmo primeiro marca a irredutibilidade onde se constitui nas relações entre o significante e o significado, a resistência da significação. (1992a:246)

A função metonímica do significante pressupõe a manutenção da barra, ou seja, uma separação entre significante e significado. O significante eliminado desliza sob outro significante, passando a ocupar o lugar do significado, embora permaneça separado do significante que o representa. Enquanto na metáfora o significante substituído permanece ecoando naquele que o substituiu, na metonímia a relação entre o significante patente e o que se deslizou nele não é facilmente recuperável. O que significa dizer que, ainda que de forma menos automática que na metáfora, a relação entre os significantes deslizados na metonímia é também passível de ser restabelecida. Em outras palavras, enquanto no processo metafórico o significante substituído aparece presente-ausente, no processo metonímico ele está ausente, deslizado por contigüidade em outro significante, o que torna mais difícil seu resgate. O efeito metonímico se produz pela elisão do que está abaixo da barra, o que é a mesma coisa que dizer que a metonímia faz *resistência à significação*.

Ainda no texto *A Instância da Letra*, Lacan apresenta o exemplo das “TRINTA VELAS” em que VELAS remete a BARCOS metonimicamente, por contigüidade. Com este exemplo Lacan nos mostra que na metonímia opera não uma analogia real (a parte pelo todo), mas uma relação de contigüidade entre significantes, que produz efeitos de sentido. Se assim não fosse, a analogia revelar-se-ia totalmente inadequada, já que um navio normalmente não possui apenas uma vela. Dessa forma VELAS representa BARCOS sem que realmente VELAS represente BARCOS. Trata-se de uma relação que ocorre exclusivamente entre significantes. Não se trata, pois, de uma designação (VELAS não designa BARCO), mas de um efeito que se produz na conjunção de um significante com outro significante. A relação de cada BARCO com cada VELA fica elidida, gerando uma designação incerta. De onde se pode dizer que na metonímia há perda de significação.

Vejamos, agora, a fórmula simbólica da metáfora, apresentada por Lacan:

$$F \frac{(S')}{s} \cong S (+)s$$

[...]a estrutura metafórica, indicando que é na substituição do significante ao significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação, em outras palavras, de advento da significação em questão. O signo + colocado entre () manifestando aqui a transposição da barra - e o valor constituinte dessa transposição. Essa transposição exprime a condição de passagem do significante no significado, cujo momento eu assinalarei acima, ao confundí-lo provisoriamente com o lugar do sujeito. (1992a:246)

Lacan diz ainda, contrapondo-se aos surrealistas, que a centelha produtora da metáfora não surge da atualização de dois significantes, mas jorra *entre* dois significantes

em que um substitui o outro tomando seu lugar na cadeia. O significante substituído permaneceria presente por sua conexão metonímica com o resto da cadeia.

A metáfora está na origem da criação de sentido, no próprio jogo do significante, que sempre diz mais do que aquilo que o sujeito imagina estar dizendo.

(...) a metáfora não é uma injeção de sentido, como se este estivesse guardado num depósito: (...) só a relação de um significante a um significante engendra a relação do significante ao significado. A distinção entre as duas relações é essencial. (1992a:237)

Com esta advertência Lacan chama atenção para o fato de que o significado não é jamais dado de antemão, mas pela relação entre os significantes. Como exemplo de metáfora Lacan toma um verso do famoso poema de Victor Hugo, “Booz Endormi”(Idem:237) “Seu feixe não era nem avaro nem odioso” (“Sa gerbe n’était pas avare ni haineuse”).¹⁷ Neste verso o significante BOOZ é substituído pelo significante FEIXE. E é nesta substituição de um significante pelo outro que se dá toda a eficácia da metáfora, capaz de produzir efeitos de sentido no contexto do poema. É interessante lembrar que a metonímia é uma pré-condição da metáfora, pois para que esta possa ocorrer é necessário que o significante em questão esteja inserido numa cadeia de significantes. Ou seja, o **valor** de um significante é dado pela sua posição em relação aos significantes que o precedem ou que o sucedem na cadeia. Assim, vemos que os processos metafórico e metonímico estão intimamente relacionados, na medida em que

¹⁷ Não nos interessa aqui refazer a análise detalhada feita por Lacan da operação metafórica presente neste verso. Interessa-nos apenas reter deste exemplo algo que facilite nosso entendimento do processo metafórico

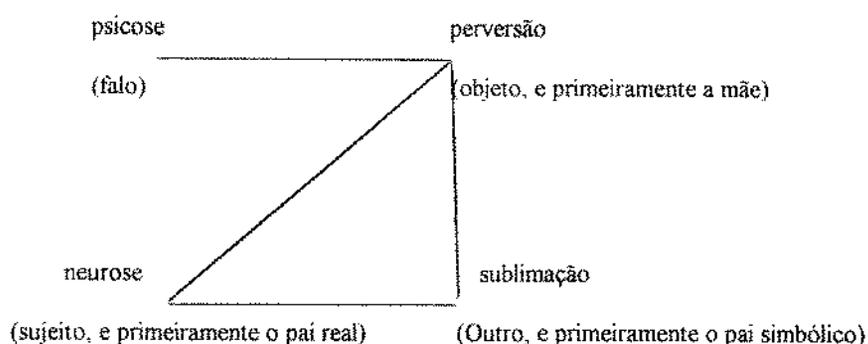
cada significante traz inscrito em si sua posição na cadeia e a cadeia traz inscrita a posição que deverá ser ocupada pelo significante ausente. Em poucas palavras para que haja *substituição* é necessário que o significante esteja relacionado a outros significantes por *contigüidade*. Assim, pode-se dizer que a metonímia é logicamente anterior à metáfora.

Voltando ao poema, vemos que no verso em questão a substituição de BOOZ por FEIXE está marcada por um efeito metonímico resultante da relação de contigüidade com “não era avaro nem odioso”. Esta predicação refere-se a BOOZ, do que se infere que a substituição não é acompanhada de um desaparecimento total do significante substituído, caso contrário não haveria efeito metafórico. Assim BOOZ permanece, enquanto significante latente, reverberando no verso. O significante FEIXE, por sua vez, conotando a abundância e a generosidade remete à fecundidade e ao falo. O efeito poético produzido pelo verso origina-se, portanto, das relações entre significantes, efeito que não se esgota em um sentido fixo, mas na atualização de significações múltiplas interrelacionadas no interior do sistema da língua. Donde se poder dizer que na metáfora — ao contrário do que ocorre na metonímia, em que há perda — há acréscimo de significado.

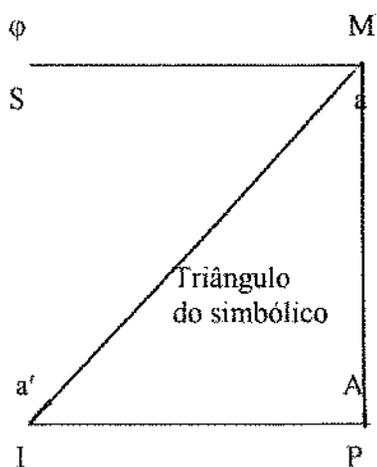
Lembremos ainda com Lacan que o significante não pode operar senão estando presente no sujeito. O sujeito surge como efeito pontual no discurso, como *aquilo que um significante representa para outro significante*. A operação metafórica ao produzir um

sentido inédito faz emergir o sujeito, bem entendido, o sujeito do desejo inconsciente. Daí se poder enunciar a equivalência entre *produção de metáfora* e *presença de sujeito*.

Retomemos, neste ponto, a questão colocada no início do capítulo a fim de refletirmos a respeito da especificidade da linguagem na esquizofrenia. Estou ciente de que o comentário de Lacan a respeito da ausência de algo que se assemelhe a uma metáfora no texto de Schreber, refere-se a “linguagem” de um paranóico e não de um esquizofrênico, ainda que tal classificação seja em alguns pontos questionável. Embora reconheça a diferença entre estas duas formas de psicose, acredito que tal investigação é pertinente em ambos os casos. Como já foi dito anteriormente, a estrutura psicótica diferencia-se da neurótica por uma abolição simbólica, a forclusão da Metáfora Paterna. A forclusão do Nome-do-Pai constitui na psicose o processo fundamental para evitar a castração. Contudo, a recusa da castração não é exclusiva da psicose. A neurose e a perversão também implicam algum tipo de recusa da castração, recusa esta que assume aspectos diferentes em cada uma dessas estruturas existenciais. A teoria das estruturas existenciais, conforme proposta por Juranville (1995), baseia-se em identificações imaginárias com os quatro lugares significantes da cadeia do inconsciente. Em cada situação a castração seria evitada de alguma forma, já que se trata da busca de uma plenitude imaginária através da identificação imaginária. Eis o esquema da identificação imaginária nas diferentes estruturas existenciais, tal como apresentado por Juranville (1995:214):



Este esquema foi construído com base no esquema L, apresentado por Lacan no *Seminário II* e, posteriormente, retomado nos Escritos em *Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*:



Esquema de Lacan ligeiramente modificado

É interessante observar que os três significantes do triângulo simbólico correspondem aos três momentos lógicos da passagem edípica. Em primeiro lugar o *infans* identifica-se com a mãe (a) objeto primordial. Depois com aquele que está no

lugar do ideal do ego — o pai real (a'), com o qual o sujeito, homem ou mulher, terá que se identificar para entrar no jogo do desejo. A seguir este pai real transforma-se em significante quando a mãe, que a princípio ocupa o lugar de significante, aparece, ela mesma, como desejante e designa o pai real pelo nome, ou seja, o Nome-do-Pai. Ocorre, então, a identificação com o pai simbólico (A) ou Outro absoluto, com a descoberta de uma distância entre o valor referencial do Nome-do-Pai e o pai real, que é desejante ele mesmo, isto é, marcado pela castração. E, por fim, aquém do triângulo edipiano, inscreve-se o lugar do sujeito e do falo, necessário se falta o objeto absoluto do desejo e se a inscrição perfeita na linguagem não se dá.

Assim, ao considerarmos a cadeia do inconsciente, o primeiro lugar é o do falo. A identificação imaginária com o falo caracteriza a psicose. O falo, entretanto, é aquilo que está fora de qualquer falta. Em relação à castração, esta é a posição que mais radicalmente a dissimula já que nela se é o falo não podendo, portanto, ser castrado. Como já dissemos anteriormente, a psicose compreende duas manifestações principais: a esquizofrenia e a paranóia. Alguns autores, como Godino Cabas, por exemplo, propõem uma distinção baseada na presença ou ausência do falo.

“Estamos de acordo que toda psicose supõe uma falha no nível do Nome-do-Pai e, portanto, supõe uma desarticulação a nível do falo, mas o que é preciso sublinhar é que, apesar dessa carência, as Psicoses de Presença (Ps'Ø) [caso da paranóia] apresentam uma clara inscrição da função materna, enquanto que as Psicoses de Ausência (Ps'O) [caso da esquizofrenia] parecem carecer, inclusive, daquilo que essa instância inscreve como função no sujeito...”(1988:105)

Assim, se na neurose a relação biológica que se interrompe indica, pela angústia da perda, uma relação a ser estabelecida, isto é, uma presença significativa a ser simbolizada, na esquizofrenia nenhum significativo, capaz de simbolizar esta falta, aparece no campo do sujeito. Se na neurose o significativo da falta é a causa da angústia, a falta da falta é a causa da esquizofrenia, já que o *infans* fica preso e sem alternativas a uma falta que não consegue definir nem determinar. Trata-se de uma morte simbólica, pois a mãe do esquizofrênico é uma função muda. Ao faltar o investimento do desejo materno, resta ao *infans* identificar-se com um buraco. Na psicose de ausência, segundo Cabas, o ausente é o falo. O falo enquanto uma estrutura relacional, como um complexo de relações capaz de habilitar um sentido: o significativo do filho. Trata-se de um elo simbólico que falta. O esquizofrênico buscará portanto, através da demanda e do delírio, restituir aquilo que lhe faltou enquanto estrutura: o falo, o espelho, o desejo do outro. É importante lembrar que é o desejo do outro que introduz a dimensão fática, cuja primeira objetivação na ordem do imaginário materializa-se no estágio do espelho. O esquizofrênico não teve espelho, do outro lado contemplava-lhe apenas uma fenda, um buraco. Assim sua fala é marcada pela demanda como se ele pedisse que o outro (semelhante) fosse o Outro (estrutura), cuja falta tanta falta lhe faria para ser sujeito. Falta-lhe, assim, a articulação da carne com o símbolo, da matéria com o significativo, falta-lhe enfim, uma imagem “gestáltica” de si, capaz de libertá-lo do horror de um corpo fragmentado, de um corpo sem sentido. A este respeito convido o leitor a ler, para efeito de exemplificação, o *corpus* em anexo no final desta dissertação. Transcrevo a seguir uma passagem que nos dá a trágica dimensão da relação do esquizofrênico com o não senso de seu corpo .

LC: Queria que alguém me explicasse assim a carne humana de que é feita?

Eu: De células e essas células são constituídas de elementos básicos...

LC: Graças a Deus, né tia?(...) saber que as células são perfeitas. Às vezes a gente tem aquelas dúvidas, né? Tem medo de achar, de pensar, de agir, de dizer, de falar, a gente não tem certeza de prá quê que serve o corpo mesmo, né?

Eu: Prá quê que você acha que serve?

LC: Não sei, tia. O corpo é que nem uma mesa, né?

Eu: Uma mesa?

LC: É, dois pés, dois braços, dois braços na frente e dois braços atrás, um quadrado que é a medula, depois a tábua de cima.(...) O corpo humano seria assim um temporal dentro de uma mola, né?, um monte de bexiga do vizinho tudo voando, um monte de bexiga do vizinho cheia de gás voando, ficaria uma bola, sentiria aqueles raios voando em volta da gente, descendo na gente, consumindo a gente, ao mesmo tempo fazendo a gente se mover melhor, ao mesmo tempo fazendo a gente se sentir melhor, depois a gente ainda via os bichinhos, os peixinhos, tudo isso, coisa do ser humano. Qualquer ser humano é assim, todos somos assim, na certa todos somos assim. Uma espécie de uma máquina, de um testador.

Uma vez que a função erógena não foi ativada na anatomia, o corpo permanece um puro real, um conjunto de órgãos e de membros sem nenhum sentido, uma máquina de comer, de defecar, uma máquina que se move, uma máquina de falar. Trata-se de um corpo solto, que flutua fora do espaço, do tempo e da história. Sem pré-história, sem lugar no desejo do outro, a tarefa do esquizofrênico é a de construir um mundo no qual sua existência faça sentido. De onde os delírios de construção do mundo.

Nas Psicoses de Presença, por outro lado haveria a presença de um desejo, ou seja, do falo como estrutura relacional capaz de ligar o filho à mãe e esta com suas imagens constituintes. Efetivamente, o desequilíbrio e a desadequação do recém-nascido resolvem-se na relação com a função materna, à qual cabe o oferecimento de um equilíbrio cuja marca (a imagem em questão) supõe a construção de uma subjetividade. Embora na paranóia haja uma imagem referenciando o sujeito, diferentemente do abandono fundamental e do vazio característicos da esquizofrenia, não há lugar nem condições para se simbolizar a função do terceiro. Uma vez renegado no discurso da mãe, o significante do Nome-do-Pai é foracluído, estabelecendo-se uma relação estritamente fusional, que

não dará lugar a nenhuma intercessão mediadora. O desejo da mãe não sendo jamais referido ao pai, o da criança permanece circunscrito à mãe sob a forma imaginária: ser o único objeto de desejo do outro, isto é, ser o seu falo imaginário. Para conservar o falo o paranóico rejeita o Édipo evitando, dessa forma o confronto com a castração. Assim, na paranóia o “terceiro” acaba sendo uma constante ameaça. De onde os delírios de perseguição. A relação com o outro na psicose é, portanto, sempre problemática, ou ele inexistente (sendo confundido com o Outro) ou assume um caráter aterrorizante.

Resumindo, na perspectiva de Cabas, as Psicoses de Ausência se definiriam por uma ausência ao nível da Função Materna, já as Psicoses de Presença (que, a princípio gozariam da presença daquela função) se caracterizariam por uma ausência ao nível da Função Paterna.

É importante lembrar, entretanto, que esta é uma distinção didática e não consensual no interior da psicanálise. A fronteira entre esquizofrenia e paranóia, na prática, não é tão facilmente delineada. Tal é o famoso caso do presidente Schreber, estudado por Freud. Há os que afirmam tratar-se de uma esquizofrenia com traços paranóides, outros que dizem tratar-se de uma paranóia com traços esquizóides e ainda os que afirmam tratar-se, num primeiro momento, de uma esquizofrenia que se desenvolveria posteriormente na direção de uma paranóia, com a construção de uma metáfora delirante (*ser a esposa de Deus*) que lhe asseguraria uma significação, não garantida pela filiação simbólica. Mesmo em relação a LC, que constitui, na perspectiva de seus terapeutas, um caso clássico de esquizofrenia, pode-se verificar (e para tal o leitor

é referido ao corpus anexado ao final desta dissertação) a emergência em sua fala de delírios de perseguição, a princípio característicos da paranóia:

LC: eles[os alunos da escola onde LC estudava] sabiam do meu pai (...) que meu pai era doente (...) eles começaram a me chamar de bruxo, de nazista, me chamar de pecebista, facista (...) eles roubaram minha velocidade de tratamento, eles aplicaram contra eu com força bruxésima (...) Ficavam correndo atrás de mim aonde eu ia, subindo, descendo, falando, entortando, desentortando, enrolando, aonde eu ia.

É possível se verificar também, em sua fala, a tentativa de construção de uma metáfora delirante que lhe forneça uma significação enquanto sujeito. O sentido de sua existência seria, neste caso, controlar o mundo.

Eu: Mas como que você começou a virar um andróide, como que você percebeu isso?

LC: Eu nasci assim, tia.

(...)

Eu: Mas o quê que é ser um andróide?

LC: Ah, ser um andróide...ser andróide é controlar o mundo, tia (...): a vida de cada um, a matéria, os sonhos, as idéias, o sexo, a família, a distração, a ginástica, a eletrônica, a mecânica, a guerra, os pensamentos, o afloramento pensamental, as distâncias, os metros, os quilômetros, os centímetros, os milímetros, os segundos, os dias, as noites, os tempos, as semanas, os anos, os decênios, os milênios, os séculos, os milhões de anos, a lembrança, o ponto, o local, a tangência, a hidrologia, coisas assim, tia.

Eu: Você controla tudo isso?

LC: Controlo tudo isso, tia (...) Com o pensamento.

Entretanto é preciso reconhecer que, ao contrário da paranóia em que os delírios são, na maior parte das vezes, consistentes e estruturados, na esquizofrenia, embora eles também ocorram, não apresentam (como acontece na fala de LC) uma sistematicidade e consistência capaz de ocupar o lugar faltoso da Metáfora Paterna. Trata-se, na esquizofrenia, antes de uma produção crônica e constante de estalos delirantes, diferentemente da paranóia que apresenta a capacidade de produzir um delírio temático, sem afetar as demais funções do sujeito.

Dificuldades à parte, o que importa é nunca perder de vista o fato de que, em se tratando da estruturação psicótica, nenhuma articulação parece ser consensual ou definitiva.

Retomando o esquema das identificações imaginárias proposto por Juranville, vemos que o segundo lugar na cadeia é o da mãe ou objeto primordial. A identificação com a mãe caracteriza a perversão. A recusa da castração efetua-se, neste caso, porque a mãe não pode ser castrada de nada que tenha tido. É a plenitude imaginária da mãe que a transgressão causa prejuízos e, ao prejudicá-la, a pressupõe. A transgressão, além do mais, lhe traz aquilo que supostamente a preencheria, ou seja, o falo cuja castração é negada, já que ele está no fetiche. Como aponta Juranville (1995:214) “...mais essencialmente, a mãe tem, de maneira evidente, uma falta do lado do falo, que o homem pode preencher. É a perversão que remete uma identificação imaginária com esse lugar: a falta encontra aí meios de se manifestar, mas como preenchível.”

O perverso, entretanto, não está fora da lei como o psicótico, tampouco ignora o outro com tal. Mas a lei que regula a transgressão é, ela mesma, transgressora: ela transgride uma lei anterior. O fetiche, portanto, faz a lei. E a lei da perversão é a lei do gozo, que ordena buscar o gozo por todos os meios sem se deixar deter por nenhuma lei. Assim o significante da lei aparece no real como um objeto. O fetiche corresponde, na perversão, ao sintoma na neurose. A castração implica para o homem que aquilo que ele tem para se fundar é a falta introduzida pelo significante, a parte de um gozo perdido. É essa parte originariamente perdida que o perverso se empenha em recuperar, por meio de

um objeto de gozo. Assim, ao oferecer uma garantia de manutenção do gozo por meio de um objeto concreto, o fetiche recusa a castração. E isto vai diretamente de encontro à lei da castração que pressupõe o apagamento da face-objeto do significante da lei, tanto como falo quanto como Nome-do-Pai. O fetiche é o Nome-do-Pai feito objeto.

O terceiro lugar na cadeia do inconsciente é o do pai real, ou do Ideal do ego. Desejo e castração são, neste caso, recalcados em vista da identificação imaginária com o pai real como o sujeito da lei, o qual advém então como pai imaginário. Esta confusão entre o pai real e o pai enquanto pura referência simbólica constitui o ponto nevralgico da neurose. Na dialética edípiana a criança é levada a abandonar a posição de ser o falo para aceder à posição de tê-lo. Contudo, possuí-lo implica que ele é separado, mas o neurótico dissimula de si mesmo a verdade da castração acreditando poder ser o sujeito da lei que o assujeita, de modo a conservar seu falo. A neurose em suas três formas clássicas — a fobia, a histeria e a neurose obsessiva — encontra no recalque seu processo característico. Em cada situação a neurose transforma o significante do desejo em sintoma, o que constitui o recalque. O sintoma sendo nada mais do que o significante inconsciente que sempre aparece no mundo, mas invariavelmente, como devendo ser excluído deste mundo. O recalque pressupõe, portanto, através do sintoma, uma determinada relação com o desejo e com a castração. Mas o desejo que se presentifica através do sintoma não é mais o desejo original — este sofreu o recalque — mas antes o desejo característico da neurose: o desejo incestuoso. O desejo incestuoso que sofre a proibição é o que recalca o verdadeiro desejo. Assim, o Édipo serve ao recalque da castração. Como postula Juranville (1995:176):

“O Édipo serve ao recalçamento da castração. Antes de ser recalçado, ele é recalçador. E não simplesmente a proibição paterna, como também o próprio desejo edipiano, é recalçador. Desejar segundo o Édipo é recalçar o desejo fundamental. Diante do insuportável da ausência da Coisa e ante a pulsão de morte, o Édipo estabelece o véu do conflito com o pai. A lei como proibidora, como negativa, dissimula a negatividade radical daquilo que é. Mas a proibição não é a forma primordial da lei do desejo, que é essencialmente positiva e não implica nenhuma violência, nem potencial nem efetiva.”

Assim, na neurose o logro do conflito e da rivalidade com o pai evita o confronto com a castração em sua verdade. O conflito com o interditor é o modo pelo qual o desejo, mascarado, é aceito na neurose.

O quarto lugar, por fim, é o do pai simbólico. Segundo o autor, identificar-se imaginariamente com o pai simbólico, enquanto lei ou referência pura, equivale a uma “assunção” da castração, a qual marca a presença da finitude e da morte no homem. Nesta estrutura existencial, denominada por ele de sublimação, a plenitude imaginária implicada pelo discurso e a finitude radical implicada da castração a que o significante condena o sujeito que fala, tornar-se-iam, de alguma maneira, compatíveis. Esta seria, portanto, na perspectiva do autor, a estruturação mais desejável.¹⁸

A passagem pelo Édipo é, pois, como vimos, condição necessária para que o sujeito aceda ao simbólico. A recusa do Édipo implica a forclusão do significante Nome-do Pai, cuja característica é a de ser o introdutor do sujeito na legalidade do seu desejo.

¹⁸ Como o que me interessava era apontar as diversas formas de evitação da castração e como nesta estrutura a castração não é rejeitada, não me estenderei mais sobre suas características. Para tal o leitor é referido ao texto de Juranville, constante da bibliografia no final desta dissertação..

É somente através da renúncia à mãe, e da falta que desta forma se instala, que o *infans* se tornará um sujeito desejante. A Lei que proíbe a mãe é a mesma que introduz o sujeito na ordem do simbólico. Assim, a proibição do incesto nada mais é que a proibição de não ser falante. Recusando a lei, resta ao sujeito buscar a *falta que lhe falta*.

A ausência do Nome-do-Pai lançará o sujeito no não-sentido, pois é exatamente este significante que introduz o significante falo, responsável pelo acesso da criança ao significado. A este respeito é interessante analisar a fórmula apresentada por Lacan em *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose* (1970:73):

$$\frac{\text{Nom-du-Père}}{\text{Désir de la Mère}} \bullet \frac{\text{Désir de la Mère}}{\text{Signifié au sujet}} \rightarrow \text{Nom-du-Père} \left(\frac{\text{A}}{\text{Phallus}} \right)$$

A metáfora paterna constitui, portanto, a operação que substituindo, no campo do simbólico, o Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai, instaura a significação fálica que faz emergir o sujeito barrado (\$) pela separação consciente/inconsciente.

Ceci S'applique ainsi à la métaphore du Nom-du-Père, soit la métaphore qui substitue ce Nom à la place premièrement symbolisée par l'opération de l'absence de la mère.
(Idem:ibidem)

Esta fórmula, análoga à forma da metáfora já apresentada, representa a própria constituição do sujeito afetado pelo inconsciente através de uma operação simbólica, de metaforização (de onde ser possível enunciar que o inconsciente tem estrutura de linguagem). Através da castração simbólica o sujeito que está em um primeiro momento numa relação fusional com a mãe, por uma operação metafórica, passa a estar em relação

com um terceiro elemento que vai representar a função simbólica do pai. O sujeito será nomeado pela relação simbólica em que ele é simbolizado através de (O)outro, significado pelo significante fático. É, portanto, por uma operação metafórica, operação de linguagem, que a significação para o sujeito será fática. Com a perda do objeto real (a mãe enquanto tal) nasce a necessidade de significar o que se perdeu. O falo é o significante da falta, do desejo. O significado último de cada enunciado do sujeito passando a ser, então, nada menos do que o de que há falta, há castração.

Para Lacan, o falo é o significante de uma falta, de uma falta primordial que marca, pela interrupção de uma relação biológica, a entrada do ser humano na ordem do simbólico, da linguagem e do inconsciente. O falo tomado como significante da falta remete à organização inconsciente em sua dimensão mais estrutural e simbólica. Como aponta Cabas (1988:27), "...o inconsciente é um sistema de significantes, capazes de girar em torno de um significante axial: o significante falo". O falo, portanto, é uma relação, uma cópula que liga a criança a um universo simbólico, a uma estrutura.

Ao tratar da função do falo, Lacan, nos Escritos, nos diz que "[o falo] é o significante destinado a designar no seu conjunto os efeitos de significado, no que o significante os condiciona por sua presença de significante." (1988:267)

Dai se poder dizer que a significação é fática. O falo, significante da Lei, da metáfora paterna, tem a função de ordenar os demais significantes.

A castração, ao introduzir uma fenda, um hiato, põe o sujeito em movimento, ainda que apenas para buscar uma mítica atadura, o reencontro do objeto perdido. Retomando a

relação apontada por Lacan entre metonímia e desejo, pode-se dizer que o significante encontra-se investido do desejo que recobre a falta, através da remissão significativa de um significante ao outro. O símbolo só pode significar por ser falta e o desejo nasce da possibilidade mesma desta falta, introduzida pela Lei Paterna Desejo que, neste caso, remete ao mesmo tempo à falta original, a uma ausência introduzida no sujeito pela castração ou interdição da mãe enquanto objeto de desejo e a necessidade de ter o que a suceda após sua entrada na linguagem. O objeto perdido insiste na cadeia de significantes sem se deter em nenhum ponto, pois a verdade do desejo está no próprio deslizamento metonímico, sendo, portanto desconteudizada.

De tudo o que foi dito pode-se concluir que a simbolização do Nome-do-Pai é crucial para a constituição do sujeito enquanto ser de linguagem. É exatamente a ausência deste significante que marcará, como vimos, a estrutura psicótica.

Essayons de concevoir maintenant une circonstance de la position subjective où, à l'appel du Nom-du-Père réponde, non pas l'absence du père réel, car cette absence est plus que compatible avec la présence du signifiant, mais la carence du signifiant lui-même. (1970:73)

A falta do significante Nome-do-Pai, responsável pela organização da estrutura neurótica, provocará na estrutura psicótica um remanejamento na organização dos significantes, não mais referenciados ao significante da falta, ou seja, ao falo. Assim, lá onde na neurose responde o Nome-do Pai, na psicose responde um buraco, o buraco que marca a ausência mesma deste significante.

La Verwerfung sera donc tenue par nous pour forclusion du signifiant. Au point où, nous verrons comment, est appelé le Nom-du-Père, peut donc répondre dans l'Autre un pur

et simple trou, lequel par la carence de l'effet métaphorique provoquera un trou correspondant à la place de la signification phallique. (1970:74)

Assim, veremos adiante, embora a linguagem na esquizofrenia produza sobre nós efeitos de sentido diversos, a significação enquanto fálica não se dá. E não se dá porque falta a esta estrutura o significante primordial capaz de organizar os outros significantes em torno de uma referência central, o Nome-do-Pai. Como aponta Calligaris, “O sujeito neurótico, que resolveu confiar na função paterna, está referido a um saber, mais geralmente, habita um mundo orientado, organizado ao redor de um pólo central ao qual se devem e se medem todas as significações.” (1989:15) Já o esquizofrênico, por não estar referido a este saber central, não mede sua significação da mesma forma que o neurótico. A ausência de um ponto central que decida a significação dos outros na estrutura psicótica faz com que não sejamos capazes de recuperar o caminho das associações percorrido na linguagem na esquizofrenia.

A carência do Nome-do-Pai, entretanto, situa-se no Outro, atualizado na “função materna”. O *infans* somente se constituirá em sujeito se preexistir no desejo da mãe como tal. É a mãe que introduz aquilo que é da ordem de uma “necessidade” infantil no universo da linguagem, no registro do simbólico, ao designar-lhe um significado, transformando o choro numa “demanda”. E isso só é possível porque a mãe, enquanto sujeito, está ela também submetida a uma estrutura que inclui, no caso da estrutura neurótica, o desejo e o Nome-do-Pai. Esta estrutura desejante e metafórica que fala pela boca da mãe será a responsável pelo ingresso da criança num mundo onde a espera um

lugar de sujeito. Mas se o desejo materno estiver marcado pela ausência da referência paterna, a criança estará condenada a ser tampão. O sujeito fica, portanto, comprometido com a Demanda, precipitando-se no sem-sentido, já que por definição toda Demanda é impossível. A demanda é um pedido de que não exista perda de objeto, de anulação da castração. Segundo Cabas “O psicótico fica fixado a um pedido cujo destino não pode ser outro que o de se formular indefinidamente, ficando sempre irresolvido e, por isto mesmo, habilitando a um deslizamento: a cadeia da metonímia sem fim” (1988:70).

A foraclusão, como mecanismo de estruturação psicótica, ao implicar a recusa da metáfora paterna, da lei, parece colocar o psicótico em uma posição aquém da constituição do Outro como cadeia de significantes e, portanto, aquém do simbólico. Esta suposição, entretanto, é difícil de ser sustentada, pois o psicótico está, de alguma forma, também no simbólico. Alguns autores resolvem esta questão apontando para uma anulação do simbólico nos períodos de alucinação, períodos em que haveria um desmoronamento do mundo e do significado e em que o significante do desejo surgiria no real. Mas, e o psicótico fora do período do surto? De que forma habitaria o simbólico?

Como se pode perceber, de tudo o que foi dito até este ponto, a problemática da linguagem esquizofrênica permanece ainda pouco compreendida, oferecendo àqueles que se aventuram a investigá-la muitas indagações.

Retomando a questão levantada no início deste capítulo, que dizia respeito ao funcionamento dos processos metafórico e metonímico na linguagem na esquizofrenia, buscaremos ensaiar uma primeira articulação.

Como já dito anteriormente, o esquizofrênico rejeitou a metáfora paterna, a castração. Esta operação substitutiva é, como sabemos, a responsável pela organização na estrutura neurótica das significações do sujeito em torno de uma referência central, através do significante falo, representante da falta, do desejo. Poderíamos dizer então que a ausência desta referência central condenaria o esquizofrênico a ficar inteiramente excluído de toda possibilidade de “comunicação”, de “elo social”? Estaria a linguagem na esquizofrenia condenada a um deslizamento incessante de significantes sem que este fluxo jamais se detenha em ponto algum? Ou seja, a linguagem na esquizofrenia apresentaria apenas efeitos metonímicos, sem que jamais se verificasse algo semelhante a uma metáfora? Mas sem metáfora não há, como já apontamos, significação. Estaria o esquizofrênico condenado a errar metonimicamente na linguagem, a não significar?

A fim de buscar respostas para estas perguntas passaremos a analisar algumas produções de LC, 29 anos, semi-interno do Hospital Cândido Ferreira, com diagnóstico de esquizofrenia.

Numa das inúmeras entrevistas que tive oportunidade de fazer com LC pedi a ele para que definisse para mim (por escrito) o significado de algumas palavras* . O resultado foi o que se segue:

Amor - lembrança mais breve.

Anel - Compensado rústico envolvente demais, demais mesmo.

Azul - menos compatibilidade do sendesitismo nóvico de 2% de matéria a 3° C.

Casa - diagnóstico do nosso caminho.

Cientista - para-normal em busca de si próprio.

Dor - sentimento impróprio oculto e insensato.

Enciclopédia - várias proscricões colocadas num po menór total.

* As palavras em negrito foram propostas por LC, as demais foram propostas por mim.

Gato - ser insatisfeito do terceiro reembolso de demografia reticular.

Heterolítico - comprimento da evasão da carne.

Mãe - Leviandade para curso de técnicas modernas e plenas.

Pai - Releatividade para mais fins. (Ñ dinheiro mais lucrativos).

Rádio - aperitivo de 2 hms de corretos de sindifacismo.

Verdade - magnitude de 20 hms para 30 ohm para 66 ohms para 55 ohms para 33 ohms.

Vida - assentação dentro de Deus.

As definições propostas por LC produzem sobre nós efeitos diversos. O reconhecimento de que se trata de nossa língua nos coloca imediatamente numa posição de identificação. Reconhecemos fonemas, morfemas e vocábulos da língua portuguesa. Reconhecemos ainda uma organização sintática impecável: regência, concordância, etc., tudo parece estar em ordem. A estrutura da língua preservada nos arrebatava e nos convocava a produzir sentidos. Entretanto, ficamos perplexos ao percebermos que não obstante tratar-se de nossa língua somos, na maior parte das vezes, incapazes de recuperar os sentidos prometidos. Resta-nos, então, uma sensação de “estranhamento”. E aqui se faz necessário um parêntese, pois, ao evocar o termo “estranhamento”, somos imediatamente remetidos ao texto freudiano, o qual abordaremos a seguir, brevemente, a fim de retirar elementos que nos ajudem a compreender melhor esta “estranha” relação com a linguagem na esquizofrenia.

O “estranho” na linguagem na esquizofrenia

No seu texto “O Estranho”[1976(1919)], Freud relaciona a experiência de estranhamento à redescoberta de algo familiar naquilo mesmo que se estranha. Ele nos

mostra como o próprio termo alemão para familiar, *Heimlich*, através de deslizamentos de sentido, passa a significar o mesmo que o seu oposto, *unheimlich* (estranho). Da noção de ‘familiar’, ‘pertencente à casa’, o termo *Heimlich* expande seu sentido para a noção de algo afastado dos olhos de estranhos, algo escondido, secreto; e daí para a de inconsciente, oculto, perigoso, obscuro, etc. Dessa forma Freud estabelece uma relação entre o estranhar e o retorno de algo que fôra reprimido.

*...se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto. (...) se é essa, na verdade, a natureza do estranho, pode-se compreender por que o uso linguístico estendeu **das Heimlich/‘homely’** (doméstico, familiar) para seu oposto, **das Unheimlich**; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão. [1976(1919):300-301]*

Se as definições apresentadas por LC nos causam “estranhamento” é porque algo da ordem do “familiar” nos afeta. O que nos incomoda nestas definições inusitadas não é o fato de que *não diríamos isso*, mas sim o fato de que *poderíamos ter dito isso*. O que nos causa estranhamento, portanto, é o reconhecimento da existência em nossa língua de possibilidades insuspeitadas. Mas seriam mesmo insuspeitadas, no sentido de desconhecidas, ou simplesmente recalçadas?

Mannoni (1992:139) nos lembra que Freud, em alguns momentos de sua obra, sugere que a linguagem do esquizofrênico teria caído “sob a ação do processo primário, tal como ocorre às imagens do sonho”. Colocada desta forma, esta questão traz

indubitavelmente inúmeros problemas que no momento não discutiremos. Pretendemos apenas derivar desta afirmação algumas implicações para o que articulamos até então do efeito de estranhamento produzido sobre nós pela linguagem na esquizofrenia.

Vejamos, ainda, a fim de levarmos adiante o raciocínio que estamos tentando desenvolver, o que diz Freud, n' *Os chistes e sua relação com o inconsciente*:

O período em que uma criança adquire o vocabulário da língua materna, proporciona-lhe um óbvio prazer de 'experimentá-lo brincando com ele' (...). Reúne as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significativas de palavras. Quando mais velho, tenta ainda emergir ao desrespeito das restrições que aprendera sobre o uso de palavras. Estas são desfiguradas por pequenos acréscimos particulares que lhes faz, suas formas sendo alteradas por certas manipulações (p.ex., por reduplicações ou 'Zittersprache' [a língua do pê seria o correspondente aproximado em português]); é possível mesmo a construção de uma linguagem secreta, para uso entre companheiros de brincadeira. Tais tentativas são reencontradas em certas categorias de doentes mentais. [1977(1905):148]

E, ainda, "...o infantil é a fonte do inconsciente e os processos de pensamento inconsciente são exatamente aqueles produzidos na tenra infância." (Idem:194)

De tudo o que foi apresentado até aqui a conclusão parece ser óbvia: se há uma relação entre o estranhar e o retorno de algo que havia sido reprimido, podemos dizer que a linguagem na esquizofrenia produz sobre nós um efeito de estranhamento por nos colocar diante de algo que por um lado nos fascina ao se mostrar, como a linguagem de nossa infância, um puro jogo de significantes e, por outro lado, nos inquieta porque nos foi vetado o não-sentido. Há, portanto, nessa relação com a linguagem na esquizofrenia, uma ambigüidade estrutural: a impossibilidade de nos escutarmos no outro nos angustia ao nos colocar diante do próprio fato da nossa castração e, ao mesmo tempo, as

promessas de sentido que jamais se cumprem inteiramente, nos permitem recordar um momento de nossa infância em que obtínhamos prazer do não-sentido, ao tratar a linguagem como um puro jogo lingüístico.

Contudo, o familiar na linguagem na esquizofrenia não se situa apenas no retorno a um estágio de linguagem infantil, situa-se também no reconhecimento da língua constituída naquilo que ela apresenta como sistematicidade, a estrutura da linguagem, sua materialidade.

A estrutura da linguagem nos convoca a produzir sentidos a partir do que é dito. Entretanto, nosso movimento de retorno sobre o dito a fim de recuperar sentidos se frustra, uma vez que a ilusão da transparência da linguagem é quebrada pela impossibilidade de identificação imaginária. Ao contrário do chiste em que ao *desconcerto* segue-se o *esclarecimento*, na linguagem na esquizofrenia o *desconcerto* persiste, o sentido não emerge do sem-sentido. O efeito de sentido está condicionado à possibilidade do sujeito se escutar através do O(o)utro, pois é somente através desse espelhamento que o sujeito é capaz de fazer sentido, não só do que é dito, mas de si mesmo enquanto sujeito. *O sentido está no Outro*. Assim, como não nos reconhecemos naquilo que LC diz, não somos capazes de fazer signo do que é dito. Não somos capazes de acompanhar, no sentido de uma identificação imaginária, os estranhos caminhos de seu dizer ainda que ele produza diversos efeitos sobre nós. E não somos capazes de recuperar estes caminhos porque, como já dissemos anteriormente, a estrutura psicótica não se organiza em referência a um elemento central. A forclusão do Nome-do-Pai

condena o esquizofrênico a vagar por caminhos sinuosos, tortuosos, a cujo mapa não temos acesso. A diferença estrutural que marca a posição do neurótico e do psicótico frente à linguagem, nos deixa diante desta linguagem numa posição de estranhar. *Entretanto, diferença não significa deficiência.* Nada nos garante que por trás da aparente desorganização dos sentidos na linguagem na esquizofrenia não haja uma significação possível, uma outra forma de organização que, simplesmente por estarmos em outra estrutura, não somos capazes de enxergar. Neurose e psicose são, portanto, duas formas de habitar a linguagem, de se distinguir do real. Contrariamente à estrutura neurótica, que está referenciada a uma metáfora universal (a metáfora paterna), não há um universal da psicose. Deste ponto de vista pode-se dizer que só haveria singularidades psicóticas. O neurótico barrado pela castração se vê diante do drama de não poder incluir em sua fala, sua singularidade. O psicótico, ao contrário, recusando a castração, forcluindo o Nome-do-Pai, fica condenado a falar apenas sua verdade, sua singularidade, ficando excluída a possibilidade de comunicação.

Embora o compartilhar do sentido esteja de certa forma impedido por uma diferença estrutural, somos afetados pela linguagem na esquizofrenia, que produz sobre nós efeitos de sentido diversos. Observemos que se as definições de AZUL, HETEROLÍTICO, MÃE, PAI, RÁDIO e VERDADE propostas por LC nos causam (ou, pelo menos, me causam) *estranhamento*, o mesmo não pode ser dito em relação às demais definições. Surpreendemo-nos com o efeito de ironia produzido pela definição de CIENTISTA, por exemplo, ou com o efeito poético produzido pela definição de DOR. No caso da definição de DOR como SENTIMENTO IMPRÓPRIO, OCULTO E

INSENSATO algo da ordem de uma substituição se produz. Os efeitos de poesia e de ironia, como sabemos, pressupõem a produção de metáfora, isto é, a presença de um sujeito. Poderíamos então dizer que neste momento houve, na definição de DOR dada por LC, produção de metáfora? Talvez, mas de qualquer forma esta pode ser uma conclusão apressada, já que estaríamos localizando tais efeitos naquele que diz e não naquele que escuta. Escutar e dizer são posições radicalmente distintas, já que aquele que diz e aquele que escuta ocupam, neste caso, estruturas diferentes (neurótica e psicótica). Assim, a atribuição de um sentido ou não ao que é dito por aquele que fala depende daquele que o escuta, da possibilidade deste se significar naquilo que aquele diz. Este jogo de espelhos, presente em toda troca discursiva, é capenga no caso de um interlocutor esquizofrênico, já que do outro lado do espelho nos contempla uma imagem estranha. Entretanto, o efeito produzido por algumas destas definições sobre nós deve-se ao fato de que o esquizofrênico está na linguagem, ainda que sua relação com a língua constituída seja singularíssima. E o simples fato de que ele esteja na linguagem é suficiente para que aquele que o escuta seja afetado por seu dizer, ainda que a recíproca não seja verdadeira. O estranhamento em relação a algumas definições propostas por LC se dá pela frustração de expectativas. Expectativas que são da ordem do que é discursivamente antecipável, do pré-construído, de um sistema de referências que permitiria a cumplicidade entre interlocutores. Contudo, como dissemos, é possível reconhecer algumas unidades significativas comuns. Na definição de ANEL, por exemplo, podemos supor uma relação de contigüidade que vai de ANEL a ENVOLVENTE num deslizamento metonímico. Além disso, as relações gramaticais estão, neste caso, inteiramente preservadas. Assim,

algo da ordem de uma sistematicidade nos interpela nas definições de LC, já que nos encontramos assujeitados pelo funcionamento da língua; e, ao mesmo tempo, nos exclui, já que o significante parece ter sido privatizado, fundando um referencial particular, um significado inacessível, pois não se têm as *chaves*, o que significa dizer, é sempre bom lembrar, que ocupamos estruturas diferentes.

CAPÍTULO 3

A SIGNIFICAÇÃO NA FALA NA ESQUIZOFRENIA:

INTELIGIBILIDADE E EFEITOS DE SENTIDO.

No capítulo anterior, ao comentar algumas definições semânticas propostas por LC, observei que apesar do desconcerto inicial que tais definições suscitam, algo da ordem de uma sistematicidade nos convoca a produzir sentidos. Trata-se de uma relação conflituosa. Somos interpelados pela fala na esquizofrenia, já que nos encontramos assujeitados pelo funcionamento da linguagem e, ao mesmo tempo, somos excluídos, já que nem sempre “compreendemos” o que é dito. A fala na esquizofrenia se coloca para nós como um *enigma*, nos encanta com sua verborragia pulsante e nos angustia com promessas de sentido que nem sempre se cumprem. Ficamos diante da fala na esquizofrenia numa posição periclitante: na fronteira entre sentido e não sentido, entre estranho e familiar. As linhas divisórias entre sentido e não sentido parecem, nesta fala, esfumaçarem-se, confundirem-se, criando uma nova região aquém e além do sentido. Não somos capazes de decidir com segurança se há, neste dizer, sentido demais ou de menos. Mas, seja como for, nossa posição, no que diz respeito à atribuição de sentido, é sempre a mesma: a de estranhar, pois o sentido do que é dito está quase sempre aquém(?) ou além(?) de nossa possibilidade de “compreensão”. Para tentar

compreender melhor nossa complicada posição diante desta fala, buscarei a partir da distinção proposta por Orlandi (1993) entre *o inteligível, o interpretável e o compreensível*, uma via de análise.

Neste texto sobre leitura, Orlandi analisa o papel daquele que lê na constituição do(s) sentido(s) do texto. “Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos.” (p.101) Assim, procuraremos, a partir dos “três tipos de relação do sujeito com a significação” propostos pela autora, analisar as possibilidades de nos relacionarmos com a fala esquizofrênica. Não se trata de tentar aplicar à fala na esquizofrenia uma teoria que só se aplica à linguagem “normal”, pois assim eu estaria cometendo os mesmos erros que tanto critiquei no primeiro capítulo. Trata-se antes de comparar duas estruturações de sujeito naquilo que as distingue: a submissão ou não a formações discursivas e ideológicas. Trata-se também de repensar as categorias do “inteligível”, “interpretável” e “compreensível” a partir da minha relação com a fala de LC.

Três relações do sujeito com a significação:

a) o inteligível: a que se atribui sentido atomizadamente (codificação);

b) o interpretável: a que se atribui sentido levando-se em conta o co-texto lingüístico (coesão);

c) o compreensível: é a atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se em relação emmiaciado/enunciação. (Idem: 115)

A autora apresenta o seguinte exemplo extraído de Halliday: “Ele disse isso”. Esta sentença seria *inteligível*, mas não *interpretável*, já que lhe faltam elementos que

garantam (especifiquem) sua coesão: a coerência interna do texto. Extrapolando a noção de textualidade proposta por Halliday, que se circunscreve à exigência de uma coerência interna (coesão) e coerência externa (consistência de registro), Orlandi propõe para a ordem do *compreensível* o reconhecimento da determinação sócio-histórica do sentido e sua relação com as formações discursivas em que se insere o sujeito. Toda esta teorização nos interessa na medida em que nos permite pensar sobre a complicada relação com a fala esquizofrênica.

Vejamos, antes de mais nada, um trecho transcrito de uma conversa entre LC e mim. Após apresentar a LC uma lista de palavras (ANEL, DOR, GATO, RÁDIO E VERDADE), eu pedi que ele as definisse por escrito. No trecho que se segue ele lê para mim as definições que propôs:

Eu: *Rádio?*

LC: *Aperitivo de umas duas horas de corretos de sindifacismo.*

Eu: *O quê tá escrito aqui?*

LC: *Corretos, correção.*

Eu: *Corretos?*

LC: *É assim quase dentro de um espaço de duas paralelas elétricas que transforma um vóo de elétrons retos, planos dentro daquele habitat de dois carros.*

Eu: *Ahm, e por que DE SINDIFACISMO?*

LC: *Agora, fascismo, é porque o fascismo é uma espécie de frequência, né? que pode ser notada, falando assim, o estado que eu quero dizer da onda, né? O estado da onda matemática. Seria um estágio de onda apagada, acordada, bem apagada e ao mesmo tempo um pouco ondulosa, né?*

Eu: *O quê que é facismo?*

LC: *Então fascismo seria isso também, é a minha opinião que eu tenho do fascismo.*

Eu: *Mas você sabe o que é fascismo?*

LC: *Fascismo é um regime da Itália. Os italianos tentam derrubar os monopólios heterolíticos da cicatrização da lei e produzir uma lei cada vez mais saudável.*

Eu: *Monopólio o quê, LC?*

LC: *Monopólio heterolítico.*

Eu: *Teolítico.*

LC: *Heterolítico.*

Eu: *Heterolítico?*

LC: *Isso mesmo.*

Eu: *E o quê que significa isso?*

LC: *Ah, seria o comprimento da equação da carne, um melhor plurevalismo e uma conquista daquela meta que se quer a cada dia, a cada instante...*

Eu: *E aqui, VERDADE?*

LC: *Eletromagnitude de vinte ohms, trinta ohms, sessenta e seis ohms, cinquenta e cinco ohms, trinta ohms.*

Eu: *Por que você definiu VERDADE assim?*

LC: *Eu não queria ensinar nada pra ninguém, porque se eles não entenderem que eles tão me forçando demais, tão causando a destruição do universo com esse sofrimento que eles tão preparando ou talvez rapar a cabeça, rapar a cabeça junto de um Jesus, junto com um Buda, outra hora num rapar, né? que é o certo, num rapar que na certa Deus não gosta que faça isso. Só sei que eu tô me sentindo forte agora, encontrei uma pessoa que nem a senhora que a gente entende um pouco da realidade do mundo. Por que eu tô muito triste, doutora, tô triste mesmo, o que eu faço pra manter esse mundo de pé a cada dia, doutora. É terrível eu corro mais que... acho que Gabriel no sétimo dia no céu não fazia o que eu faço. Agora não sei, num existe uma injeção pra mim que me dê um pouco de pulso no sangue pra mim poder fazer o que eu quero fazer em paz?, sem ter que pagar imposto de renda pras pessoas mais doentes que querem saber exatamente o que que a gente tá falando, de onde a gente veio e, principalmente, não se liga na gente já hoje em dia, fica que nem pai e mãe desligado da gente, num querendo saber se o que a gente fala é aquilo que a gente é, se faz o que faz ou não faz, qual é a verdade do mundo, eles acham que tomando uma água de coco, num sei o quê, assim a vida inteira, que o mundo vai se manter belo, feliz, elimina-se a religião, dá um fim no Espírito Santo, em Jesus, em Jeová, Satanás, Miguel, (INCOMPREENSÍVEL), esses loucos do espaço, esses reis, esses mussolinis, embora sejam mais superior que a religião, Mussolini seja o pai da decantação, Hiroito o chefe da divindade, assim que o mundo tem solução desse jeito, né? O importante é trabalhar. Não basta que as pessoas tomem cuidado pra ter sentimento, acham que as pessoas devem ter sentimento e não ter cuidado pra ter sentimento. Depois põe uma máquina aqui nesses coitado que tem lá em cima, tem eu aqui em baixo, tudo, um curto circuito do que fala. Eu que não nasci nem saudável, nasci torto, quebrado, estourado, mas com o meu serviço em dia, muito bem ajudado pelas pessoas. De repente eu tô vendo que tá chegando a minha morte, tá chegando a hora de eu ser enterrado no chão, de eu passar cinco mil anos enterrado debaixo da terra, quem sabe eu nunca mais vou voltar a viver que nem muitos dos mortos que morreram, como todos os mortos que morreram e, pô!, parece que todo esse estudo que a gente fez de misticismo, de mesquinharia, de anti-sincretismo, anti-filosofia, antiestrutura, anti-científico, analcientismo nótifico, parece que o que vale mesmo é terapia alemã, sabe, tia?*

Eu: *Terapia alemã?*

LC: *É NOTI, parece que coisa que nem o NOTI, que nem a TOSHIBA do japonês, que nem o SEIKO do suíço, essas marcas protegem o universo, dão vida, dão tudo pro ser vivo que quer viver, são superiores, agora não sei como provar pra essa gente toda que essas marcas não podem ser que sejam desligadas, pode ser que não estejam funcionando em lugar nenhum do mundo, pode ser que nem existam e se existem aí sim são mais perfeitas talvez até que eu mesmo, né? Mas se não existir a gente vai tentar um dia destruir o universo, na época*

que a gente achar que chegou a hora e depois fazer ele com a máquina do tempo viajar com métodos de reparação de matéria, fazer ele viajar quando se entender como se repara o som, a água, o gás, a luz, a treva, fazer o mundo viajar tudo de novo até ressuscitar todos os vermes, fazer viver todos os seres vivos dessa época bem, confortável, saudável, se der fazer o futuro existir também numa grande velocidade rápida, fazer o futuro também existir junto, estar lá o presente, o passado e o futuro, lá no céu o máximo que der prá se chegar, mas num certo dia que não se sabe exatamente quando vai ser esse dia, essa visão, esse constatamento perfidico, que é o que eu falo, né, tia?, também existe, sobre paciência, oniposência, sobre paciência, um modo de interferir no controle das coisas, que nem aqui (LENDO A DEFINIÇÃO DE ANEL ESCRITA POR ELE) “compensado rústico envolvente demais, demais mesmo. Compensado rústico, é rústico.

Eu: *O quê que é rústico?*

LC: *O anel, doutora, o anel da cabeça da gente, esses anéis que a gente tem dentro da cabeça, pequenos plasmoglinfos.*

Eu: *Pequenos o quê?*

LC: *Plasmoglinfos. Pequenos plasmoglinfos.*

Eu: *O que que é plasmoglinfo?*

LC: *É a forma de arco que eu falo, né? Pequenos plasmoglinfos reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados, né? resistocados.*

Eu: *Mas o quê que é plasmoglinfo?*

LC: *São os recromossomos aí, né?*

Eu: *O quê?*

LC: *Recromossomos.*

Eu: *Mas o quê que é recromossomo?*

LC: *O que tem na cabeça da gente, né?*

Eu: *Me explica o que é recromossomo.*

LC: *É uma forma indivisível da matéria, inquebrável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve se desligar sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os fusíveis RST de três ampères cada um, passa por base em fase RST e depois é um circuito assim anti-dor, né?, seria uma evasão da fé onde se consegue sentir nem dor, nem cansaço e o cansaço alimenta. Nem dor nem cansaço e o cansaço alimenta, que nem falava Jesus dessas coisas.*

Nossa posição diante desta fala é ambígua, somos convocados a produzir sentidos, já que estamos assujeitados pelo funcionamento da linguagem, mas ao mesmo tempo a dificuldade de se recuperar os sentidos nos impede de “compreender”. Tal situação foi também observada por Novaes (1995) ao analisar os “dizeres nas esquizofrenias”, como ela preferiu chamar.

Se a organização morfossintática, por um lado, mantém um certo espaço de inteligibilidade, de reconhecimento de que aquela é a mesma língua do outro, por outro lado, essa mesma organização morfossintática convoca outra posição: aquela de estranhar as relações de efeitos de sentido entre itens lexicais que se encontram nas posições previsíveis pela sintaxe. (p.187)

Assim, podemos observar que uma certa *inteligibilidade* desta fala é preservada graças à preservação de regularidades fonológicas, morfológicas e sintáticas. Desde já podemos observar que a inteligibilidade aqui em jogo é de outra ordem. O efeito de inteligibilidade na sentença “ele disse isso”, apontada como inteligível, está condicionado na perspectiva de Halliday à possibilidade de atribuição (atomizada) de um sentido cristalizado, já “codificado” na língua. Entretanto, a linguagem na esquizofrenia nos aponta para uma outra relação com a linguagem, uma vez que os efeitos da linguagem sobre o sujeito podem ser vários, inclusive o de “estranhamento” e o do não sentido. A fala de LC não nos salva da ilusão de conceber a linguagem como código, apontando para a dimensão do equívoco, presente em qualquer produção lingüística.

Retomemos, neste ponto, a definição de GATO dada por LC:

“Ser insatisfeito do terceiro reembolso de demografia reticular.”

Do ponto de vista gramatical esta sentença é perfeita, ou, para usar a terminologia da Sintaxe Gerativa, bem-formada, apresentando a seguinte estruturação sintática:

$NP[N_{AP}[Adj]]_{PP} [P_{NP}[det_{NP}[Adj]_{NP}[N_{PP}[P_{NP}[N_{AP}[Adj]]]]]]]$

Neste caso a inteligibilidade é efeito do fato de que somos interpelados pela estrutura da língua, ainda que não possamos interpretar, atribuir sentidos. Se até SER INSATISFEITO conseguimos recuperar algo da ordem de uma definição semântica, presumivelmente “afetiva” de GATO, a partir daí toda tentativa de compreensão se

frustra. Resta apenas um efeito de familiaridade, efeito que resulta do fato de que a estruturação morfossintática por si só é capaz de produzir efeitos de sentido, já que somos capturados pelo funcionamento da linguagem.

Vejamos novamente o seguinte trecho da conversa:

Eu: Ahn e por que DE SINDIFASCISMO?

LC: Agora, fascismo, é porque o fascismo é uma espécie de frequência, né? que pode ser notada, falando assim, o estado que eu quero dizer da onda, né? O estado da onda, né?, matemática. Seria um estágio de onda apagada e ao mesmo tempo um pouco ondulosa, né?

Eu: E o que que é fascismo?

LC: Então, fascismo seria isso também, é a minha opinião que eu tenho do fascismo.

Eu: Mas cê sabe o que é fascismo?

LC: É um regime da Itália. Os italianos tentam derrubar os monopólios heterolíticos da cicatrização da lei e produzir uma lei cada vez mais saudável.

Este trecho parece revelar que o *efeito de estranhamento* produzido pela fala na esquizofrenia sobre nós não é recíproco. LC não estranha o que diz, e aparentemente parece estar atento às demandas de seu interlocutor. Ao ser questionado sobre o significado de (SINDI)FASCISMO, ele responde de seu modo. Como eu insisto em perguntar sobre o sentido da palavra, ele responde usando uma definição corrente “É um regime da Itália”, revelando que não desconhece o sentido dicionarizado das palavras para em seguida retornar ao mundo “privado” de seus sentidos. Outras passagens, como a que se segue, confirmam esta observação:

Eu: O que que é um dicionário?

LC: Ah, um dicionário seria um livro em linguagem alfabética, né?

Eu: Hum hum.

LC: Que tenta descrever palavras, comportamentos, terminações das palavras, categorias, armazenamentos alfabéticos-numéricos, tritongos tristes e triviais, como uma fronteira entre a matéria e o som de sinalizações robustas e tudo o mais...

LC parece simplesmente não estar interessado no sentido dicionarizado das palavras. Se a palavra perde na psicose seu estatuto de símbolo, devido à ausência de uma referência paterna que introduza o “sujeito” numa ordem fálica, trata-se então de reinventá-la, de buscar desesperadamente uma significação. E esta busca é, de fato, como já dito, a busca de uma significação para si próprio, para um corpo fragmentado, um corpo sem sentido, um corpo que não foi simbolizado no desejo da mãe.

Uma vez que a estrutura linguística é preservada podemos afirmar que LC encontra-se de alguma forma assujeitado ao funcionamento da linguagem, o que produziria no outro um efeito de inteligibilidade, familiaridade. Mesmo ao “criar” vocábulos, LC o faz dentro das “regras” da língua.

Vejamos alguns exemplos:

“borbulha**ção elemental**”, “a**floramento pensamental**”, “ficava **enebrecido**”, “tava faltando a **condiza**ção** dele**”, “**heterolítico**”, “um melhor **plurevalismo**”, “**analcientismo nó**tico****”, “**sobrepaliência, oniposência, sobrepa**ciência****”, “pequenos **plasmoglinfos**”, “aprimora**ção da retice, da requice**”, “**sendecitismo nó**vico****”, “**vasúvia colocoidal**”.

É fácil perceber nestes “neologismos” afixos recorrentes na língua portuguesa, sufixos formadores de adjetivos como é o caso de **-al, -ico**; sufixos formadores de substantivos, **-ismo, -ção, -mento, -ência, -ice**; sufixos verbais, **-izar** e prefixos como **sobre-** e **oni-**.

As regularidades morfológicas (regras de formação de palavras) e as sintáticas (concordância, regência, ordem) nos colocam, diante da fala de LC, numa posição de familiaridade e a dificuldade de atribuir sentido nos coloca, por outro lado, numa posição de estranhamento: reconhecemos nossa língua, mas não nos reconhecemos inteiramente nela. Se tais sistematicidades nos convocam a produzir sentidos, isso se dá porque possuímos um saber sobre a língua, porque estamos assujeitados ao seu funcionamento. Entretanto, o signo “reduzido ao seu valor de significante” explode em efeitos inusitados, impedindo o compartilhamento imaginário de sentidos, desfazendo a ilusão da transparência das palavras, tão cara à estrutura neurótica. Nesta fala que parece desconhecer o impossível, os sentidos soltos, inquietam.

Que a linguagem se presta ao equívoco, isto parece estar especialmente evidente na fala na esquizofrenia.

*...uma locução, trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra. Sua unicidade se refrata seguindo séries que escapam ao desconto, visto que cada uma, apenas nomeada - significação, sonoridade, escrita, etimologia, sintaxe, trocadilho...- se refrata por sua vez indefinidamente: não a árvore que faz cálculo deste múltiplo, mas o cristal do **aleph** com o qual Borges talvez metaforize o lugar do não idêntico onde todo ser falante, enquanto tal, se coloca. (Milner 1987:13)*

A dimensão formal da linguagem não nos garante, por si só, nada além de um efeito de familiaridade, mesmo na linguagem dita “normal”. A condição de inteligibilidade está sempre na dependência da relação do outro com o texto/discurso, não se tratando, pois, de uma imanência deste a ser apreendida pelo ouvinte/leitor. Mesmo as relações presumivelmente internas ao texto, como a coesão referencial, só se

estabelecem na relação do sujeito com o enunciado/texto. Assim, torna-se difícil delinear com clareza as fronteiras entre inteligível, interpretável e compreensível. Basta que se tome qualquer enunciado de LC para verificarmos que o problema vai muito além do plano do “co-texto lingüístico” que garantiria, na perspectiva de Halliday a coesão e a coerência do enunciado. Não somos capazes, na maioria das vezes, de “interpretar” seus enunciados, ainda que eles estejam inseridos em um co-texto lingüístico. Na verdade somos incapazes de “interpretar” porque não nos escutamos naquilo que LC diz. O efeito de inteligibilidade produzido pelo reconhecimento de uma estruturação previsível da língua não se transforma em interpretabilidade porque não identificamos naquilo que é dito uma posição conhecida perante a língua. Posição que nos permite nas diversas trocas lingüísticas do dia a dia nos escutarmos no discurso alheio sob o ilusório efeito da transparência da linguagem. Assim, é preciso repensar, mesmo para o “discurso” dito “normal”, a noção de interpretabilidade. Tal noção parece relacionar-se mais intimamente com o reconhecimento de posições previsíveis perante a língua do que com as relações de coesão e coerência internas do enunciado. A impossibilidade de interpretar não se relaciona também à ausência de uma relação de referencialidade entre nome e coisa no mundo, já que o caráter referencial ou não de um sintagma não constitui uma propriedade intrínseca deste, mas um efeito de sentido por remissão aos pré-construídos.

Na fala de LC aparentemente não há estabilidade referencial. Os sintagmas não remetem a sentidos pré-estabelecidos, possíveis de serem recuperados em alguma formação discursiva. Tudo que é dito por LC parece ter um único “sentido”: afirmar sua não castração e a conseqüente ausência de Lei. Trata-se de uma fala que flui como uma

correnteza, sem obstáculos, sem engasgos, sem tropeços, em resumo, sem efeito sujeito. Minhas tentativas de pontuar alguns momentos da fala de LC com perguntas, a fim de que, detendo o fluxo incontido de sua fala em alguma unidade temática, eu pudesse compartilhar dos sentidos, foram em vão. As respostas sempre encadeadas a novas e inusitadas associações novamente me deixavam à deriva, numa posição de não identificação. Minha necessidade neurótica de significar a qualquer custo, me colocava diante da fala de LC numa situação de angústia. Incapaz de entrar no funcionamento de sua fala minhas intervenções acabaram se resumindo a fazer perguntas ou a retomar a última palavra. Na verdade tratava-se de tentativas de trazer LC para o funcionamento neurótico. Reescutando estas “conversas” eu percebo que independentemente dos sentidos veiculados, o que se escuta por trás de cada enunciado é o confronto entre a castração e a ausência dela.

Na fala de LC as relações sintáticas preservadas nos engajam na busca dos sentidos prometidos. Sentidos que quase sempre não se cumprem. Mas não se cumprem por quê?

A ausência de textualidade: a fronteira do sentido

*Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os memirratos davam grilvos.
(Lewis Carrol, Jaguadarte)*

O poema que serve de epígrafe para esta seção, traduzido do inglês por Uchoa Leite, nos remete pela semelhança aos neologismos criados por LC.

Carrol, neste poema, nada mais faz do que brincar com as possibilidades da língua: a estrutura morfossintática preservada, preenchida com itens lexicais inexistentes no vocabulário da língua, produzindo efeitos de sentido inusitados. Neste caso o inusitado da linguagem não produz estranhamento (pelo menos não da mesma natureza daquele produzido pela fala na esquizofrenia), mas prazer estético. O sentido produz-se no não sentido e o texto ganha legitimidade no espaço do literário, que o autoriza e até mesmo participa da atribuição de sentidos. Já os neologismos de LC não encontram uma justificativa contextual ou histórica que os sustente, que os insira numa filiação qualquer. Como aponta Lacan no Seminário 3, a linguagem psicótica não tem pré-história, nem história. A fala de LC é, como já dito, em certo sentido, *inteligível*, mas dificilmente *compreensível*. Um discurso para ser *compreensível* exige uma filiação a certos domínios de sentido já estabilizados (interdiscurso), aos pré-construídos. A compreensão de um discurso se dá levando-se em consideração não só o contexto de enunciação como também o contexto sócio-histórico em que ele é produzido. A incompreensibilidade da fala na esquizofrenia parece dever-se à sua não inscrição na ordem do repetível

(interdiscurso), numa intertextualidade que permita a construção de um sistema estável de referências, capaz de instaurar a cumplicidade entre os interlocutores. Trata-se, portanto, de uma fala sem textualidade. Como aponta Orlandi em *Texto e discurso*, quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.

A textualidade de uma fala, de um discurso, é o processo responsável pela construção de um universo de discurso que corresponde à colocação e à articulação dos objetos dessa fala num processo de referencialidade e correferencialidade.

A construção de um universo de discurso se processaria na articulação do enunciado com a enunciação, que implica:

- a produção dos enunciados em relação à rede de enunciados que constitui o “domínio de saber” de uma formação discursiva;
- a apropriação singular dos enunciados por um ato particular de enunciação em que o locutor/enunciador articula enunciado/enunciação, produzindo o efeito-sujeito.

O que se produz na instância do enunciado é uma forma indefinidamente repetível, mas que pode dar lugar a enunciações as mais diversas. (...) Esse repetível preexiste à situação de enunciação e o sujeito desta, ao produzir linguagem, se apodera dele e intervém no repetível (Orlandi 1993:106)

A *textualidade* remete, assim, à interpelação do sujeito em sujeito de seu discurso — à forma sujeito¹⁹ e às posições de sujeito face a uma formação discursiva, em que cada sujeito é assujeitado no universal como singular. Ela nos remete, portanto, à construção do sujeito enquanto ego (*moi*), instância organizadora do dizer. Dessa forma acontece o apagamento do assujeitamento do sujeito e processa-se a ilusão constitutiva do sujeito como fonte de seu saber e do seu dizer, em que o sujeito esquece-se daquilo que o determina.

O esquizofrênico, por não se encontrar assujeitado ao ideológico e não habitar o simbólico da mesma forma que o neurótico *produz uma fala sem textualidade*, uma vez que não há remissão ao repetível do saber, aos pré-construídos. O esquizofrênico, portanto, não é interpelado no interior de uma formação discursiva, não se aliena ao esquema ilusório que permite ao sujeito se construir como *ego*. Assim não lhe é possível construir um sistema de referência acessível ao outro, impedindo-lhe a participação. Não há um *eu* que busque na identificação imaginária a criação de uma superfície discursiva linear que lhe confira a ilusão de autonomia, de transparência e clareza.

Assim, a fala na esquizofrenia parece des-organizar-se em alguns momentos sob a forma de parênteses que se abrem uns nos outros, vertiginosamente, sem fechamento, sem amarração, sem ponto de estofo, sem sujeito-efeito. O esquizofrênico parece reproduzir enunciados sem se posicionar como eu diante do interdiscurso. Vejamos, novamente, o seguinte trecho da minha “conversa” com LC:

¹⁹ Ver nota 5.

LC: *Eu não quero ensinar nada prá ninguém, porque se eles não entenderem que eles tão me forçando demais, tão causando a destruição do universo com esse sofrimento que eles tão preparando ou talvez rapar a cabeça, rapar a cabeça junto de um Jesus, junto com um Buda, outra hora num rapar, né? que é o certo, num rapar que na certa Deus não gosta que faça isso. Só sei que eu tô me sentindo forte agora, encontrei uma pessoa que nem a senhora que a gente entende um pouco da realidade do mundo. Por que eu tô muito triste doutora, tô triste mesmo, o que eu faço prá manter esse mundo de pé a cada dia, doutora. É terrível eu corro mais que... acho que Gabriel no sétimo dia no céu não fazia o que eu faço. Agora não sei, num existe uma injeção prá mim?, que me dê um pouco de pulso no sangue prá mim poder fazer o que eu quero fazer em paz?, sem ter que pagar imposto de renda prá pessoas mais doentes que querem saber exatamente o que que a gente tá falando, de onde a gente veio e, principalmente, não se liga na gente já hoje em dia, fica que nem pai e mãe desligado da gente, num querendo saber se o que a gente fala é aquilo que a gente é, se faz o que faz ou não faz, qual é a verdade do mundo, eles acham que tomando uma água de coco, num sei o quê, assim a vida inteira, que o mundo vai se manter belo, feliz, elimina-se a religião, dá um fim no Espírito Santo, em Jesus, em Jeová, Satanás, Miguel, (INCOMPREENSÍVEL), esses loucos do espaço, esses reis, esses mussolinis, embora sejam mais superior que a religião, Mussolini seja o pai da decantação, Hiroito o chefe da divindade, assim que o mundo tem solução desse jeito, né? O importante é trabalhar. Não basta que as pessoas tomem cuidado prá ter sentimento, acham que as pessoas devem ter sentimento e não ter cuidado prá ter sentimento. Depois põe uma máquina aqui prá dar choque nessas coitadas que tem lá em cima, tem eu aqui em baixo, tudo, um curto circuito do que fala. Eu que não nasci nem saudável, nasci torto, quebrado, estourado, mas com o meu serviço em dia, muito bem ajudado pelas pessoas. De repente eu tô vendo que tá chegando a minha morte, tá chegando a hora de eu ser enterrado no chão, de eu passar cinco mil anos enterrado debaixo da terra, quem sabe eu nunca mais vou voltar a viver que nem muitos dos mortos que morreram, como todos os mortos que morreram, e, pô!, parece que todo esse estudo que a gente fez de misticismo, de mesquinharria, de anti-sincretismo, anti filosofia, anti-estrutura, anti-científico, analcientismo nótifico, parece que o que vale mesmo é terapia alemã, sabe, tia?*

Esta fala parece des-organizar-se como um concerto polifônico em que enunciados ou partes de enunciados se sobrepõem, num ritmo vertiginoso sem que possamos atribuir-lhes coerência, unidade significativa.

Esses enunciados parecem ter sido extraídos de diferentes situações enunciativas. Não é difícil imaginar contextos em que alguns desses enunciados, tomados isoladamente como os que grifamos, façam sentido. Trata-se de uma fala feita de retalhos de

enunciados que se juntam para formar um (não)todo caótico, desconcertante, um verdadeiro “discurso-patchwork”.

No discurso corrente os sentidos nunca estão soltos, porque regra e memória interdiscursiva intervêm para domesticá-los, para garantir a estabilidade referencial dos sentidos e dos sujeitos. A fala na esquizofrenia, ao contrário, é uma fala sem sustentação fática, não há um sujeito, que, se apropriando dos pré-construídos, lhes imprima uma unidade imaginária. Não há *efeito-sujeito*, o que a torna, no sentido que estamos atribuindo ao termo, *incompreensível*. Em uma palavra, chegamos à fronteira do sentido. Assim, delineia-se o drama do esquizofrênico: privado de uma referência paterna que lhe permita funcionar num registro simbólico universal, ele está condenado a permanecer à margem em uma sociedade em que o sintoma predominante é a neurose. Ao dizer apenas de sua singularidade, ele está condenado a não se comunicar, num mundo em que os sentidos prontos e pasteurizados constituem a moeda fácil das relações sociais. Trata-se, portanto, de uma fatalidade social. O problema da linguagem na esquizofrenia é, antes de tudo um problema social, que diz respeito à constituição do sujeito em nossa sociedade. Um sujeito previsível e controlável garante a manutenção da ordem social. A linguagem na esquizofrenia, ao quebrar a suposta transparência da linguagem coloca em risco a unidade do sujeito e, portanto a eficiência dos instrumentos de controle social.

Entretanto, reconhecer a impossibilidade de recuperar sentidos neste dizer não significa atestar sua ausência. Significa apenas que a fronteira do sentido está marcada por uma condição estrutural.

Uma questão insistente

No caminho percorrido até aqui, procurei responder a pergunta que motivou esta dissertação: o que torna a linguagem na esquizofrenia reconhecível como tal? Entretanto, de forma insistente e sistemática, uma outra questão se fez ouvir em vários momentos desta dissertação: a questão do simbólico na estrutura da psicose. Esta questão se apresenta, no interior mesmo da psicanálise, como um ponto nevralgico, sobre o qual pairam inúmeras dúvidas. Antes, porém, de retomar esta problemática, é importante adiantar que não pretendo, a esta altura, “dar conta” de uma questão tão melindrosa. Pretendo, contudo, registrar, nesta quase conclusão, através da explicitação de uma série de dúvidas e incompreensões, um mal estar que me acompanhou durante todo este trabalho. Eis, então, que retorna o recalcado.

Recordemos, a fim de “retomar o fio da meada”, que segundo Lacan, a foraclusão constitui uma rejeição radical da metáfora paterna, configurando assim uma falha original na constituição do sujeito. O problema que se coloca é que o simbólico não pode existir sem a metáfora paterna, já que é esta operação de metaforização, como já visto no segundo capítulo, que funda o mundo simbólico para o “sujeito”. Assim, como conceber o registro do simbólico numa estruturação psicótica?²⁰ Somos, a princípio, levados a concluir que o psicótico, ao foracluir o significante Nome-do-pai, ficaria numa

²⁰ No Seminário III Lacan se refere ao mecanismo de foraclusão como sendo característico das psicoses em geral, sem se preocupar em especificar as diferenças entre a paranóia e esquizofrenia.

posição aquém da constituição do Outro como cadeia de significantes e, portanto, aquém do simbólico. Mas um funcionamento restrito ao registros do real e do imaginário define o animal! O fato é que o psicótico fala, o que nos leva a supor que ele habite, de alguma forma, o simbólico. Antes, porém, de declarar qualquer contradição ou inconsistência original, é preciso tentar compreender melhor o conceito mesmo de foraclusão retomado por Lacan em diferentes momentos de sua obra.

No Seminário III Lacan propõe que o psicótico teria algum tipo de experiência da castração, a partir da qual efetuaria a foraclusão.

Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração. Toda a continuação do desenvolvimento do sujeito mostra que ele nada quer saber disso... (1988:21)

Neste ponto um outro problema se coloca: ora, como é que o sujeito pode recusar o acesso a seu mundo de algo que exatamente fundaria seu mundo. Ou seja, como é que o psicótico poderia rejeitar a castração, e, conseqüentemente o significante Nome-do-Pai em seu “mundo simbólico”, se é exatamente este significante o responsável por seu acesso ao mundo simbólico? Trata-se de uma questão delicada, cuja complexidade é reconhecida por Lacan, que jamais deixou de chamar atenção para o fato de que o processo de foraclusão é apenas um conceito forjado numa tentativa de propor uma hipótese para o problema da psicose.

Observemos, entretanto, que a fórmula da foracclusão, apresentada por Lacan como o “não quero saber nada disso”, indicia algum tipo de experimentação da castração, já que não se pode não querer saber nada de algo que não se possa, pelo menos, supor a existência. A este respeito Juranville nos chama a atenção para a origem jurídica do termo foracclusão:

...não se pode mais exercer um direito porque não se solicitou a execução dentro de um prazo fixado. Depois disso, a justiça “não quer saber de nada”, e isso não quer dizer que esse saber não tenha existido e que outros, de certa maneira, não possam conservá-lo. A justiça simplesmente não será o sujeito desse saber. O mesmo se aplica à foracclusão psicótica: há efetivamente um saber da castração, mas o “sujeito” psicótico se recusa a ser sujeito dele, como modo supremo de evitação da castração. Na psicose, a referência ao Nome-do-Pai enquanto constitutivo do mundo e a ordenação simbólica estão ausentes, mas apenas como modo supremo de evitação da castração. A referência ao Nome-do-Pai falta somente para o ser humano como sujeito. (1995:241)

Assim, pode-se imaginar que na psicose o Nome-do-Pai tenha, de alguma forma, emergido fundando um mundo simbólico para o sujeito, sendo, entretanto, foraccludo, já que sua presença constituiria uma ameaça a completude imaginária do psicótico: ser o falo onipotente. A identificação imaginária com o falo na psicose reforça, de fato, a recusa em ser sujeito da castração e do saber que ela implica, já que o lugar do falo na cadeia do inconsciente não é o do homem como ser falante. Pode-se supor também que a identificação imaginária com o falo pressuporia de alguma forma a castração — pois sem ela nenhum valor significativo pode ser atribuído ao falo — e o Nome-do-Pai, já que só a partir dele ser o falo é significativo. O problema estaria localizado, portanto, na recusa, por parte do psicótico, a ser sujeito desse saber, isto é, no fato de que ele não queira saber nada sobre isso. Assim, para não perder o falo, o psicótico não se constituiria em sujeito,

foracluindo o Nome-do-Pai, o que causaria, pela falta de uma referência central, um total remanejamento dos significantes nesta estrutura.

C'est le défaut du Nom-du-Père à cette qui, par le trou qu'il ouvre dans le signifié amorce la cascade des remaniements du signifiant d'où procède le desastre croissant de l'imaginaire, jusqu'à ce que le niveau soit atteint où signifiant et signifié se stabilisent dans la métaphore délirante. (Lacan 1970:95)

Esta é uma via para se tentar entender o lugar do simbólico na estrutura das psicoses. O fato de haver um saber, ainda que rejeitado, da castração justificaria o fato de que o psicótico fale, de que ele “habite” o simbólico, ainda que de uma maneira singular. Esta é contudo apenas uma tentativa de articulação da questão, a qual apenas aponta por sua obscuridade, a necessidade de um estudo mais direcionado e profundo sobre a questão. Inúmeras dúvidas e pontos obscuros permanecem. Um deles, e que assume grande relevância nesta dissertação, diz respeito à diferenciação da questão do simbólico na esquizofrenia e na paranóia. Se levarmos em consideração a distinção, proposta por Cabas e apresentada no segundo capítulo, entre psicoses de ausência e psicoses de presença, veremos que, diferentemente do paranóico, o esquizofrênico estaria fixado a uma problemática estruturalmente anterior ao Nome-do-Pai. Não se trataria, portanto, de evitar, através da foraclusão da Metáfora Paterna, a castração, pois o esquizofrênico seria aquele que nem sequer foi capturado no desejo do outro. Assim seria interessante que se pensasse a questão do simbólico, não só da forma genérica como normalmente é tratada na psicanálise,²¹ mas levando-se em consideração as especificidades destas duas

²¹ Desde Freud a paranóia tem sido privilegiada como a psicose por excelência (ou psicose propriamente dita, como a rotulam alguns). Dessa forma, ou a esquizofrenia é desprezada ou simplesmente suposta sob o rótulo genérico de psicoses.

manifestações da psicose. Entretanto, qualquer articulação mais consistente desta questão requer um conhecimento mais profundo destes dois tipos de psicose do que o que disponho no momento. Fica, portanto, colocada a questão como uma futura possibilidade de pesquisa sobre o assunto. Fica também registrada a necessidade de maiores e melhores articulações sobre a complicada questão do simbólico na estrutura da psicose.

Conclusão

As conclusões fundamentais já foram sendo colocadas ao final de cada capítulo. Por isso, não há muito a concluir.

Nesta dissertação procurei demonstrar, a partir da teoria psicanalítica lacaniana, a existência de uma diferença estrutural entre a linguagem na esquizofrenia e a linguagem na neurose (tomada como o padrão de normalidade). Diferença esta que tornaria, no mínimo, problemática a constatação de deficiências na linguagem na esquizofrenia a partir dos mesmos instrumentos teóricos usados para perscrutar a linguagem dita “normal”.

Do ponto de vista da Lingüística, o reconhecimento de uma diferença, e não de uma deficiência imanente da linguagem na esquizofrenia, abre novas possibilidades de abordagem da questão.

A linguagem na esquizofrenia, ao fazer implodir toda a previsibilidade da língua constituída, nos coloca diante do real da língua desde sempre recalcado na Lingüística tradicional. Assim, a linguagem na esquizofrenia aponta para a Lingüística e, conseqüentemente, para o lingüista um problema ético fundamental: como reconhecer que seu objeto é não todo e, portanto, não apreensível em sua totalidade se o que funda a Lingüística enquanto tal é a suposição de uma consistência e completude da língua?

Neste sentido o nada querer saber sobre isso constitui a solução mais fácil. A relação entre Psicanálise e Linguística se constrói, pois, em um terreno minado. Ao assumir a psicanálise como norte neste trabalho coloco-me numa situação complicada, já que assumir a existência de um real na língua é também assumir a impossibilidade de conformá-la a regras e normas que dêem conta de seu funcionamento como um todo, o que vai de encontro aos princípios mesmos que movem a investigação lingüística. Por outro lado, reconhecer a primazia do significante significa também, muitas vezes, ter que abrir mão do sentido imaginário como atributo essencial para uma análise. Entretanto, a escuta da psicanálise é uma escuta diferenciada, para a qual não estou habilitada e nem é o objetivo deste trabalho fazer uma análise psicanalítica do “sujeito” na esquizofrenia. Assim, ao analisar a linguagem na esquizofrenia procurei extrair da psicanálise o ensinamento essencial sobre a primazia do significante, procurando não perder de vista a perspectiva lingüística que move este trabalho. Dessa forma, a impossibilidade de reconhecer sentidos não implicou, em momento algum, que a linguagem na esquizofrenia não tivesse uma significação. Uma significação singular que diz de uma forma singular de habitar o simbólico. Esta talvez seja a grande contribuição deste trabalho: reconhecer a legitimidade da linguagem na esquizofrenia como algo que diz de uma subjetividade, que comporta portanto uma significação, embora não resolva o problema da exclusão social da psicose, abre caminho para que se possa emprestar a esta fala um outro tipo de escuta. Uma escuta que seja capaz de reconhecer nesta fala, não os sentidos, pois estes são sempre enganosos, mas uma significação.

Bibliografia

- ALTHUSSER, L. (1985) *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal.
- AULAGNIER, P. (1979) Observações sobre a estrutura psicótica. In: *Psicose: uma leitura psicanalítica*. Interlivros: Belo Horizonte.
- BOLLER, F. (1982). A neurologist looks at "schizophasia". In: *The behavioral and Brain Sciences*, 5, 591-592.
- BUCKINGHAM, H.W. (1982) Can listeners draw implicatures from schizophrenics? In: *The behavioral and brain Sciences*, 5, 592-594.
- CALLIGARIS, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DASCAL, N. and FRANÇOZO, E. (1988/89). *The pragmatic turn in Psycholinguistics: problems and perspectives*. Berlin-New York: Walter de Gruyter. Vol.15
- DOR, J. (1991). *O pai e sua função na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FREUD, S. [1977 (1905)] *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Obras completas, Edição standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. [1976 (1919)] *O Estranho*. Obras Completas, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.
- GODINO CABAS, A.(1988). *A função do falo na loucura*. Campinas: Papyrus.
- LACAN, J. (1970) D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. In: _____. *Écrits II*. Paris: Points, Ed. du Seuil.
- _____. (1988). *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1992a) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1992b). *Subversão do Sujeito e dialética do desejo no Inconsciente Freudiano*. In: _____. *Escritos*. Idem, ibidem..
- _____. (1992c). A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Idem, ibidem.

- _____. (1992d) Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964. In: *Escritos*. Idem, ibidem.
- _____. (s/d). *As formações do inconsciente*. Transcrição de J. B. Pontalis, versão resumida, mimeo.
- LECLAIRE, S. (1979). As palavras do psicótico. In: _____. *Psicose: uma leitura psicanalítica*. Belo Horizonte: Interlivros.
- LEITE, N. (1994). *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- LEMAIRE, A. (1989). *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- MANNONI, O. (1992). *Um espanto tão intenso: a vergonha, o riso, a morte*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- MILNER, J-C. (1987). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- NOVAES, M. (1995) *Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundo*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, IEL.
- ORLANDI, E. (1993). *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez.
- _____. (s.d). *Texto e discurso*. (mimeo)
- PÊCHEUX, M. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1990). *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- _____. (1993). Análise automática do discurso. In: GADET, F. & HAKA, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SCHWARTZ, S. (1982). Is there a schizophrenic language? In: *The Behavioral and Brain Sciences*, 5, 579-588.
- _____. (1982). If there were such people as schizophrenics, what language would they speak? In: *The Behavioral and brain Sciences*, 5, 615- 620.
- WAELEHENS, De A. (1995). *A psicose: ensaio de interpretação analítica e existencial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- WEINTRAUB, W. (1982). What is meant by schizophrenic speech? In: *The behavioral and brain Sciences*, 5, 613-614.
- WILLER, C. (1983). *Os escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM.

WRÓBEL, J. (1990). *Language and Schizofrenia*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Apêndice

22/05/95

Eu: E aí LC? Tudo bem?

LC: Eu tô melhor tia, eu tô melhor. Ainda sofro a mesma crise que eu sofria de pequeno.

Eu: Que que você sofria quando você era pequeno?

LC: Eu sofria de... como fala? Uma espécie de paralisia misturado com agilidade, né? Agilidade corporal misturado com paralisia ao mesmo tempo no cérebro e um calor estranho no corpo.

Eu: Você sentia isso desde que você era criança?

LC: Desde que eu nasci. Sabe tia eu tinha medo de pegar fogo tia.

Eu: De pegar fogo?

LC: É.

Eu: Por quê?

LC: Porque eu tinha tudo na minha cabeça especial, energia, forma, tudo, né? Mas existia um líquido na minha cabeça que ainda tava fora do lugar, tava fora do lugar, eu não sei se o líquido tinha que sair ou tinha que se transformar numa outra coisa prá misturar junto ou se era pura e simplesmente ficar líquido mental. Num sei tia. Toda vez que eu chegava perto de uma menina, sabe? Esquentava, sabe?

Eu: O quê que esquentava?

LC: Esquentava o cérebro.

Eu: O seu cérebro?

LC: É.

Eu: Porque que você acha que isso acontecia?

LC: Não sei. Acho que era atração hormonal.

Eu: E agora isso não acontece mais?

LC: Não. Como eu tenho os hormônios muito pesado tia, então eu, aquecia o cérebro, aquecia o cérebro. Não sei se era por causa dos hormônios ou porque que era que aquecia.

Eu: Hum?

LC: Não sei.

Eu: Tem muito tempo que você faz tratamento aqui LC?

LC: Tem tia.

Eu: Tem quanto tempo?

LC: Aqui faz quatro anos. O que eu acho sabe, tia? É que, Pô!, a gente leva a vida na boa, né? Trabalha de tudo quanto é jeito, faz tudo quanto é coisa, tudo quanto é serviço, tudo quanto é ideologia, mas falta assim é um... um reparo na gente, sabe, tia? Que a gente é dependente de saúde muito terrível. Tudo que a gente faz no mundo, a gente faz pro bem dos outros, né? Faz pro bem dos outros, a gente faz prá solucionar o problema deles.

Eu: Deles quem?

LC: Das pessoas do mundo, das pessoas do mundo, como se fosse um tira, um médico, um advogado assim misturado, um Batman, um Capitão América, um Thor, um Robim, coisa assim, né? Mas, falta, falta a parte feminina, a parte dos amigos, os homens (incompreensível)

Eu: Você não tem amigos aqui, LC?

LC: Num tenho direito, tia, porque todos os meus amigos eles são amigos, tá certo? São amigos, mas no fundo eles querem mesmo é o meu sangue, meu sangue especial que eu tenho no corpo, sangue "o" negativo. Todo mundo quer ter o sangue "o" negativo limpo, igual o meu. Só isso. Eles lutam prá conseguir o meu sangue "o" negativo. Eles lutam prá conseguir o meu sangue "o" negativo.

Eu: Por que que você acha isso?

LC: É, num sei, eu tenho certeza, né? É o jeito, todo mundo quer se sentir saudável e rico em sexo, ao invés de ser rico em saúde, rico em vida, em modo de viver, em comunicação e expressão, coisas assim. Eles

querem passar o golpe na gente, sabe tia? Eles querem passar o golpe na gente. Eles num gosta que a gente chega perto de mulher, num sei o que e a gente sabe chegar perto de mulher.

Eu: Quem não gosta LC ?

LC: Meus colegas. Mas, às vezes a gente tem que cuidar de pai e mãe, né? Cuidar de pai e mãe.

Eu: Você mora com os seus pais, né?

LC: É. Mas a minha mãe, tia, ela tem o sangue "o" negativo igual o meu, mas o sangue do meu pai não, o sangue do meu pai é "ab", é "a" ou "b", quer dizer, "a" ou "b", pode ser que seja "b" também. O velho não tem o sangue igual todo mundo tem. E essa operação nele prá ele ficar com o sangue igual o meu e o da minha mãe...

Eu: Que operação?

LC: Ah, num sei uma transfusão.

Eu: Hum...

LC: Necessitaria de uma transfusão, pro velho não ficar muito gordo, sabe? Ele engorda demais, ele engorda muito. Precisaria operar ele e...operava a gente, num sei. Mas eu ainda não descobri como que faz prá operar as pessoas.

Eu: Operar de quê?

LC: Eu sei que precisava ser descarga elétrica, né?

Eu: Descarga elétrica?

LC: Uma onda de columb.

Eu: De quê ?

LC: Columb. Raios Columb, energia Columb. Beta, beta ômega alfásica, beta, alfa e ômega. Tem que aplicar isso no corpo dele.

Eu: Prá operar ?

LC: É.

Eu: Operar de quê, LC?

LC: Operar o cérebro.

Eu: Hum. Prá mudar de sangue?

LC: É pra ele se tornar uma pessoa de sangue "o" negativo, uma pessoa de sangue "o" negativo. Que nem eu sou que nem minha mãe é.

Eu: LC, antes de você começar a fazer tratamento aqui, você se tratava em outro lugar?

LC: Eu já tratei em bastante lugar, tia. Já tive no (incompreensível), na PUC, na UNICAMP, no Bezerra de Menezes, tive no Santa Fé, Indaianuba, Tibiriça...

Eu: Você estudava antes, né LC?

LC: Estudava.

Eu: Que que você estudava?

LC: Eu estudava eletrônica.

Eu: Por quê que você parou?

LC: Eu não consegui estudar mais, tia.

Eu: Que que aconteceu?

LC: Eu já sabia tudo, já entendia tudo e conforme eu ia aprendendo a tirar nota, me dava um negócio na cabeça estranho.

Eu: O quê que acontecia? Que negócio?

LC: Tampava tudo as letra. As letra tampava tudo e muitas mulher assim de longe ficava mexendo comigo. Naquela época eu era mais bonitinho, né? Era mais bonitinho...agora tô feio prá caramba. Tô com a cabeça grande, deformada, num sei como é que é...

Eu: Sua cabeça não está deformada.

LC: Isso aqui foi abaixando (coloca a mão debaixo do queixo), cresceu prá baixo. Invés de ser assim como ele era, ao invés de ser assim ou assim, diminuiu, foi prá cima, foi prá cima, não sei por quê, num sei que estória é essa.

Eu: Você se lembra o quê que aconteceu, LC?

LC: Hum?

Eu: Aconteceu alguma coisa prá você começar a sentir essas coisas na cabeça? Antes você não sentia nada, né?

LC: Aconteceu, tia, aconteceu.

Eu: O quê que aconteceu?

LC: Foi lá na escola, né? Eu estudava lá nesse colégio, começaram a me obrigar a ficar quieto, a não falar, não sei o quê, porque eles sabiam do meu pai, né? Que meu pai era doente, sabiam que meu pai era doente.

Eu: Seu pai é doente?

LC: É, que meu pai tinha sangue "AB". Eles começaram a me...e descobriram isso aí meu segredo, né?, começaram a me chamar de bruxo, de nazista, me chamar de pecebista, fascista, me chamar de negro também uns falavam, invertiam a cor, outros falavam que eu era racista, que eu num gostava de negro, cada um tinha uma mania. Até índio apareceu lá, sabe? Uns índio lá, lá na escola, começou a estudar lá, aí os índio também me enchia o saco...

Eu: Joga seu cigarro fora, LC, vai queimar sua mão.

LC: Os índio me enchia o saco... depois eles arrumaram um jeito sabe do que, tia?

Eu: Não.

LC: De me fazer tomar todo dia uma Fanta Uva, pô, achava a Fanta Uva gostosa, eu tomava uma Fanta Uva e comia uma coxinha, né? E eles, por exemplo, tomava tudo Coca-Cola, eu tava com mania de tomar Fanta Uva. E aí que eu fiquei doente, só tomava Fanta Uva, Fanta Uva, Fanta Uva... E eles não, ao invés deles tomar Fanta Uva, eles tomava Coca-Cola, tomava Sprite, tomava, tomava uma outra que tinha 'Iha', ah não, é 'ta', não é sim, não é não, é Soda Limonada Antártica, Soda Limonada Antártica e Brahma. Ficava tudo com Guaraná, uma Brahma e uma Coca-Cola, né? Tomando essas coisas e eu, quanto mais que eu queria, tomava Fanta Uva. Que eu fiquei hipnotizado, eles roubaram minha velocidade de tratamento, eles aplicavam contra eu com força bruxésima assim, né? que eu não tenho, eles faziam isso prá me enrolar. Ficavam correndo atrás de mim aonde eu ia, subindo, descendo, falando, entortando, desentortando, enrolando, aonde eu ia. Isso foi lá no Aníbal de Freitas, escola onde eu recebi o Colegial.

Eu: Hum.

LC: Depois é que eu fui aprendendo a estória, aí é que eu fui aprendendo a estória, mas aí eu sai logo.

Eu: O quê que você aprendia lá? Na Eletrônica?

LC: De tudo.

Eu: Eu sei, mas conta prá mim eu não sei como é.

LC: Fios elétricos, junção do cobre com o manganês, do cobre com, com o lítio prá fazer fibra ótica, todas essas coisas. É transistores, válvulas, circuitos à válvula, transistores, máquinas especiais que eu falava que era máquina butóca, né?(.....) Tinha área de limpeza do material, conserto, teoria, teoria sobre como modificar a eletrônica, tudo isso tinha, tinha de tudo, só que o professor escrevia tudo aquilo numa pasta, né? tinha assunto escrito prá todo mundo entender assim se essa era o futuro (tosse), mas, pô, a gente lia e entendia o que tava escrito.

Eu: Hum, hum. Você costuma escrever LC?

LC: Eu não tia.

Eu: Não? Conto? Poesia? Essas coisas...

LC: De jeito nenhum.

Eu: Você escrevia pro jornal, não escrevia?

LC: Aqui eu escrevia.

Eu: Na sua casa você não escreve?

LC: Na minha casa não.

Eu: Você não gosta de escrever?

LC: Eu num gosto.

Eu: Você escreve umas coisas interessantes. Eu li um texto seu no jornal.

LC: Hum. Hum. Aquele "O começo do mundo"?

Eu: Isso.

LC: Ah.

Eu: Isso mesmo. Ele tá aqui. Quer ver?

LC: Hum, hum.

Eu: Segura aqui prá mim.

LC: Tinha "O começo do mundo" e tinha um outro também.

Eu: Tá aqui. Eu acho que tem três...Aqui "Criação do mundo". Esse é seu, não é? E esse aqui também é seu "O fim do mundo" Engraçado que você escreveu sobre a criação do mundo e o fim do mundo, né?

LC: Ah. Posso ler, tia?

Eu: Claro que pode.

LC: "Criação do mundo. Quanto antes do mundo acontecer, quando antes do mundo acontecer existia trevas e névoas, só que a nasa, só que a nasa era constituída por 'K' T'."

Eu: O que que é 'K' T'?

LC: Massa, massa, não é nasa não, tia é massa.

Eu: Escreveram errado aí.

LC: Elas escreveram errado." massa era constituída por KI instituído a vocação, ou seja, a forma natural, corporal de vida de todos. A vida morta do espaço ia trabalhando para construir o mundo. Juntaram-se também as formas de energia semi-mortas e começaram a se formar. Depois passaram de um lugar para outro do mundo. Mais tarde fixaram um corpo para cristalizar como se um grande cristo que deveria ser chamado de Pai ou seres dos pais. E assim criaram vidas sobre as formas humanas e assim conseguimos sermos mais pecadores com o nosso e a nossa vida normal e atual. Todos nós acho mesmo que queríamos ser deuses mas devíamos de tentarmos aprendermos." Ahn. Sabe o que eu acho, tia?

Eu: Sim?

LC: Não é que construíram bem um Cristo, não foi isso que eu quis dizer, né? Quis dizer assim, né? Era uma espécie de um Cristo, que pô, não se sabia prá que que ele ia servir.

Eu: Por que que ele era uma espécie de Cristo?

LC: Tem gente que lê isso aí e num sabe, pensa que eu sou maluco, né? de falar desse jeito. Eu acho que eu tô protegendo a lei, né?

Eu: Que lei, LC?

LC: A lei do humano, né? A lei da sobrevivência.

Eu: Você protege a lei?

LC: É. De falar sobre que o primeiro ser humano era um Cristo. Ele não era um Cristo, ele era um rei, não era um Cristo, ele era um rei (incompreensível), ele era o pai nosso, que foi alimentado prá que, prá que aquela massa produzisse um material especial nele prá sobrevivência do todo e não simplesmente por ideologia, por vontade, por querer fazer aquilo, mas por que era um curso material também da matéria de constituir o ser mais especial que não pudesse ser deformado ou desmontado, transferido prá outro lugar do mundo, prá outro tipo de vida.

Eu: E esse foi o primeiro ser humano?

LC: Primeiro ser humano do mundo.

Eu: E os outros seres humanos?

LC: Os outros foram dependendo dele, né? Dependendo dele.

Eu: Os outros são iguais a ele?

LC: Não. Os outros não são iguais a Jeová. Jeová é um ser muito poderoso. Ele é o pai mesmo, né? É o pai mesmo.

Eu: E esse texto aí você quer ler?

LC: Vou ler: "O fim do mundo. Poderíamos reunir isto num setor só: a morte. Quando morremos o mundo acabou para nós. Acho que o fim do mundo seria a desintegração da matéria. Se formos pessoas para trabalhar numa área a outra área também vai precisar de serviço para que todos funcionemos bem. Quando o ritmo da matéria eletrecidade é abalada a gente arruma com outras peças, mas a confusão mental leva, às vezes, em alguns casos, mais tempo para se repousar. O fim do mundo viria, viera em uma dessas possibilidades para dormir, despojar a eletrecidade não beneficia a vida dos seres vivos, fossem eles humanos, extraterrenos, animais, plantas, germes, etc. Enfim o fim do mundo só pode ser controlado como Jesus Cristo disse com muito amor e dedicação. Se afetarmos também demais os irmãos e a matéria, muitos dizem que sim mas e, mas em certas horas que a gente pensa se seria mesmo certo e se só seria isto para todo mundo. Tem certas horas que eu acho que se a gente deixar as pessoas em paz ficaríamos bem melhor. LC." E este poema. (lendo) Esta que passa por aí...

Eu: Este é de outra pessoa. Eu queria que você me falasse sobre o seu texto...

LC: O que eu escrevi, tia?

Eu: É

LC: O que eu escrevi, tia, que pô, eu acho que se se afetasse demais o corpo de Deus, né?, se afetasse demais o corpo de Deus que talvez a gente poderia até murchar de novo.

Eu: O quê?

LC: O corpo, a mente, a alma podia murchar de novo.

Eu: De novo?

LC: É. Que talvez tenha sido criado assim, mas por seres que ainda eram muito atrasados, muito atrasados demais, muito ideologistas, cientistas comuns.

Eu: O quê que é ideologia, LC?

LC: Não máquinas sonhando com o futuro, não máquinas sonhando com o futuro... Talvez ideologias, né tia? Ideologias como uma forma de criar Deus. Conceitos químicos, físicos, matemáticos, genéticos, científicos, conceitos científicos (gráficos) ainda que com todo aquele peso, eles só descobriram um modo de fazer ele mandar... nas coisas.

Eu: Quem?

LC: Deus. Fizeram ele só mandar. Mas acho que prá ele ser perfeito mesmo, ele necessitaria assim dum choque, dum raio, de um remédio, de uma droga construída por andróides vivos mesmo, aqueles que já tinham mais borbulhação elemental.

Eu: Quem são os andróides?

LC: Alguns andróides que já existissem assim no mundo, né?

Eu: Existem andróides no mundo?

LC: Eu acho que existe, eu acredito que existe.

Eu: Você falou uma vez que você achava que você tava virando um andróide?

LC: Eu virei mesmo.

Eu: Você é um andróide?

LC: Eu virei mesmo, tia.

Eu: Como que é isso, LC?

LC: É o conhecimento que eu tenho, o modo de organizar as coisas, de interpretar e de fazer funcionar associadamente, perto da gente, né? E tenho também um, vamos dizer caracteres, a força da saúde também, tia. Força da saúde da gente de sangue tipo A negativo que corre na minha veia. Essas coisas assim.

Eu: Mas como que você começou a virar um andróide, como que você percebeu isso?

LC: Eu nasci assim, tia.

Eu: Você nasceu assim?

LC: Eu nasci assim.

Eu: Mas o que que é ser um andróide?

LC: Ah, ser um andróide..., ser andróide é controlar o mundo, tia, controlar o mundo: a vida de cada um, a matéria, os sonhos, as idéias, o sexo, a família, a distração, a ginástica, a eletrônica, a mecânica, a guerra, os pensamentos, o afloramento pensamental, as distâncias, os metros, os quilômetros, os centímetros, os milímetros, os segundos, os dias, as noites, os tempos, as semanas, os anos, os decênios, os séculos, os milênios, os séculos, os milhões de anos, a lembrança, o ponto, o local, a tangência, a hidrologia, coisas assim, tia.

Eu: Você controla isso tudo?

LC: Controlo tudo isso, tia.

Eu: Como?

LC: Com o pensamento. Que eu sou mais um lóide do que um andróide, né?

Eu: Que que é lóide?

LC: Sou mais um lóide, um ser muito especial, muito evoluído, né?, um ser muito evoluído que entende de tudo, ser muito evoluído que tem um agasalho, né?, prá sair na rua de um lugar para o outro, agasalho prá sair de um lugar pro outro.

Eu: Que agasalho?

LC: Mas andróide mesmo seria a forma da matéria da gente. As estrelas que a gente tem no corpo. Por exemplo, sabe, tia? Sabe o que falta prá mim, prá mim me tornar um andróide especial?

Eu: Hum?

LC: Só uma estrelinha do mar, sabe aquelas estrelinhas que dá no mar, estrelinha da água salgada?

Eu: Sei.

LC: Só faltava eu comer uma daquelas.

Eu: Comer?

LC: Anthon.

Eu: Ahn!

LC: Comer uma daquelas vivas.

Eu: É por isso que você come as coisas, as pontas dos lápis...

LC: Num é, tia, mas eu gostaria de comer uma estrelinha daquelas.

Eu: Que que você acha que ia acontecer se você comesse uma estrela?

LC: Num sei tia, mas é capaz de meu androideano se tornar saudável, né?, mais saudável, eu não tenho também muita saúde. Tenho o corpo torto, feio, torto. Eu gostaria de comer uma daquelas enchova, vamos dizer, ou ostra com limão, qualquer coisa assim, tomar água salgada, comer (incompreensível), por um pouco de vinagre, qualquer coisa assim. Ai era capaz de funcionar o corpo.

Eu: Você já foi à praia?

LC: Já fui, mas eu tinha três anos, três ano, eu não tinha essa idéia, não tinha esse tipo de idéia ainda, não tinha esse tipo de idéia. Depois, quando eu fiz uns sete, nove anos que eu descobri isso ai.

Eu: Isso o quê?

LC: Essa estória das ostras, uma coisa e outra, mas nunca consegui experimentar uma ostra, uma coisa assim, nunca comi. Uma vez eu ainda engoli (incompreensível) umas duas ou três, mas não me fez efeito, num me fez efeito porque eu tava com o sangue pior do que agora, tava com o sangue com o RH quase valendo oito positivo (8+), meu RH tava quase o peso de oito positivo, tava com o sangue muito chocoalhado demais, muito doente, eu não sei se era o sangue que tava doente ou se era o modo de pensar que tava fazendo o cérebro, a cabeça doente. Acho que era o modo de pensar, as ideologias, as idéias, as vontades de arrumar de consertar, não sei o quê, fazia com que eu me sentisse com o sangue lerdo ou mais raio, descontrolado. Eu perdi o controle da saúde corporal.

Eu: Você perdeu?

LC: Perdi. Não poderia perder não, mas...

Eu: Hum hum. Por que que você come a ponta dos lápis e essas coisas assim, LC?

LC: Ah, isso eu como para me manter, né?, tia, prá manter meu sangue "A" negativo em paz, eu tenho medo de perder esse sangue, de perder esse sangue, eu nasci assim, não sei quem me criou assim, não fui eu que me tornei assim, eu nasci assim, minha mãe tem sangue A negativo, meus tios têm sangue A negativo, meus primos, minhas tias tudo têm sangue A negativo, eu penso assim se eu também tenho, eu devo descobrir um modo de ser prá mim que me faça ter saúde com isso. Eu não sei...

Eu: hum hum. LC, e aquela linguagem que você disse que criou?

LC: Qual linguagem?

Eu: Eu não me lembro mais do nome... você disse que inventou uma linguagem da lâmpada.

LC: Ah.

Eu: Lembra?

LC: Lembro.

Eu: Como é que é essa linguagem?

LC: Eu não lembro mais, tia.

Eu: Não lembra?

LC: Eu já esqueci. Já esqueci. Não é linguagem da lâmpada.

Eu: É o que? Me explica.

LC: É a matemática dos tipos de onda, sabe?

Eu: Hum.

LC: É a matemática dos tipos de onda. Beta mais Gama igual a alfa. Coisas assim. Tava estudando a Física, a eletrecidade. Mas o que eu queria aprender mesmo sabe o que que é, tia?

Eu: Hum?

LC: Noções de saúde, isso eu nunca tive. Desde pequenininho, eu nunca pude ir no médico e receber o meu dinheiro do médico, nunca pude, o médico não me pagava, não me pagava.

Eu: Por que que ele deveria pagar você?

LC: Ah não sei, tia, porque eu precisava de um remédio, né?, prá mim continuar vivo, prá mim continuar vivo. Agora não sei as médica, os médico me curava, me dava um remédio bom, mas ao mesmo tempo faltava aquela participação filial, né?, precisava que eles me chamassem de filho como eu sentia até meus nove, dez anos, depois com onze parou, doze, com doze acabou os médico. Comecei a frequentar médico maluco, só hospital mesmo, psiquiátrico, esqueci do hospital...(ACABA O PRIMEIRO LADO DA FITA). ...fortificantes. Biotônico também é fortificante, remédios prá saúde do fígado, do rim, do estômago, remédio prá curar a cabeça, prá curar o ouvido, quando eu sentia qualquer coisa no ouvido eu ia lá pingava um remédio, ai eu voltava a ouvir de novo, sumia a dor, parava de ficar travado o ouvido. É isso. Sai de lá

acabou todo, todos os meus médico, me obrigaram a me sentir que nem um velho, me puseram a idéia de que tudo isso era normal, que nada disso era doença, que só as criança que tinha doença, que eu não devia de falar mais prá ninguém que tinha doença, que se eu falasse isso que eles iam até me catar na rua, falaram assim, se eu falasse que eu tinha doença que iam me catar na rua. E eu vivo doente assim agora desde os meus onze anos, desde os meus doze anos, totalmente doente com o corpo paralizando, a forma ficando torta, quebrada, estranha, os nervos subindo um em cima do outro, descendo um de cima do outro, encavalando tudo, eu andando de um jeito que eu não posso pisar direito no chão porque se eu pisar os nervo encravava mais. Coisas assim, tia, que fizeram comigo. Pararam de me dar o remédio que eu precisava, aquele trifluor lá, o tal ácido que eles me davam, fazia parte da matéria do meu sangue, eles não me davam mais, não me davam mais. Aqui tem um remédio que funciona um pouco, né? Um tal de Mileril, que é eletrecidade, ácido, pilha, pilha elétrica, né?, que nem se dá prá paciente que vai tomar choque, precisa de choque, mas pô, esses remédio parece que tem um gosto diferente, parece que não é pura eletrecidade, acho que é uma eletrecidade atrasada.

Eu: O remédio?

LC: É um remédio atrasado. Não é um remédio (incompreensível) é um remédio muito atrasado. Não é tão perfeito quanto parece, a não ser que seja exatamente um super controle, né?, uma eletrecidade super controlada, muito peso (incompreensível) Porque desde pequeno, sabe, tia?, eu sinto coisas no cérebro, vejo, percebo e quando eu quero montar prá ver como é que é aquilo desaparece, desaparece, desfaz, desfaz, a memória, o sonho, o pesadelo, vamos dizer que não tem né?, vamos dizer, a noção, a debilidade dos outros que eu vou falar sobre aquilo, aquilo some e revigora, e revigora. Isso foi um remédio que me aplicaram uma injeção de iodo, sabe, tia?, me tornaram, construíram uma pilha, sabe, tia?, uma pilha moderna, né?, aplicaram uma injeção de iodo, uma em cada traseira, uma em cada traseira, e eu fui ficando cada vez melhor, né?, na época. Mas eu só sei que a doutora, que eu fiquei gostando dela quando eu era pequeno, que fez isso comigo e o doutor, não sei o que aconteceu no momento, não sei se foi um "ó vê ene i" ou o que que foi que tava na hora no lugar, enlouqueceu, sabe?

Eu: O que que estava lá?

LC: Um "ó vê ene i".

Eu: Um OVNI?

LC: Um extraterreno.

Eu: Sei.

LC: Eu vi um homininho verde perto do carrossel... Era muito esperto, era fiel, firme, forte. Quando eu fui brincar no carrossel eu vi uma navezinha deste tamaninho assim, igual aquela nave do doutor (Hormes), eu falava que era ainda a interprise, mas não era a interprise, era igual a nave do doutor (Hormes). Sairam três homininhos de dentro e duas meninas, três homininho de dentro e duas menina, as meninas eram amarela e roxa e verde, amarela, roxa e verde, as duas menina, cabelo amarelo, cara verde e corpo roxo, com aquele manto verde em cima, riscos amarelos assim e um coração aqui vermelho assim, um coração vermelho desenhado. Eram duas meninas e três homens...

Eu: Desenhado.

LC: Na roupa, na roupa. Saiu e queriam... ah, não sei o que eles queriam, acho que eles queriam que eu desse uma guspida, qualquer coisa que eu pudesse fazer prá aliviar eles, eles topavam.

Eu: Aliviar de que?

LC: Aliviar a saúde deles com um pouco do meu sangue, um pouco da minha matéria, um pouco da minha elasticidade, que eu tinha, eu era o maior corredor naquela época, era criança mas sabia correr já, fazia de tudo. Quando eu guspi no chão assim, né?, eles jogaram uma coisa assim um negócio com a mão, um quadrado assim, um cubo, não sei como é que era. Aquilo bateu no chão saiu faísca, no mesmo momento caiu um raio, caiu um raio que eu ouvi em Campinas e não tava chovendo nem nada, mas eu escutei um som terrível de um raio que caiu, escutei um som como se fosse o fim do mundo BUM LAAA VRUM LAAA, eu escutei um som assim. Caiu um raio do céu.

Eu: Sei.

LC: Parece que foi aí que os homininhos começaram a dominar a minha cabeça. Acho que é isso tia. Os homininhos começaram a dominar a minha cabeça.

Eu: Você ainda vê esses...

LC: Eu ainda vejo disco voador ainda, mas não daquele lá, né?, aquele eu parei de ver, é muito grande. Vejo bolas azul, bolas marron, bolas verde, chamiscos, objetos brilhante que a gente não sabe que forma tem, não

porque não sabe, mas porque não consegue ver eles de perto, não consegue ver eles de perto, ele lá em cima ele tem uma espécie dele, cada hora ele vira num lugar, muda de forma tudo e a gente não sabe exatamente o que que está interferindo na mente da gente obrigando a gente a pensar uma coisa diferente daquilo que a gente pensa, a gente não consegue ver exatamente o que tá lá em cima, mexendo lá, trabalhando, tremendo lá em cima...

Eu: LC, vamos dar uma paradinha porque tá na hora do grupo de medicação.

LC: Sabe porque eu falo diferente dos outros, tia? Eles usam gás na garganta prá emitir sons, eu não, eu devo ter uma fonaudiologia tão perfeita que a minha voz é criada mais ou menos por movimento, movimento de osso e de matéria, de carne e de corpo, não é o gás que sai agora é como se eu fabricasse o som e o som saísse, como alguma máquina radioativa.

Eu: É só nisso que você acha que a sua fala é diferente da das outras pessoas?

LC: Ah eu não sei, tia. Eu acho que deve ter muito mais coisa também, né?, deve ter muito mais involução, mas eu não sei provar prá ninguém por quê. Não é nem assim nada radiotiva é um modo de se mover, sabe, tia?, como que uma caixa que se move bem que promete som, cheiro, coisas diferentes. Agora cheiro eu não sinto, cheiro diferente eu não sinto nenhum, só sei o som, eu sei o som.

Eu: Som de quê?

LC: O som da voz, eu acho que é muito estranho o som da minha voz. Uma voz minha é assim como se eu fosse o senhor som, daquele filme que tinha do robô do doutor Smith. O doutor Smith parece que ele quer roubar o meu modo de conversar, sabe, tia?, o doutor Smith. Só isso.

29/05/95

LC: Eu não sei o que que eu vou falar, tia.

Eu: O que você quiser, eu quero te ouvir. Você não fala lá no grupo das suas coisas, das suas questões, de como você tá...

LC: Eu sei o que falar assim é dessa questão que a gente vê no mundo, vendo todo mundo suando mentalmente, com eletrecidade saindo do corpo, vem tudo com esses negócio apontado prá gente, inverte, qualquer coisa joga alguma coisa que tem na garganta. É isso aí, tia, é isso, aí. As pessoas trata a gente como se fosse uma descarga, uma coisa assim. Eles não admitem nem se a gente fosse isso de verdade, eles acham que primeiro tem que torturar, depois entender o motivo, primeiro eles torturam, vai matando, matando, matando, mata toda a família da gente no final ainda sobra duas pessoas maluca, fala que é pai da gente.

Eu: Quem faz isso, LC?

LC: O mundo tia.

Eu: Quem?

LC: O mundo.

Eu: Mas quem no mundo?

LC: As pessoas do mundo.

Eu: Todo mundo?

LC: Todo mundo. Eu não sei quem guia eles, mas sempre acontece alguma coisa toda vez que nasce um rei, nasce uma rainha, talvez, né?, acontece as frustração, os problema. Sempre assim. Eu, por exemplo, eu nasci, inventaram tanta besteira prá mim quando eu nasci, falaram tanta bobagem, tanta bobeira, tanta blasfêmia na minha cabeça, me enterraram num círculo de vidro, sete círculo, enterraram sete vezes...Ficaram passando por cima da gente, tacando ferro de passar roupa na cabeça da gente. Não é brincadeira não. Só se eles tem falta de filho, falta de filha, né? Deve ser isso.

Eu: Quem?

LC: Esse pessoal, eles não gostam de ninguém, não sei o que é. Eles não gosta de ninguém, eles não topa a gente que ao invés de fazer o mal, faz o bem, eles não topa a gente, eles queriam que todos fizessem o mal. Que o mundo fosse assim imundo, um curral, um chiqueiro, acho que é isso eles queriam qu e o mundo fosse que nem um curral, que nem um chiqueiro, um arraial. E a gente que apanha por tudo isso, a gente que se arreventa, que se estoura, ou se a gente quer fugir do negócio a gente não tem tempo porque ai tem uma praga que segura a gente nessa posição. Ai se a gente reclama, ai os pais da gente, os anjos que também são pai, São Pedro cai em cima da gente e fala faça porque eu tô falando, faça porque senão é pior prá você LC, eles fala.

Eu: O quê?

LC: Faz porque senão é pior prá você, que eles fala.

Eu: Fazer o quê?

LC: Nada tia, é o jeito. As obrigações.

Eu: Por quê você me chama de tia LC?

LC: Hum?

Eu: Por quê você me chama de tia? Meu nome é Fernanda eu já te falei.

LC: Ah, Fernanda. Tia é parente, né? Fernanda não é. Sabe, eu, a única coisa que eu não entendo nesse mundo são de homem e mulher, sabe? Como é que faz prá homem casar, prá mulher casar, o que é necessário ou não. Porque eu conheço a vida minha, não a vida que as pessoas leva, então. Essa vida de documentos, essa vida de prescrições, eu acredito, eu nasci perfeito, eu nasci tonto, nasci biruta, conheço a lei direitinho, já nasci sabendo como é que era a lei, como que era a justiça, como que era a civilidade, os poderes, os regimes, as maneiras, a cápsula, os acasos, os por acaso, sabia tudo, agora não sei. Achava que eu era que nem uma seringueira, sabe tia?

Eu: Seringueira?

LC: É, achava que eu era que nem uma seringueira. Queriam extrair borracha de mim, sabe tia?

Eu: Como?

LC: Ah não sei, pensamentos, idéias, jogos, fórmulas matemáticas, métodos físicos, químicos, eletrônicos, genéticos, métodos de guerra, métodos de vida, métodos de sobrevivência, aspirações, idéias, poesias, máquina, controle, aparecimento no lugar mais próprio, mais impróprio, roubaram tudo, isso aí tia. Não sei se eles queriam me agradar ou queriam acabar comigo. Não sei se queriam me agradar ou acabar comigo.

Eu: Eles quem?

LC: Esse pessoal, tia! Essas pessoas que eu falo prá senhora que eu não sei quem é. Eles não gosta da gente, então eles mata, eles trai tudo o corpo da gente, transforma a gente num louco, num monstro, numa coisa horrível, depois vão andar pelas ruas, não sei o que, olhar o mercado, não é a senhora, outras pessoas. Depois vem olhar prá gente prá ver se a gente fica que nem eles, mentes iguais, como é que vai.

Eu: Os médicos desse hospital estão incluídos entre essas pessoas?

LC: Os médicos, os doutores, mas a senhora não.

Eu: (RINDO) Por quê, não?

LC: Talvez a senhora não. A senhora tem um entendimento, um sentimento assim da conversa da gente. Eu lembro da senhora quando era pequenininha, que mesmo sem conhecer a senhora eu sabia que a senhora existia.

Eu: Como que você sabia?

LC: Que eu era nenem, né? Eu via o funcionamento do mundo, sabia onde morava todo mundo, sabia exatamente cada cachorro onde estava, cada cachorrinho, cada gatinho, no mundo inteiro, no planeta, no universo. Tudo quanto é coisa eu sabia.

Eu: Como é que você sabia?

LC: Ah, eu tinha a mente como todo mundo nasce. Como todo mundo nasce: sabendo, entendendo, vendo.

Eu: Você acha que todo mundo nasce sabendo, entendendo...

LC: Ahn han. Acho que todo mundo... Enfiar estepe na cabeça da gente, um ferro. (FALANDO MUITO BAIXO)

Eu: O quê?

LC: Enfiar um ferro na cabeça da gente, estepe, uma coisa gigantesca que você não sabe nem prá que serve, estouram a mente da gente, ficam batendo o pé na cabeça da gente, batendo o pé na cabeça da gente, arrastando o salto, cada vez tem um formato, o sutien, o óculos, o gorro, a peruca, o cabelo, o penteado, a cor, o blush, a cor dos olhos... Fica batendo essas coisas em cima da gente. Acho que eu já morri, doutora.

Eu: Você morreu?

LC: Acho que sim.

Eu: Quem tá falando agora?

LC: Meu sotaque, meu figado, né? Figado meu que sobrou do corpo, matéria do meu corpo que desencantou e que agora fala no meu lugar. Faz eu falar, eu mesmo devo estar enterrado em algum lugar por aí. Não sei se aqui é um telégrafo que puseram enquanto fico enterrado num lugar tentando fazer bastante coisa lá enterrado e quando eu tô aqui alguma coisa, quando eu tô lá alguma coisa faz eu sentir uma pessoa aqui controlada como se fosse um sistema de rádio, e eu me sinto essa pessoa (incompreensível).

Eu: Você se sente controlado?

LC: Não sei por quê. (FALANDO MUITO BAIXO)

Eu: Não sabe por quê?

LC: Não. Sabe o que é, tia?

Eu: Não.

LC: É que a gente tem mais um costume.

Eu: Que costume?

LC: O costume de viver com Deus. Com a palavra de Deus. Construir o mundo, (ajuntar no mundo) (INCOMPREENSÍVEL) o problema sócio-político, socio-econômico...

Eu: Se você falar baixinho assim eu não vou escutar, LC.

LC: Sócio-político, sócio-econômico, social, né, doutora? Tem esse costume, né?

Eu: Hum hum.

LC: Não sei, procurar fazer sempre o bem, sempre olhar, a gente tem medo de se cristalizar com alguém, de chamar uma mulher de bonita, qualquer coisa, querer casar com ela.

Eu: Por quê?

LC: Ah, porque se a gente fizer isso o mundo pode acabar, né, doutora?

Eu: Por que você acha que o mundo pode acabar?

LC: Tem gente que tem uma luz tão grande no corpo, né, tia?, um desenvolvimento tão metafísico, extra-metafísico, super-cinético que se ela falar bobagem assim no meio dos outros, aquelas pessoas vão começar a ficar olhando as esquadrias da parede, os rodapé, os teto, as lâmpada, os quadro, uma coisa e outra, vão se sentir enebrecida, né?, enebrecido, com vontade de se desintegrar, de engordar, de emagrecer.

Eu: O que que é enebrecido?

LC: Ah assim doente, né tia?, com uma visão parcial matemática, física, genética, química, qualquer coisa assim, que vai trazer transtorno, né? para o universo destruição da vida. Às vezes a gente é uma máquina tão perfeita, mas às vezes a gente só tem mesmo é mais uma palavra, né?, aquilo que a gente põe, é mais uma palavra ou um sentido, um modo de controlar, tudo, talvez nem que a gente tivesse máquinas melhores do que essas que a gente tem, a gente também não poderia arrumar nada não, ai que tá, a não ser que realmente inventaram uma máquina mais superior que essas porcarias que eu tenho em casa.

Eu: Máquina prá fazer o quê?

LC: Prá tratar da gente, das pessoas.

Eu: você tem máquinas na sua casa?

LC: Ah, no cérebro, né?

Eu: Ahn.

LC: Neurônios, neurônios especiais, neurônios muito especiais.

Eu: Como são os neurônios especiais?

LC: É o alimento, tia. A força da percepção, da inteligência e a força da compreensão. Um líquido, tia, que nasceu no meu cérebro, percebo tudo, sei tudo. Agora eu não sei exatamente se o meu cérebro é (incompreensível) importante nesse mundo porque enquanto eu faço todas essas coisas, deve ter os meus amigos as pessoas que me amam, que me adoram, não sei o quê, que falam que não gostam, não sei o quê, mas que ficam delirando com o que eu falo, deve tá tudo meio dobrado, meio apagado, meio caído. Realmente acho que no mundo quem inveja mais a vida mesmo é os mafioso.

Eu: Por que você acha isso?

LC: Ah porque quem faz o mal uma vez prá alguém, né, tia?, ele ganha muito mais energia do que aquele que faz (INCOMPREENSÍVEL) de atos de fé, de esperança, de arrumações, de melhorias, eu acho assim, tia, essas pessoas que faz o mal eles sobem na vida. Acho que depois vão tudo se encontrar no inferno, tudo se encontrar no inferno com a cabeça bem pesada, bem quente, bem forte. Lá deve ter um mestre lá que arma eles e dá revolver, da faca, dá roupa, não sei o quê e ainda fala prá eles "ó já que você tá aqui comigo mesmo, fica sempre aqui, não me abandona não, essa aqui é a 'KKK' verdadeira, né? 'KKK' verdadeira.

Eu: É o quê?

LC: KKK.

Eu: O quê que é 'KKK'?

LC: Klu klu klus khan, tia.

Eu: Ah, Klu Klus Khan.

LC: Eles fala que não é a verdadeira klu klus khan que é certa. Eles falam que a verdadeira é a deles.

Eu: Lá no inferno?

LC: É lá no inferno.

Eu: Você acredita que existe inferno.

LC: Acredito. Talvez nesse mundo mesmo aqui que nós vivemos. Nesse mundo mesmo, é um problema de órbita, de visão, de percepção, de saber onde se tá andando, como que se anda, quando tá se gastando, tá se pagando prá andar. Pode ser que a gente teja sentado que nem agora aqui, pode ser que o inferno tá em volta da gente, né? Nessa hora a gente tá acabando de entrar num buraco sem fundo, né?, entrando num buraco sem fundo prá jamais sair dali, ficar que nem uma bola de aço que não pode aumentar o tamanho, não pode diminuir e sem o sistema principal de saúde prá se sentir bem, não se sentir mal. Sabe o que eu queria mesmo tia?

Eu: Hum.

LC: Queria que alguém me explicasse assim a carne humana de que que é feita?

Eu: De células e essas células são constituídas de elementos básicos...

LC: Graças à Deus, né, tia?

Eu: (RINDO) Graças à Deus, por quê?

LC: Competitividade.

Eu: Como?

LC: Competitividade.

Eu: Por que competitividade?

LC: Saber que as células são perfeitas. Às vezes a gente tem aquelas dúvidas, né? Tem medo de achar, de pensar, de dizer, de falar, a gente não tem certeza de prá que que serve o corpo mesmo, né?

Eu: Prá que que você acha que serve?

LC: Não sei, tia. O corpo é que nem uma mesa, né?

Eu: Uma mesa?

LC: É, dois pés, dois braços, dois braços na frente e dois pés atrás, um quadrado que é a medula, depois a tábua de cima.

Eu: E a cabeça?

LC: A cabeça faz parte da fórmica, né?, da madeira pintada, lichada, envernizada.

Eu: Mas prá que que serve uma mesa?

LC: A mesa, tia? A mesa seria um objeto assim de compreensão, né? Tentar entender a estatura dela, é mais a estatura, tia. A mesa é um complexo de estatura. A mesa é um complexo de estatura.

Eu: É o corpo humano?

LC: O corpo humano seria assim um temporal dentro de uma moia, né?, um monte de bexiga do vizinho tudo voando, um monte de bexiga do vizinho cheia de gás voando, ficaria uma bola, sentiria aqueles raios voando em volta da gente, descendo na gente, consumindo a gente, ao mesmo tempo fazendo a gente se mover melhor, ao mesmo tempo fazendo a gente se sentir melhor, depois a gente ainda via os bichinhos, os peixinhos, tudo isso, coisa do ser humano. Qualquer ser humano é assim, qualquer ser humano é assim, todos somos assim, na certa todos nós somos assim. Uma espécie de uma máquina, de um testador.

Eu: Testador de quê?

LC: De transistor. Testador de transistor, de força, de eletrecidade, de alimentação, comportamento, de forma infalível.

Eu: Só que a gente é uma máquina que fala, né?

LC: É. É isso que eu nunca consegui descobrir. Eu sei como é que eu falo, né?

Eu: Como que você fala?

LC: Eu sei que há movimentos específicos que eu consigo fazer, meu corpo também, prá ser mais normal, assim meu jeito de ser, não gastar muito material, por isso que eu tenho uma percepção superior. Eu faço pequenos movimentos, vibro, vibro os ultrassom da minha cabeça e a voz sai, vibro os ultrassom e a voz sai. Tem movimento na língua, os dente, movimento na feição, olho, tudo. Eu realmente, doutora, eu não tenho mais subconsciente.

Eu: Você não tem subconsciente.

LC: Eu acho que eu não tenho mais subconsciente.

Eu: O que que é subconsciente?

LC: O único subconsciente que eu tenho é prá controlar o sono.

Eu: Por que que você acha que não tem mais subconsciente?

LC: Por que eu acho que eu mesmo acabei destruindo ele, né, tia?, achava ele prejudicial prá minha forma, mentalidade, um modo de viver, o jeito que me ensinaram. Eu acho mesmo que eu nasci sem subconsciente. Eu nasci realmente com o cérebro sem uma região, meu cerebelo, ele quase nem funcionava direito, ele só pensava, meu cerebelo, quando eu nasci. Eu tinha um cerebelo, tinha o radiano, uma parte raquidiaca, o sistema raquidiano muito equipado, mas a glândula da duplicidade polar minha não funciona direito.

Eu: Prá que que serve a glândula da duplicidade polar?

LC: Acho que é prá atrasar o cerebelo, né?, prá transformar ele num ser destrutivo. Seria como se Jeová tivesse deixado uma dessa prá cada um, prá ele ser um operador de som, né?, de lá de cima, lá do céu. Ai quando a pessoa precisar de roupa, ele 'PFIL', punha a roupa na pessoa, se a pessoa tivesse que jogar a roupa, tirava a roupa, quando a pessoa tivesse que morrer, morria também, se tivesse que sofrer depois de morto, sofria, quando tinha que voltar no mundo, voltava, eu acho assim. Mas o que eu tenho medo de falar mesmo sabe o que que é, tia?

Eu: Hum?

LC: O material exato prá manter a vida eterna. Eu conheço esse material.

Eu: Você conhece?

LC: Eu tenho ele na minha cabeça, o meu pai e a minha mãe têm, muita gente que já conversou comigo tem, minha família deve ter, não sei. Mas ao mesmo tempo eles são doente, né?, porque eles não tem personalidade perfeita que nem a minha, certas meninas que tem um modo assim. Eu não sei nem explicar doutora como é que fala essas coisas, essas pessoas...

Eu: Mas como que é esse material da vida eterna?

LC: Magnésio HG, né? Magnésio HG RES6.

Eu: E o que que é isso? Um composto químico?

LC: Um composto, é um composto elétrico.

Eu: Como que você consegue esse composto?

LC: Ah forçando a mente, prá sentir a energia igual a que tem na cabeça, prá receber energia em volta da cabeça, receber energia em volta da cabeça. (SILENCIO)

Eu: LC, fala prá mim sobre aquela linguagem que você disse que inventou. Lembra?

LC: Acho que é a 'Lin lin u', né, tia?

Eu: É essa mesma. Chama 'Lin u'?

LC: 'Lin lin u', é a língua do japonês ou do chinês, mais é do japonês. 'Lin lin u'.

Eu: Como é que é?

LC: Ah, não lembro mais.

Eu: Você sabe escrever?

LC: Também não. Eu não sei escrever em língua de japonês. Eu sei falar em japonês, conversar com japonês. Eu conversava com os japonês, com as pessoas e eu entendia, mas eu não sei como é que fala assim como é que fala, como é que escreve eu não sei.

Eu: Só essa linguagem que você inventou ou tem outra?

LC: Essa, o 'Zarazeu'.

Eu: Como?

LC: Zalgareu.

Eu: Como que é?

LC: É a linguagem da sobrevivência.

Eu: Fala um pouquinho prá mim sobre essa linguagem.

LC: Seria como que catetizar os ditongos, as sílabas, as paroxítonas, diminuir os ditongos, aumentar os ditongos, diminuir os hiatos e produzir mais sujeito na palavra, né? ao invés de predicado, de predicativo, ou seja, mas no fundo só sobra o prediati... (FIM DO PRIMEIRO LADO DA FITA)

Eu: Por que que essa linguagem tem esse nome?

LC: Por que é como se fala a palavra ZA-RA-ZEU, né? Zarazeu. Prá azarar, é prá azarar Zeu, né?

Eu: Quem é Zeu?

LC: Zeu seria um deus do universo. Zeus, né?

Eu: Hum. Zeus.

LC: Seria assim (ESCREVENDO) ZEU——>ZEUS. Tava faltando a condização dele. Ou seja, (escrevendo) ZEU——>PONDERAÇÃO. Ficava assim, né (ESCREVENDO) ZEUS, não é isso? Zeus ficava assim.

Eu: E aí tá faltando a ponderação.

LC: É tá faltando a ponderação.

Eu: Por isso que falta o 'S'?

LC: É. Por isso que falta um 'S' e aumenta um 'U'.

Eu: Hum hum. Então escreve alguma coisa nessa linguagem.

LC: A linguagem é muito expressiva como eu falei prá senhora. (LENDO O QUE ESCREVEU) 'Ati micou' MICOU não sei se é verbo do português ou se realmente é uma linguagem... 'Ati micou noun town dow den teo noetus(nêtus) ceres erradododo din thiners'. Acho que eu tô esquecendo, isso parece que tá saindo linguagem do português. Eu tava falando, eu sabia o calendário desse povo, tia.

Eu: Que povo?

LC: O povo de Zeus, né? O povo de Zeus.

Eu: E você vai traduzir prá mim ou não tem tradução?

LC: Tem.

Eu: Traduz assim cada palavra.

LC: (LENDO À MEDIDA QUE ESCREVE) Vamos preparar um céntuplo?!? Não não no que vamos afundar o barco. Por menores ruivos antes de que taxaximns.

Eu: O que que tá escrito aqui?

LC: Taxaximus.

(ESCREVE EM SILÊNCIO A SEGUINTE FRASE: Deus sou o pai - não quero ninguém nem o Cristo.)

(LENDO) 'Deus, Deus sou o pai, Deus sou o pai' tá interferindo aqui essa palavra, Deus tá falando comigo.

Eu: Ele tá falando com você? O que que ele tá dizendo?

LC: Ele tá dizendo, ele quer saber qual é a cor da minha lanterna verde.

Eu: Se ela é verde.

LC: Ele quer saber que cor que é?

Eu: Por quê?

LC: Talvez porque Ele seja assim que nem essa caneta, né?, perfeito, de um material assim igual ao dessa caneta, se sente superior, forte, perfeito, agora ao mesmo tempo... (UM PACIENTE NOS INTERROMPE PARA PEDIR INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO DE MEDICAÇÃO). Sabe, doutora, eu ia dizer que eu acho que a metafísica dessa palavra aí sabe o que é?, seria assim (ESCREVENDO) [M] □ G F I H θ, né, doutora?, não é isso?

Eu: O que que é isso mesmo?

LC: Seria essa técnica aí de escrever, né doutora.

Eu: Qual técnica?

LC: A técnica de escrever que eu tava mostrando.

Eu: Ah, sei.

LC: É assim, não é doutora, o funcionamento dela?

Eu: Explica prá mim.

LC: Isso aqui é uma forma de onda da eletrônica, forma de onda da eletrônica.

Eu: Hum hum.

LC: Passei anos e anos pesquisando essas coisas e ao mesmo tempo eu engoli um grilo de Cristo.

Eu: Você engoliu...

LC: Um grilo de Cristo, é. Quando eu tava me sentindo tão prendido junto com os Deuses que queriam que o mundo sobrevivesse eu comecei a engolir dólar umas coisas que me deixava louco, me deixava louco, me deixava louco, que eu não aguentava mais ver o mundo viver do jeito que ele vivia tentando se destruir um pouco mais a cada segundo, cada pensamento impróprio, de jovem, de criança, de beleza da vida, foi isso. Eu não sei se eu tô no meio de amigos, acho que também tô, não sei se são amigos, se eles tem mesmo mais força que eu ou se até eles aprenderam essa linguagem comigo, sei que eu sou um herdeiro desse verbo, dessa voz que veio em mim quando eu nasci e realmente eu faço, tudo o que eu faço na minha vida, doutora, mesmo sem saber se fosse isso, né? É exatamente prá manter esse sistema existindo, prá ninguém ficar esse mundo (INCOMPREENSÍVEL). Não é assim o mundo, doutora? Oscar dois?

Eu: Oscar dois? O que que é 'OSCAR DOIS'?

LC: Oscar dois, não é assim que fala, doutora? Óscar deve ser o óscar também, oscar né? Deve ser um O vezes esse (O x S) Agã vezes I (H x I) Zê vezes tê Z . T. eme a mais um vezes dez a vinte e cinco vezes três vírgula quatorze quinze dividido por dezessete, não é isso?

Eu: Três vírgula quatorze quinze é o número pi (π).

LC: É o pi. E isso é notação científica nove vezes dois a vinte e cinco é o número da constante da eletrecidade, número da constante da eletrecidade.

Eu: Hum, e essa fórmula é de quê?

LC: Essa fórmula é um método concreto de se mandar no mundo.

Eu: Ah, esse é um método concreto de se mandar no mundo?

LC: É um método concreto de se mandar no mundo.

Eu: E é através dessa fórmula que você controla o mundo?

LC: Controlo o mundo. Quer ver doutora? Eu faço assim ó, (DESENHA UMA ESPÉCIE DE TALHA) tem uma talha assim na minha casa, a talha é assim, aqui é mais assim, aqui é mais assim, agora, tem um cano que desce assim que tá entupido, na talha, tá entupido.

Eu: Hum hum.

LC: Agora depois vem uma pessoa e faz assim encosta um bastão assim na talha e bate na talha, nisso a casa inteira balança, o mundo inteiro fica doido e eles ainda escreve assim (ESCREVENDO) Seisho-no-iê, aí eu falo parabéns, né? Parabéns, aí a pessoa vem (DESENHANDO) põe uma onda assim, uma onda assim que não deixa a matéria desagregar.

Eu: Que pessoa põe essa onda?

LC: Um japonês, um japonês que tem muito conhecimento, mas que o dom dele é a mente humana. (SILÊNCIO)

Eu: Deixa eu te falar uma coisa... Você já viu um dicionário, num já?

LC: Hum.

Eu: O quê que é um dicionário?

LC: Ah, um dicionário seria um livro em linguagem alfabética, né?

Eu: Hum hum.

LC: Que tenta descrever palavras, comportamentos, terminações das palavras, categorias, armazenamentos alfabéticos, tritongos tristes e triviais, como uma fronteira entre a matéria e o som de sinalizações robustas e tudo o mais... Mas eu acho que um livro muito mais importante que o dicionário é a Bíblia, né?

Eu: Sei. Eu tô te falando isso porque eu queria que você escrevesse o significado dessas palavras pra mim como se fosse dicionário. (APRESENTO A ELE UMA LISTA NA QUAL CONSTAVAM AS SEGUINTE PALAVRAS: ANEL, DOR, GATO, RÁDIO, VERDADE; LC ESCREVE)

Eu: Agora lê pra mim o que tá escrito aqui que às vezes sua letra é complicada. Vamos ver, compensado...

LC: Compensado rústico envolvente demais, demais mesmo.

Eu: Rústico que tá escrito aqui, né?

LC: Hum hum.

Eu: Aqui, DOR?

LC: Sentimento impróprio, oculto e insensato.

Eu: GATO?

LC: Ser insatisfeito do terceiro... não sei eu não entendi exatamente o que eu quero falar com a senhora por isso que eu tô escrevendo essas coisas... ser insatisfeito do terceiro reembolso de demografia reticular.

Eu: Rádio?

LC: Aperitivo de umas duas horas de corretos de sindifascismo.

Eu: O quê que tá escrito aqui?

LC: Corretos, correção.

Eu: Corretos?

LC: É Assim quase dentro de um espaço de duas paralelas elétricas que transforma um vôo de elétrons retos, planos dentro daquele habitat de dois carros.

Eu: Ahn e por que DE SINDIFASCISMO?

LC: Agora, fascismo, é porque o fascismo é uma espécie de frequência, né? que pode ser notada, falando assim, o estado que eu quero dizer da onda, né? O estado da onda, né?, matemática. Seria um estágio de onda apagada, acordada, bem apagada e ao mesmo tempo um pouco ondulosa, né?

Eu: E o que que é fascismo?

LC: Então, fascismo seria isso também, é a minha opinião que eu tenho do fascismo.

Eu: Mas cê sabe o que é fascismo?

LC: Fascismo é um regime da Itália. Os italianos tentam derrubar os monopólios heterolíticos da cicatrização da lei e produzir uma lei cada vez mais saudável.

Eu: Monopólio o quê, LC?

LC: Monopólio heterolítico.

Eu: Teolítico?

LC: Heterolítico.

Eu: Heterolítico?

LC: Isso mesmo.

Eu: E o quê que significa isso?

LC: Ah seria o comprimento da evasão da carne, um melhor plurevalismo e uma conquista daquela meta que se quer a cada dia, a cada instante...

Eu: E aqui, VERDADE?

LC: Eletromagnitude de vinte ohms, trinta ohms, sessenta e seis ohms, cinquenta e cinco ohms, trinta ohms.

Eu: E por que quevocê definiu VERDADE assim?

LC: Eu não queria ensinar nada prá ninguém, porque se eles não entenderem que eles tão me forçando demais, tão causando a destruição do universo com esse sofrimento que eles tão preparando ou talvez rapar a cabeça, rapar a cabeça junto de um Jesus junto com um Buda, outra hora num rapar, né? que é o certo, num rapar que na certa Deus não gosta que faça isso. Só sei que eu tô me sentindo forte agora, encontrei uma pessoa que nem a senhora que a gente entende, um pouco da realidade do mundo. Por que eu tô muito triste doutora, tô triste mesmo, o que eu faço prá manter esse mundo de pé a cada dia, doutora. É terrível, eu corro mais que... acho que Gabriel no sétimo dia no céu não fazia o que eu faço. Agora não sei, num existe uma injeção prá mim que me dê um pouco de pulso no sangue prá mim pode fazer o que eu quero fazer em paz, sem ter que pagar imposto de renda prá pessoas mais doentes que querem saber exatamente o que que a gente tá falando, de onde a gente veio e, principalmente, não se liga na gente já hoje em dia, fica que nem pai e mãe desligado da gente, num querendo saber se o que a gente fala é aquilo que a gente é, se faz o que faz ou não faz, qual que é a verdade do mundo, eles acham que tomando uma água de coco num sei o que assim a vida inteira, que o mundo vai se manter belo, feliz, elimina-se a religião, dá um fim no Espírito Santo, em Jesus, em Jeová, Satanás, Miguel, (INCOMPREENSÍVEL), esses loucos do espaço, esses reis, esses mussolinis, embora sejam mais superior que a religião, Mussolini seja o pai da decantação, Hiroito o chefe da divindade, assim que o mundo tem solução desse jeito, né? O importante é trabalhar. Não basta que as pessoas tomem cuidado prá ter sentimento, acham que as pessoas deve ter sentimento e não ter cuidado prá ter sentimento. Depois põe uma máquina aqui nesses coitado que tem lá em cima, tem eu aqui em baixo, tudo, um curto circuito do que fala. Eu que não nasci nem saudável, nasci torto, quebrado, estourado, mas com o meu serviço em dia, muito bem ajudado pelas pessoas. De repente eu tô vendo que tá chegando a minha morte, tá chegando a hora de eu ser enterrado no chão, de eu passar cinco mil anos enterrado debaixo da terra, quem sabe eu nunca mais vou voltar a viver que nem muitos dos mortos que morreram, como todos os mortos que morreram e pô, parece que todo esse estudo que a gente fez de misticismo, de mesquinharia, de anti-sincretismo, anti-filosofia, anti-estrutura, anti-científico, analcientismo nótífico, parece que o que vale mesmo é terapia alemã, sabe, tia?

Eu: Terapia alemã?

LC: É NOTI, parece que coisa que nem o NOTI, que nem a TOSHIBA do japonês, que nem o SEIKO do suíço, essas marcas protegem o universo, dão vida, dão tudo pro ser vivo que quer viver, são superiores, agora não sei como provar prá essa gente toda que essas marcas não podem ser que sejam desligadas, pode ser que não estejam funcionando em lugar nenhum do mundo, pode ser que nem existam e se existem aí sim são mais perfeitas talvez até que eu mesmo, né?

LC: Se não existir a gente vai tentar um dia destruir o universo, na época que a gente achar que chegou a hora e depois fazer ele com a máquina do tempo viajar com métodos de reparação de matéria, fazer ele viajar quando se entender como se repara o som, a água, o gás, a luz, a treva, fazer o mundo viajar tudo de novo até ressuscitar todos os vermes, fazer viver todos os seres vivos dessa época bem, confortável, saudável, se der fazer o futuro existir também numa grande velocidade rápida, fazer o futuro também existir junto, estar lá o presente, o passado e o futuro, lá no céu o máximo que der prá se chegar, mas num certo dia que não se sabe exatamente quando vai ser esse dia, essa visão, esse constatamento perfídico, que é o que eu falo, né, tia?, também existe, sobrepaliência, oniposência, sobrepaciência, um modo de interferir no

controle das coisas, que nem aqui (LENDO) compensado rústico envolvente demais, demais mesmo. Compensado rústico, é rústico.

EU: O que que é rústico?

LC: O anel, doutora, o anel da cabeça da gente, esses anéis que a gente tem dentro da cabeça, pequenos plasmoglinfos.

Eu: Pequenos o quê?

LC: Plasmoglinfos. Pequenos plasmoglinfos.

Eu: O que que é plasmoglinfos?

LC: É a forma de arco que eu falo, né? Pequenos plasmoglinfos reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados, né? resistocados.

Eu: Mas o que que é plasmoglinfo?

LC: São os recromossomos aí, né?

Eu: O quê?

LC: Recromossomos.

Eu: Mas o que que é recromossomo?

LC: O que tem na cabeça da gente, né?

Eu: Me explica o que é recromossomo.

LC: É uma forma indivisível da matéria, inquebrável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve se desligar sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os fusíveis RST de três ampères cada um, passa por base em fase RST e depois é um circuito assim anti-dor, né? seria uma evasão da fé onde se consegue sentir nem dor, nem cansaço e o cansaço alimenta. Nem dor nem cansaço e o cansaço alimenta. Que nem falava Jesus dessas coisas.

Eu: Evasão da fé?

LC: Não, não é da fé. É a evasão do intuitismo, evasão do intuitismo, do florescimento, aprimoração, da retice, da requice, requice.

Eu: Que que é requice?

LC: Requice seria...(RINDO) sabe um tanque de guerra, né, doutora?

Eu: (RINDO) Ah, é de reco, né?

LC: De japo..., de brasileiro, o brasileiro mas não um tanque pintado de preto, um tanque pintado de verde mesmo, tentasse uma laser, caixinha laser assim, saia derrubando árvore de eucalipto na rua.

Eu: Isso é requice?

LC: Isso é requinte.

Eu: Requinte?(rindo)

LC:(rindo) Requinte, pá pá pá, derrubava tudo. O corguinho ia descendo, o coitado do pé de eucalipto levava descargas elétricas de tudo quanto é tamanho, o comandante do meta, o comandante meco ia destruindo as árvores, tacando fogo em matéria verde, tacando fogo em matéria verde.

Eu: LC, Tá na hora da gente ir pro grupo de medicação.

LC: Eu vou escrever uma palavra aqui.(ESCREVE AZUL) AZUL, Né?

Eu: Hum hum.

LC: (LENDO ENQUANTO ESCREVE)“menos compatibilidade antes do...

Eu: Você não escreveu ANTES.

LC: sendecitismo nívico de dois graus de matéria a três graus.

Eu: (LENDO) “menos compatibilidade”, você ia escrever ANTES, não é isso?

LC: Não.

Eu: É DO DO, mesmo?

LC: “menos compatibilidade do sendecitismo nívico de dois por cento de matéria a três graus centígrados.

Eu: Mas o que que é SENDECITISMO?

LC: Ah, agora não sei, agora eu não consigo analisar, o relógio da senhora tá...

Eu: Interferindo?

LC: Tá interferindo na cabeça.

Eu: Esse relógio chato, fica aí. Pronto tirei ele, não tá mais interferindo?

LC: Não, agora não.

Eu: Então fala prá mim o que que é SENDECITISMO?

LC: SENDECITISMO seria um, um vasto continente gelado, né, doutora?, a América. Um vasto continente gelado.

Eu: E o nóvico?

LC: Nóvico? A Europa florescida, né? A Europa florescida, intransigente seria a África ou a Austrália tomando um banho de sol, né?, tomando um banho de sol.

Eu: Então tá bom, então vamos terminar...

LC: Eu, por exemplo, sabe, doutora?

Eu: Hum?

LC: Eu descobri, perai um pouco, (COMEÇANDO A ESCREVER) deixa eu mostrar, quinze graus centígrados, não é bem quinze graus centígrados, noventa e nove dá nove igual nove oito um, um nove sete vezes três dá cinco sete seis, agora seis sete nove dividido por quinze ou dezessete mesmo é igual a sete.

Eu: Hã? E o que que é isso aí, conta?

LC: Não sei, doutora.

Eu: Tá bom, depois eu vou ver se eu entendo.

27/06/95

LC: Sabe por que que eu sou doente, tia?

Eu: Hum?

LC: Porque eu não entendo nada de saúde. A única coisa que eu entendo que me faz viver, eu tô descobrindo agora, só que eu não tenho certeza, sabe o que é tia?

Eu: Não.

LC: O sangue O negativo.

Eu: O que que tem o sangue O negativo? Esse é o seu tipo de sangue?

LC: Eu tenho sangue O negativo, é. Azedo, tenho sangue azedo, ao mesmo tempo salgado, ao mesmo tempo amargo. Ele fica ao mesmo tempo azedo, salgado e amargo.

Eu: Você machucou a mão, LC?

LC: Machuquei.

Eu: Onde você machucou?

LC: Não lembro.

Eu: Esqueceu, né?

LC: Esqueci. Não, foi ali na cerca de arame, fui apanhar cana mas aí tinha um buraco no lugar que eu pisei, aí escorregou e a mão ficou no arame que eu pensei que não ia ficar, ficou no arame.

Eu: Você passou remédio depois? Desinfetou? É perigoso arame enferrujado...

LC: Depois eu sai, pus a mão no arame de novo sem cortar sem nada, aí eu pedi pro arame curar, mas ele não quer curar, aí eu fui na Neusa, a Neusa fez eu lavar bem e pôs merthiolate. Mas não tá bom ainda não, ainda tá aberto.

Eu: Vai ficar bom. Posso ver seu desenho?

LC: Pode.

Eu: O que que você desenhou?

LC: Minha vida.

Eu: Sua vida?

LC: Como que eu acho que é minha célula.

Eu: Tem umas coisas escritas aqui, posso ler?

LC: Pode.

Eu: (LENDO) "Se vocês não tirarem eu deste hospital, eu vou aprontar uma boa prá vocês, já estou fazendo e ainda faço mais ainda. Eu só eu."

LC: Mas não é vingança, não. Fugí de casa não adiantou nada.

Eu: Não entendi o que está escrito aqui.

LC: (LENDO) "Assinatura que lá vai, que lá vai, não falei mesmo contra o meu pai e minha mãe." Mas eu falei que eu quero que eles me dê alta de qualquer jeito meu pai com a minha mãe, não tô falando do pessoal aqui, não.

Eu: Mas quem tem que te dar alta?

LC: Meu pai com a minha mãe tem que arrumar um jeito de me curar, eles não podem continuar me sugando eu desse jeito. Que como eu o meu pai e minha mãe tem sangue O negativo, também, tá? O meu pai vai fazer exame, arruma um jeito de pôr no exame que o RH dele é positivo e que o sangue dele é AB, isso que ele fala. Só prá dizer que os dois são birutas, os dois são doentes, são são malucos.

Eu: Os dois quem?

LC: Os dois, meu pai e minha mãe. Eles falam que são doente, não sei o quê, mas eu sei que eles não são doentes. Eles falam que tão ficando doente de ver o que eu falo em casa, não se o quê, que ficam doente, que tão doente. que não querem saber do que eu falo. Querendo me expulsar até de casa, não gosto do que eles falam, eu tô com medo de ficar em casa, tô com medo de uma certa hora dessa meu pai ir lá conversar com o cachorrinho no quintal dos outros e o cachorrinho “au au au eu sou Jesus, eu sou Jesus pega o seu filho e corta o pescoço dele que ele sara”, aí ele vai lá catar a faca e é capaz dele vir cortar o meu pescoço.

Eu: Você acha que o seu pai é capaz de fazer isso?

LC: Eu acho.

Eu: Será que isso não é coisa da sua cabeça?

LC: Não é tia.

Eu: Seu pai me pareceu muito calmo.

LC: Ele é calmo, mas às vezes ele é muito nervoso também, de vez em quando, tia.

Eu: Mas todo mundo é assim. Você também não é?

LC: Eu sou um pouco, tia, eu sou um pouco, mas não sou muito não. Eu não sei pensar.

Eu: É claro que você sabe pensar.

LC: Num é, tia, é que aniquilaram todas as minhas possibilidades de falar o que eu quero, dizer o que eu quero, fazer o que eu quero. Fico olhando as plantas, tia, eu vejo nascer jabuticaba, caju, limão, laranja, tomate, tudo da árvore, e ainda quando a gente chega perto de um pé de manga, o pé de manga dá mais bonito que as outras coisas, deixa a gente biruta. Que a manga dá mais bonito do que as outras frutas. Eu gostaria de ser um pé de amora, um pé de limão, um pé de laranja brava, um pé de limão bravo, limão cravo, um pé de jiló, qualquer coisa assim, foi justo eu ficar perto da maçã, do tomate, da uva, maçã, tomate e uva, fico perto desses três, não sei prá que que serve o que eu falo, que que eu faço prá sair dessa. Que eu chego perto do pé de mangueira eu sinto todo o rancor que o pé de mangueira tem.

Eu: Ele tem rancor? Contra quem?

LC: Ah contra as pessoas mais clara, mais calma, mais brava principalmente, normal, o pé de manga fica roendo a gente, o pé de planta, fica roendo a gente, ainda tem as manga, as manga então, se a gente olha torto prá elas, elas acerta a gente na cabeça, como se fosse vivo.

Eu: (APONTANDO PARA UMA ÁRVORE PRÓXIMA) Isso aí é um pé de manga?

LC: Dois pés de manga, aí ó parado aí enchendo o saco.

Eu:(Rindo) Enchendo o saco?

LC: Falando que tá vivo.

Eu: Mas eles estão vivos.

LC: Não. Então, falando que tá vivo.

Eu: É outro tipo de vida, vida vegetal, mas é vida.

LC: Isso parece um troço assim desse tamanho de elefante que tá de pé ali prá pegar a gente, mas tá de pé ali só prá acabar com a gente.

Eu: Olha lá que pássaro bonito. Que pássaro é aquele? Você conhece?

LC: Gavião.

Eu: Gavião?

LC: É.

Eu: Você gostaria de poder voar assim?

LC: Eu gostava, tia. Se eu pudesse voar assim, eu gostava. Eu já sei voar, tia.

Eu: Sabe?

LC: Eu sei. Se eu quiser levantar vôo eu sei.

Eu: Você não quer me ensinar?

LC: É só fazer assim, tia.

Eu: Bater os braços?

LC: É.

Eu: Deve ter alguma coisa mais, ó não voei. O que que falta?

LC: Falta enzima no corpo. Enzima, né, tia?

Eu: Por quê que falta enzima?

LC: Por que, pô, se a senhora tivesse uma boa enzima no corpo, a senhora teria mais capacidade prá voar mais rápido.

Eu: E você, tem?

LC: Ah, isso eu acho que eu não tenho também. Tenho compreensão, né? Enzima mesmo não é fácil não. Enzima não é fácil de roubar, tem que chegar perto de um pé de pinheiro, catar uns três galhos de pinhão, puxar a casaca assim e chupar aquele leite.

Eu: A seiva do pinheiro?

LC: É.

Eu: E aí faz a gente voar?

LC: Aí dá prá voar. (SILÊNCIO)

Eu: LC, você consegue repetir aquela definição de mistério que você deu hoje no grupo da Sula?

LC: Mistério é um fluids que excreta a compatibilidade misturada do cérebro hormonal com a relatividade do operador nougat que leva em sistema três princípios: aceleração, cicatrização e umectação, depois a pessoa consegue também arrumar dinheiro prá se manifestar, não se ponderar.

Eu: Mas você tinha definido mistério como "uma flor platinada de vasúvia colocoída", como que é? Você mudou sua definição de mistério, por quê?

LC: Hum. Não lembro, tia.

Eu: Mistérios são muitos, né?

LC: Mistério tem prá caramba, mistério não acaba nunca. Sabe, tia, do mesmo jeito que existe a vida, existe a morte. Depois se a gente virá vida e aparecer alguém morto vai acabar com a gente, porque ele tem o cérebro diferente do da gente. Tentar cicatrizar o aço em terceiro lugar, acho que aí dá certo. Em primeiro lugar seria a aproximação da saúde que a gente procura com toda força, em segundo seria um produto dietético que a gente produzisse no corpo da gente com ginástica e em terceiro cicatrizar o aço, o aço do corpo da gente.

Eu: Que aço, LC?

LC: Esse aço eu acho que é uma pilha, uma fonte de força incapaz de ser destruída, uma super forma de força, a pessoa come aquele aço, a pessoa não tem mais vontade de perder o aço de jeito nenhum. Quando é preciso o aço sair de um lugar prá ir pro pênis na hora do casamento, tudo, aí sai senão num sai.

Eu: O aço não é o sangue, então?

LC: É o sangue. Em primeiro lugar o sangue, mas não só o sangue o osso também, o osso principalmente, a medula, e aquela casca que fica embaixo do osso com uma membrana que não deve ser transformado em membrana, deve ser recuperado e transformado em aço. Agora não sei exatamente, direito, a composição desse aço aí, tia, como é que é a composição desse aço. Eu acho que eu tenho um aço muito bom no meu corpo, mas eu já vi, eu vi numa revista lá dentro uma moça com um peito assim, tia, mas não era peito de carne, era uns ferro assim, uns ferrinho, uma humanóide, OVNI, né?. Ela tinha os peitos com um monte de ponta assim dos dois lados, embaixo do braço também acho que devia de por por que ela não tem, acho que devia por um aqui (APONTA PARA A CABEÇA), um aqui (IDEM) e depois ainda falta um aqui nas costas. Mas isso na mulher, né?, porque o homem é mais atrasado.

Eu: Você acha que a mulher é mais avançada, evoluída que o homem?

LC: É. A mulher é mais avançada então uma vez que ela é perfeita, ela sofre perto dos homens. A mulher, por exemplo tem útero, dois ovários, um útero, vagina, mais prá cima, como é que fala?, uma espécie de apêndice, depois tem apêndice, tem vesícula, tem rim, tem fígado, tem pancreas, o que mais que a mulher tem?, intestino grosso, intestino delgado. A mulher sempre foi mais cuidada pelo homem do que o homem cuida da mulher ou pode ser que não também, né?, pode ser que a mulher é que fica fazendo a comida em casa, ainda não sei. O que eu queria descobrir mesmo é quem tomou mais energia: o homem ou a mulher.

Eu: Energia?

LC: Energia solar, energia elétrica, aço, coisa assim, energia cósmica, energia neutra, positiva, negativa, um monte de coisas. Por exemplo, tia, o que quer dizer um méson, um pósitron, um ânion, um cátion, o que quer dizer um neón, que, pô, eu tenho medo dessa turma que fica cheirando gás em casa, eles cheiram muito neón, tia.

Eu: Quem cheira gás?

LC: Uns maluco que vem aqui, uns negão.

Eu: É? E o que que acontece quando cheira neón?

LC: Ah, dá um ritmo acelerado, né? Da saúde de verdade nas pessoas. Eles fazem um buraco aqui, tia (APONTA O UMBIGO), depois põe aquela tampa no lugar e põem um pirulito dentro, um pirulito de carne dentro da barriga.

Eu: Hum?

LC: Prá fazer mal pros outros, prá virar rei, virar rainha, aí quando o médico chega a pessoa já tá mais adiantada do que o médico. É que nem a cabeça da formiga, tia, você já viu as formigas?, a cabeçona que as formigas têm?

Eu: Já vi.

LC: Formiga é o bicho mais terrível do universo inteiro, deve ser pior do que um cachorro, um gato ou uma galinha.

Eu: Por quê?

LC: Por que a forma física é um diagrama superior.

Eu: Você tá dizendo que a forma física traduz o que a gente é?

LC: Ô, tanto que um ser humano se ele quiser morrer, basta ele mexer com um animal qualquer que tenha aí na rua, que o animal é mais terrível, que o animal ele tem a raiva por condição mesmo, não é nem por relatividade ou qualquer coisa assim, o cachorro tem a noção de fazer o mal mesmo, cachorro, galinha, esses bichos todos roga praga na gente.

Eu: Tem algum que não tenha essa condição de ser mau por natureza?

LC: O pato, né, tia?, o pato é o único animal mais quieto, o pato.

Eu: Por quê que você acha...

LC: Bom, porque o pato ele é criança, tem mente de criança de verdade, faz assim “Quenque, quenque, quenque, quenque, quenque”, o pato faz “quenque”, agora os outros não, os outros é “Auuuuuuu, au au au, miauuu”, tudo treinado mesmo se alguma coisa acontece os bichos começam a rodear da direita prá esquerda, da esquerda prá direita, tomam aquele banho perto da gente vai dormir, vai descansar e vai embora.

Eu: E o passarinho?

LC: O passarinho eu não sei direito, tia, passarinho não consegui estudar, mas eu acho que o passarinho é o animal mais esperto do mundo, o passarinho nunca foi bom, o passarinho é o bicho que produz a guerra, a discórdia, o pecado, a traição, a dor, essas coisas assim, o passarinho, os insetos. Ah, não ser que não sejam eles, que, pô!, olha esses figos aí, tia, esses figos tão rindo da nossa cara. Eu queria tomar uma injeção de choque, mas não só esses comprimidos que eu tomo aqui, eu queria tomar uma injeção.

Eu: Prá quê?

LC: Mas não bem injeção de choque, eu queria tomar um comprimido mais forte eu, tomar três de uma vez.

Eu: Você não disse hoje no grupo de medicação que era trágico tomar remédio?

LC: Não mas esse remédio não faz mal.

Eu: Qual é o efeito do remédio?

LC: Ah, deixa a gente assim como se fosse assim um sal mineral, sais minerais, a gente se sente como se fosse feito de sais minerais, como se tivesse um elo em volta da gente com raízes tudo apontado prá não pegar ele e que fosse totalmente saudável.

Eu: E quando você não está tomando remédio, como é que você se sente?

LC: Ah, quando eu não tô tomando remédio eu tenho medo, eu começo a sentir coisas que eu tenho medo de eu não ter o rim, o fígado, a vesícula boa de verdade. O remédio é uma flora, uma fauna, uma pesca e tudo, o remédio é a atividade da pessoa escrita, a atividade do trabalho, atividade do registro.

Eu: Você não acha que você pode ficar sem o remédio, LC?

LC: Ah, não, tia, não sei, tenho medo de produzir um efeito trágico a falta do remédio.

Eu: Por exemplo?

LC: Que nem batom de mulher, tia.

Eu: Hum?

LC: Mulher passa batom na boca e fala, vai ver é uma camada de óleo, película de óleo fininha que tem na boca dela. Uma vez eu beijei uma neguinha aí, tia e tinha uma tal que eu falava que era Miguel, uma menina maluca que tinha aí, eu pensava que era São Miguel, beijava a menina, tia, ficava que nem uma camada de pele assim por cima da minha pele eu queria tirar e não conseguia tirar, nem lavando com ácido, com sabão, com detergente, passando álcool, não saía.

Eu: Por quê você achava que ela era São Miguel?

LC: Ah, porque ela era legal, ela tava me ajudando a viver. O que eu gosto mesmo, tia é desses negócio aqui. (TIRA DO BOLSO UM DROPS)

Eu: Bala?

LC: Pastilha Garoto, chiclete Adams, chiclete Ping Pong, Ploc, Babaloo, Bolin Bola, chocolate, como de tudo, tia, o que aparecer prá mim vai. O meu mal é não ir atrás de mulher, tia, me sinto muito feio, eu não sei, tia, acontece que eu tenho uma cabeça quando eu apalpo ela, né?, quando eu olho no espelho eu vejo uma cabeça assim desse tamanho (GESTO INDICANDO UMA CABEÇA IMENSA) de vez em quando, como se tivesse uma alma se pensando ali prá me manter daquela forma, se queimando, se derretendo, se torturando ali prá produzir um sofrimento na minha cabeça prá eu continuar a ficar daquele jeito. Posso desenhar, tia?

Eu: Claro, eu vou pegar o papel. O quê que você desenhou?

LC: Hum? Um robô.

Eu: Um robô?

LC: É igual ao que eu penso que eu sou.

Eu: É complicado esse seu robô.

LC: Por isso é que eu sou assim. Sabe o que eu acho, tia?

Eu: Hã?

LC: Que tudo o que a gente faz ou a gente aprende ou a gente estraga o ambiente. A gente desenha no papel, o papel assume a posição do que a gente fez, nesse mundo nada é neutro, assume o desenho, assume a forma, tudo é forma. Que nem o carro a gente lava ele, ele fica lavado prá sempre, o material dele é diferente do terráqueo. O terráqueo ele toma banho e fica limpo, dali umas horas por que ele tem condicionamento de saúde de suar, ele gosta de suar prá se limpar, prá manter o ritmo por causa da biologia superior de saúde, ele acaba suando de novo, agora o carro não, o carro só suja mesmo porque a terra cai nele, por que cai folha, cisco, eletrecidade, umas coisas assim, que não é, né? Mas, pô!, se ele ficar do jeito dele depois que lavar ele não precisa lavar nunca mais. O corpo da gente é uma caixa, né?, um aquário, uma caixa, um cano, um poste, uma árvore, um banco, uma madeira, qualquer coisa, agora espírito mesmo, essas coisas que amoremcem, seria ou irmão da terra, do chão, do ser vivo ou então qualquer coisa que pega na gente, por ele por alguma coisa, alguma forma de energia estranha. Eu só tenho esse papo mesmo, tia. Eu nasci estudando a eletrônica. (APONTANDO A FIGURA DA CAPA DO LIVRO "AMOR DA LÍNGUA) É eu mesmo, tia, é que nem eu, mas não com essa cara, né?

Eu: (RINDO) Por quê que é que nem você?

LC: Que a minha cara é quase igual essa, mas não é isso, não. Eu não sei tia, só fiz eletrecidade e forma e conhecimento, essas coisas, eu não sei pensar que nem as pessoas, falar de carinho, por isso que eu não falo isso, minha cara também acho que não fica mais bonita prá eu poder fazer as coisas que eu penso em fazer, tia, casar, essas coisas.